

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DO SERTÃO PERNAMBUCANO - CAMPUS PETROLINA ZONA RURAL  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA (PROF-FILO)**

**GINEIDE CAVALCANTE NUNES DE CARVALHO**

**O DIÁLOGO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA DA FILOSOFIA EM SÓCRATES  
E PAULO FREIRE**

**PETROLINA-PE**

**2026**

GINEIDE CAVALCANTE NUNES DE CARVALHO

**O DIÁLOGO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA DA FILOSOFIA EM  
SÓCRATES E PAULO FREIRE**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia do Instituto Federal do Sertão Pernambucano como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. **Área de concentração:** Ensino de Filosofia.

**Linha de pesquisa:** Práticas de Ensino de Filosofia

**Orientador:** Prof. Dr. Sebastião Francisco de Almeida Filho.

PETROLINA-PE  
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

- C331 Carvalho, Gineide Cavalcante Nunes.
- O diálogo como estratégia didática da filosofia em Sócrates e Paulo Freire / Gineide Cavalcante Nunes Carvalho. - Petrolina, 2026.  
148 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina Zona Rural, 2026.  
Orientação: Prof. Dr. Sebastião Francisco de Almeida Filho.
1. Filosofia. 2. Diálogo. 3. Estratégias Didáticas. 4. Ensino de Filosofia. 5. Sócrates.  
I. Título.

CDD 100

---

GINEIDE CAVALCANTE NUNES DE CARVALHO

**CONTEXTUALIZAÇÃO E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO  
DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia do Instituto Federal do Sertão Pernambucano como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. **Área de concentração:** Ensino de Filosofia. **Linha de pesquisa:** Práticas de Ensino de Filosofia

Aprovada em: 06 de março de 2026.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.º Dr. Sebastião Francisco de Almeida Filho.( Orientador)

Instituto Federal do Sertão Pernambucano

---

Prof.º Dr.André Ricardo Dias Pinto. (Examinador externo)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

---

Prof.º Dr.Pedro Augusto de Castro Buarque Silva. (Examinador interno)

Instituto Federal do Sertão Pernambucano

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, toda honra e glória, por preparar essa oportunidade e me conduzir por todo o processo desse Mestrado. Preparando esse curso e ainda a oportunidade de ser bolsista. Por cada providência, obrigada.

Gratidão ao meu esposo e meus filhos, pelo apoio e paciência nos momentos difíceis, nas viagens que tive de ir apresentar trabalhos e demais estudos.

Agradeço também ao meu professor orientador Dr. Sebastião Francisco de Almeida Filho, pelo apoio, e dedicação na condução de todo o processo de pesquisa. Aos membros da banca: Dr. André Ricardo Dias Pinto e Dr. Pedro Augusto de Castro Buarque Silva, vocês foram muito importantes na minha trajetória.

Agradeço a todos os professores e colegas da minha turma de Mestrado, todos foram fundamentais nessa jornada. Sempre unidos no propósito da busca pelo conhecimento.

Aos meus queridos alunos que participaram prestativamente da minha pesquisa de mestrado, vocês são uma benção.

Agradeço o apoio no financiamento à minha ideia à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Pude crescer como pessoa e profissional em todo esse processo.

Obrigada a todos.

## RESUMO

Esse trabalho voltou-se à reflexão acerca do Diálogo como Estratégia Didática da Filosofia, e também da importância de um ensino contextualizado. Partindo do conceito, importância e a análise de estratégias didáticas satisfatórias aplicadas ao ensino de Filosofia, em especial do Diálogo aplicado ao ensino. Buscou-se refletir sobre a teoria e prática mediados também pelos recursos didáticos adequados no dia a dia educacional. Elementos fundamentais para a construção de um ensino de Filosofia dialógico. Seu teor é primordial para a Didática e Prática da Filosofia. As ações empregadas nesse estudo, foram o levantamento bibliográfico de diferentes autores que dissertam sobre a prática pedagógica e no segundo momento a pesquisa de campo com alunos do ensino médio. Utilizando análises bibliográficas de livros, artigos, entre outros, para auxiliar no desenvolvimento do tema proposto. Foram elencadas ideias de diversos teóricos como: Sócrates, Freire e Kohan. Esse estudo contribui significativamente para a Docência em Filosofia no Ensino Médio e de forma geral. A partir dos conhecimentos analisados discute-se como deve ser a Didática da Filosofia e qual a relevância do Diálogo para a aprendizagem. Pensar sobre o ensino de Filosofia envolve diversas implicações, entre elas analisar a prática pedagógica da mesma, e perceber as concepções Teórico-metodológicas que imperam o cenário educacional atual brasileiro. Como pesquisa de um Mestrado Profissional de Filosofia, contribui para um pensar filosófico, pensar dialógico, que questiona, busca, investiga e correlaciona os assuntos do ontem e de hoje e traz a aplicabilidade prática no ensino da Filosofia a partir de um produto educacional que é a cartilha.

**Palavras-chave:** Diálogo; Estratégias Didáticas; Ensino de Filosofia; Sócrates; Paulo Freire.

## ABSTRACT

This work focused on the reflection on Dialogue as a Didactic Strategy for Philosophy, and also on the importance of contextualized teaching. Starting from the concept, importance and analysis of satisfactory didactic strategies applied to the teaching of Philosophy, especially Dialogue applied to teaching. The aim was to reflect on theory and practice also mediated by appropriate didactic resources in everyday educational life. Fundamental elements for the construction of a dialogical teaching of Philosophy. Its content is essential for the Didactics and Practice of Philosophy. The actions employed in this study were the bibliographical survey of different authors who discuss pedagogical practice and, in the second moment, field research with high school students . Using bibliographical analyses of books, articles, among others, to assist in the development of the proposed theme. Ideas from various theorists were listed, such as Socrates, Freire and Kohan. This study contributes significantly to Philosophy Teaching in High School and in general. Based on the knowledge analyzed, we discuss how Philosophy Didactics should be and the relevance of Dialogue for learning. Thinking about the teaching of Philosophy involves several implications, including analyzing its pedagogical practice and perceiving the theoretical-methodological concepts that prevail in the current Brazilian educational scenario. As research for a Professional Master's Degree in Philosophy, it contributes to philosophical thinking, dialogic thinking, which questions, searches, investigates and correlates the issues of yesterday and today and brings practical applicability to the teaching of Philosophy based on an educational product that is the primer.

Keywords: Dialogue; Didactic Strategies; Teaching of Philosophy; Socrates; Paulo Freire.

## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2-ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL</b> .....	<b>18</b>
2.1 O período Colonial até o século XX.....	18
2.2 O Ensino de Filosofia no século XX até a LDB 9394/96 .....	26
2.3 A lei Nº 11.684 de 2 de Junho de 2008.....	30
2.4 O ensino de Filosofia após a Reforma do Ensino Médio e o Novíssimo Ensino Médio.....	31
<b>3-A MAIÊUTICA SOCRÁTICA E A DIDÁTICA FREIREANA NO ENSINO DE FILOSOFIA</b> .....	<b>38</b>
3.1 A Maiêutica Socrática .....	38
3.2 A Didática de Paulo Freire.....	48
3.3 Aproximações entre Sócrates e Freire .....	60
<b>4- EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE FILOSOFIA NO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO AGNALDO ALMEIDA</b> .....	<b>69</b>
4.1 A escola campo de estudo .....	69
4.2 A Didática e o ensino de Filosofia .....	73
4.3 A Filosofia no Currículo da Bahia .....	82
4.4 Compreensões da Filosofia a partir da fala dos discentes da escola estudada. ....	84
4.5 Proposta de Didática.....	101
4.5.1 Estratégias Didáticas. ....	108
<b>5- CONCLUSÃO</b> .....	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>114</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>119</b>
<b>ANEXO A (MATRIZ CURRICULAR DA BAHIA)</b> .....	<b>119</b>
<b>ANEXO B (QUESTIONÁRIO)</b> .....	<b>123</b>
<b>ANEXO C (CARTILHA)</b> .....	<b>125</b>

## 1-INTRODUÇÃO.

A Filosofia impulsiona a uma busca pela sabedoria, pelo conhecimento racional, afastando-se de meras suposições ou achismos, para encontrar um saber fundamentado e autêntico, relacionado no meio em que se vive. Essa busca tem se estendido por diversas gerações, nos mais diversos espaços geográficos. A noção precípua da Filosofia<sup>1</sup> como amor à sabedoria, instiga à preocupação com a construção de um ensino de Filosofia voltado para a sua gênese, que é o processo de conhecer, de gerar os saberes, perpassa também analisar os meios que se associam a esse processo do aprender filosófico.

Dessa maneira, o destaque dessa obra e tema central é o Diálogo como Estratégia Didática da Filosofia em Sócrates e Paulo Freire, discutindo a importância de estratégias didáticas satisfatórias e sua influência no ensino de Filosofia, fazendo a reflexão sobre a teoria e prática mediados também pelos recursos didáticos, no dia a dia educacional. As estratégias didáticas, em especial a dialogicidade no ensino da Filosofia, representaram elementos fundamentais para a construção de um ensino dialógico. A escolha do tema foi devida a experiências anteriores no curso de Magistério (Normal Médio) e na Graduação, ao estagiar e pensar sobre elementos que compõem o ensino e os agentes envolvidos nele, questionar e querer aprofundar ainda mais o saber e analisar a fundo o processo de aprendizagem da Filosofia, surgiu essa pesquisa voltada às práticas de ensino.

Partindo desse pressuposto *a priori*, pretende-se averiguar a seguinte problemática: Os Métodos de ensino (em especial o diálogo-Maiêutica Socrática) podem afetar as aulas de Filosofia no Ensino Médio e qual a influência dos mesmos para uma aprendizagem significativa da Filosofia no ensino médio? Por meio desse projeto serão feitas as investigações dessas problemáticas e o resultado será uma contribuição para a Didática e Prática da

---

<sup>1</sup> A palavra filosofia é composta pelos vocábulos gregos *phylos* (amizade, amor) e *sophia* ( sabedoria) e significa amor pela sabedoria. Atribui-se a Pitágoras (VI a.C.) o primeiro uso da palavra filosofia, no sentido de “amor pela sabedoria”, experimentado apenas pelo ser humano consciente de sua ignorância.” Filosofar é reconhecer a própria ignorância e buscar soluções para as dúvidas e respostas ao desconhecido. Analisa questões relacionadas à humanidade, tais como: A vida, justiça, igualdade, política, bem, mal. Sempre perguntando, o que é isso? Por que isso? E a partir de então buscar responder as indagações. (Berutti, 2021)

Filosofia, a partir dos conhecimentos obtidos, providências podem ser tomadas para melhorar o cenário educacional. São perguntas que moveram a uma busca por respostas, embasadas em fundamentações teóricas e práticas.

O Objetivo Geral da pesquisa é: Pesquisar a relevância das metodologias didáticas e da dialogicidade (Maiêutica Socrática) para o ensino de Filosofia, e qual a influência dos métodos de ensino na construção de uma aprendizagem significativa da Filosofia no ensino médio. Os Objetivos Específicos são: - Conhecer diferentes abordagens didáticas nas aulas de Filosofia do Ensino Médio. - Investigar a relação teoria e prática nas aulas de Filosofia do Ensino Médio em Santana do Sobrado, Casa Nova-BA.- Fornecer diferentes estratégias metodológicas nas aulas de Filosofia do Ensino Médio, para a construção filosófica crítica reflexiva.- Propor aos docentes moderna metodologia “reflexiva” na aplicação das aulas de Filosofia do Ensino Médio, por meio do produto educacional ( cartilha).

O presente trabalho se justifica por ser de extrema relevância para a docência em Filosofia, pois, visa observar e investigar a prática pedagógica do atual contexto educacional, analisar se tem havido a contextualização nas aulas de Filosofia do Ensino Médio, quais as estratégias didáticas utilizadas e a influência das mesmas para a aprendizagem, em especial o papel de um ensino dialógico nas aulas de Filosofia, onde há o apreço pelo saber do outro, como explicitava o grande Sócrates e mestre Paulo Freire Trazendo assim o respeito às diferenças de pensamento e a construção de uma educação sociocultural e filosófica.

A partir desse pressuposto, propor uma metodologia Dialógica, que é um método baseado primordialmente no diálogo, debatendo conceitos, ideias e chegando a um conhecimento racional, muito importante para a melhoria na formação filosófica do ensino aprendido. Essa Dialogicidade está centrada em Sócrates com sua Maiêutica (o parto das ideias) e Paulo Freire, com a aprendizagem voltada para aluno. Esta abordagem está ajustada à linha de pesquisa: Práticas de Ensino de Filosofia, pois, visa subsidiar a Didática da Filosofia. Pretendo unir ambas as teorias e fazer uma releitura das mesmas, trazendo à tona o potencial e autonomia do educando, mas também sem desprezar as estratégias dos docentes.

Nessa perspectiva se espera alavancar significativamente a Docência, ao propor a reflexão para a construção de saberes indispensáveis à prática educativa. Contribuindo para a Didática da Filosofia do Ensino Médio no propósito do crescente ensino pedagógico.

A praticidade desse projeto de pesquisa fomenta os docentes e discentes na construção do conhecimento da razão filosófica, e o aperfeiçoamento na sua aplicabilidade prática na melhoria da qualidade do ensino. Logo, está totalmente entrelaçado com a ideia primeira da Filosofia, que é a busca da razão. E através desse projeto trazer saberes docentes envoltos nas luzes da racionalidade, oferecendo assim meios para a sua aplicabilidade prática e melhoria educacional, construindo um ensino dialógico e eficaz.

Desse modo, analisaremos de forma teórica e prática as estratégias didáticas, ou seja, práticas pedagógicas de alguns professores de Filosofia e a influência das metodologias empregadas na aprendizagem dos alunos do Ensino Médio no Colégio Estadual do Campo Agnaldo Almeida em Santana do Sobrado, Casa Nova- BA, na pesquisa de campo. Por conseguinte: conhecer diferentes abordagens didáticas na docência de Filosofia do Ensino Médio, investigando a relação entre teoria e prática nas aulas de Filosofia do Ensino Médio.

Os teóricos-base desta pesquisa são: Sócrates, para a grande maioria considerado o principal filósofo de toda a humanidade, pois, tornou a Filosofia viva e levou à sua repercussão na Grécia Antiga e até hoje é notório o seu saber. Tomando por base os ensinamentos dele a partir do seu método dialógico, com ênfase na Maiêutica onde: o diálogo é o instrumento da maiêutica, que dá a luz ao conhecimento, através de um jogo de perguntas e então chega-se ao verdadeiro conhecimento através da palavra, para levar os ouvintes ao conhecimento. Mas sempre sendo consciente que ninguém sabe de tudo e reconhecendo a sua ignorância. Contribuindo assim para a busca constante do aprender. As principais obras utilizadas, para pesquisa e algumas foram trabalhadas em partes em sala de aula com os alunos, foram: Apologia de Sócrates, Banquete, A República, Fédon e Diálogos I, Sócrates não deixou nada escrito, mas coube a seu discípulo Platão eternizar seus ensinamentos.

O outro importante teórico utilizado foi Paulo Freire, a partir do conceito de educação dialógica, na qual o professor não transfere conhecimentos, mas propicia meios para que eles ocorram, sendo contrário a uma educação bancária, onde o professor deposita o saber e o aluno só recebe passivamente. Ele busca uma educação emancipadora do indivíduo, que vive oprimido pelas relações sociais e materiais, Freire diz que a educação deve respeitar a cultura do aluno, então surge a necessidade da contextualização no ensino (Freire, 2023). Sendo assim, o aluno deve ter um papel importante e ser um sujeito ativo dentro do processo de ensino-aprendizagem e o professor o mediador desse processo. As principais obras utilizadas foram: *Pedagogia do oprimido*, *Por uma pedagogia da pergunta*, *Pedagogia da esperança* e *Pedagogia da autonomia* nas quais o autor explicita detalhadamente como essa interação aluno-professor deve ocorrer de forma a respeitar os saberes prévios do indivíduo.

E também numa releitura feita por Walter Omar Kohan (2011) que corrobora a importância de uma educação democrática, onde o aluno tem papel importante na sua aprendizagem. Nos trabalhos dele sobre Paulo Freire e sobre Sócrates: "*Sócrates & a Educação*", no qual se analisam as principais ideias socráticas e sua aplicabilidade no ensino de Filosofia e também, "*Paulo Freire: uma biografia filosófica*", comentando toda a trajetória do patrono da educação brasileira e suas contribuições para a educação como um todo e para o ensino de Filosofia.

As ações empregadas nesta pesquisa, em primeiro momento foram: o levantamento bibliográfico de diferentes autores que dissertaram sobre a prática pedagógica, em especial do campo filosófico, mas os selecionados foram os supracitados. Além de outros utilizados ao longo do trabalho como Gallo (2012) que debate sobre a metodologia do ensino de Filosofia, Horn; Teixeira (2017) abordam sobre a Didática do Ensino de Filosofia na atualidade e Nascimento (2023) ao traçar as leis educacionais nas quais a Filosofia está embasada.

No segundo momento foi feita a intervenção, ou seja, a investigação da relação teoria e prática nas aulas de Filosofia do Ensino Médio. Por meio de questionários, resumos de textos filosóficos e sequência didática aplicados com alunos do primeiro ano e segundo ano do Ensino Médio, na escola campo de

estudo, estes foram meios de verificar como aconteceu a construção de saberes de acordo com os métodos empregados e se pesquisar sobre a problemática já mencionada. O parecer do CEP número: 7.611.721, aprovou essa pesquisa.

A mediação em sala de aula contou com a aplicação de diferentes estratégias metodológicas nas aulas de Filosofia do Ensino Médio, aplicados nas sequências didáticas, envolvendo o uso de diferentes metodologias tais como: rodas de conversa, debates, júri simulado, apresentação de peça teatral sobre principais filósofos e aprendizagem por projetos para a construção filosófica crítica reflexiva. Detalhado em um produto educacional, (que é uma das exigências do mestrado profissional) que é a cartilha, a mesma foi construída com base nos estudos dos principais teóricos da pesquisa e contém resumos produzidos pelos alunos envolvidos ao estudarem os temas filosóficos propostos e também de síntese das teorias estudadas e obras filosóficas.

Sendo assim, a pesquisa apresentou diferentes focos de investigação. Como explicitado, os procedimentos técnicos no primeiro momento foram a pesquisa bibliográfica e em seguida a pesquisa ação-participante “essa é uma pesquisa-ação que é desenvolvida por intermédio da associação entre os pesquisadores e os membros de determinada situação investigada.”( Barbosa, Costa, 2015,p.33.)

Quanto à abordagem, ou seja, focando no problema, esta pesquisa foi desenvolvida de forma qualitativa, que é a pesquisa que vai orientar nos procedimentos da pesquisa sobre os seus objetivos com as descrições dos dados colhidos das variáveis, para análises dos resultados no seu argumento metodológico (Barbosa, Costa, 2015). Não podendo ser medida em forma de números, pois, trata de conceitos e concepções de aprendizagem, na qual os dados são analisados de forma indutiva. Quanto à natureza da pesquisa, ela é uma pesquisa aplicada, pois, objetiva gerar conhecimentos para aplicações práticas com objetivo de ofertar possibilidades para o processo educacional.

Em relação aos objetivos essa pesquisa é exploratória. Foram utilizadas análises bibliográficas de livros, artigos, sites, para auxiliar no desenvolvimento do tema proposto, tais instrumentos servem de base para aprofundamento no conhecimento sobre o assunto, o qual é tratado de forma clara e objetiva através do seu referencial teórico. E em sequência foi desenvolvida a pesquisa

de campo. Com aplicação de questionários para docentes e discentes. Em seguida, e acordo com dados obtidos, os conhecimentos teórico-metodológicos adquiridos foram aplicados com alunos e professores do ensino médio de uma escola estadual em Casa Nova-BA, através de intervenções pedagógicas, tais, como sequências didáticas que proponham a dialogicidade filosófica, com debates e finalizando com palestra com os docentes.

O primeiro capítulo da dissertação: *Ensino de Filosofia no Brasil*, faz um apanhado histórico do ensino de Filosofia no Brasil, iniciando o período colonial, busca o início da Filosofia no Brasil partindo das reflexões filosóficas dos jesuítas e vai discutindo as mudanças até o século XX, depois do século X até a LDB 9394/96, em seguida destaca o retorno da obrigatoriedade da Filosofia no ensino médio em 2008. E assim segue todo o processo histórico da Filosofia até o século XX. Por fim destaca o ensino de Filosofia no século XX, sua retirada na Ditadura Militar e o que a LDB 9394/96 diz sobre a Filosofia, ou o que pode ser aplicado ao ensino de Filosofia. Discute sobre a lei Nº 11.684 de 2 de Junho de 2008 – que trata da obrigatoriedade do Ensino de Filosofia e Sociologia no Brasil. E como ficou a Filosofia após a Reforma do Ensino Médio, qual é o seu papel, currículo oficial dela hoje e a carga horária.

Analisar todo o processo histórico pelo qual a Filosofia passou no Brasil é importante para desvendar as suas raízes, seu desabrochar e como ela se afirmou enquanto ciência e disciplina nesse país. Mediante diversos fatos históricos vivenciados nesse contexto, vê-se claramente a influência deles no método e concepção filosófica empregada e qual o destaque a Filosofia recebeu nesse desenrolar social. De acordo com a época, Colonialismo, Império ou República, ela assumiu uma postura mais ligada a temas religiosos, ou buscou-se associar ao nacionalismo na época da Independência do Brasil; na República veio a ser positivista. Esteve sempre envolta na busca pela razão, pelo conhecimento, mas assumindo vertentes diferenciadas. E em todo esse processo analisou-se como o ensino de Filosofia era, e se ele se modificou e quais os principais métodos empregados nas diferentes épocas.

Em alguns momentos como na Ditadura Militar a Filosofia foi retirada oficialmente do currículo brasileiro, englobada nos Estudos Sociais, e entre idas e vindas, ou opcionalidades ela só veio voltar legitimamente em 2008. A área de Ciências Humanas, em especial a Filosofia foi deixada em segundo

plano ou feita pouco caso por conta do seu teor tão significativo e, que leva a humanidade a questionar as bases do sistema político e econômico como propõe a Filosofia Freireana e todo o cerne próprio dessa ciência humana. “E os governos que se sucedem continuam sem nos dar a importância devida” ( Matos,2024, p.21)

O segundo capítulo: *A Maiêutica Socrática e a Didática Freireana no ensino de Filosofia*, versa sobre o que era a Maiêutica empregada pelo filósofo Sócrates e daí o destaque para o diálogo como método de ensino aplicado à Filosofia ontem e hoje. Sócrates despertava naturalmente os saberes dos seus ouvintes fazendo um jogo de perguntas e mesmo depois de tudo isso levava a uma busca constante pelo aprendizado ao reconhecer a própria ignorância. Com certeza bons métodos devem ser perpetuados se trazem benefícios à qualidade do ensino.

Na sequência, vem a reflexão da Didática da Filosofia de acordo com a teoria de Paulo Freire e o reforço dado pelos seus comentadores, como Walter Kohan. Freire enfatiza a necessidade de um ensino dialógico onde o professor é um mediador e o aluno é agente ativo no processo de produção do conhecimento. Ele vê a educação como o principal meio de transformação radical da sociedade, nos aspectos políticos e sociais. Assim, é feita a análise: Como as ideias de Paulo Freire se aplicam ao ensino de Filosofia? Será que esses métodos podem e devem ser utilizados hoje?

O terceiro capítulo: *Experiência de Ensino de Filosofia no Colégio Estadual do Campo Agnaldo Almeida*. Faz a identificação da escola campo de estudo. Em seguida, teve a proposta de discutir a relação entre Didática e Currículo. Trazendo o conceito de Didática e suas implicações para o ensino de Filosofia, desde os primórdios com Comenius até a atualidade (2024).

E aborda a Filosofia no Currículo da Bahia, faz um apanhado da Filosofia no ensino médio a partir de documentos oficiais, como o próprio currículo da Bahia que está nas DCRB (Diretrizes Curriculares Referenciais da Bahia), qual a carga horária da Filosofia em cada série/ano, quais as temáticas abordadas em cada uma delas. Detalha a experiência do ensino de Filosofia no ensino médio, no colégio citado. Traz ainda os resultados das entrevistas realizadas com alunos da escola pesquisada, analisando assim quais são as compreensões da Filosofia para os mesmos, o que eles consideram uma boa

aula e qual a relevância dos métodos de ensino para a compreensão dos conteúdos filosóficos. Embasados com os gráficos e resultados da pesquisa.

Finalizando a pesquisa, é feita a análise da relação entre a teoria estudada e a sua aplicação na prática de sala de aula, refletindo sobre os resumos produzidos pelos alunos e como se deu a sequência didática, trazendo assim uma proposta de Didática no ensino de Filosofia. Essa proposta pode embasar a Prática Pedagógica da Filosofia no ensino médio e demais níveis de ensino, seja EJA ou graduação.

Não se trata de um manual com a solução de todos os percalços filosóficos, ou uma prática perfeita a ser aplicada em sala de aula, mas trata-se de saberes e métodos relevantes aplicados de forma clara, objetiva e que com certeza é um caminho a ser pensado e percorrido por quem deseja alcançar resultados satisfatórios na Docência resultando na aprendizagem significativa da Filosofia. E não apenas ensinar a Filosofia, mas também filosofar. Em consenso com Hegel (Horn; Teixeira, 2017, p.124) dizem: “Porque para Hegel, não se pode fazer uma separação entre o pensar filosoficamente e o pensar sobre os conteúdos filosóficos, os quais dão condições para o filosofar: Filosofar é filosofar com conteúdos.” Os saberes filosóficos tratam de temas que ao mesmo tempo são complexos, mas que também fazem parte do nosso dia-a-dia: o bem, o mal, a vida, a justiça, o belo e assim por diante, pensando sobre os métodos possíveis para trabalhar os saberes filosóficos, podem ser alçados voos altos e construtivos na aprendizagem filosófica. E assim colaborar na construção da atitude filosófica.

O produto educacional criado a partir da realidade investigada, foi uma cartilha que serve como instrumento de ensino para professores de Filosofia do ensino médio. Essa cartilha pedagógica irá subsidiar os professores, com estratégias diversificadas para aplicar nas aulas de Filosofia do Ensino Médio, a mesma foi apresentada em uma palestra com todos os professores do Colégio Estadual do Campo Agnaldo Almeida em Santana do Sobrado, Casa Nova-BA e distribuída para os mesmos, nela contém algumas produções construídas em sala de aula, como os resumos feitos pelos alunos alvo da pesquisa, intercalando com clássicos da Filosofia e resultados obtidos na investigação prática.

Ela é um desdobramento do estudo, que de forma específica irá contribuir significativamente para a Docência em Filosofia no Ensino Médio e de forma geral, trazendo inter-relações entre o objetivo de estudo e o resultado prático da Filosofia, em um recorte no ensino médio, mas que com certeza traz benefícios a um público-alvo bem abrangente em todo o campo didático e filosófico.

Pensar sobre a educação é algo que deve sempre ser cultivado nas mentes dos agentes que compõem essa tão linda e imprescindível área. Ao imergir nas águas do conhecimento sempre ocorrerá alguma mudança, como dizia Heráclito que nenhum homem pode se banhar duas vezes no mesmo rio, pois, na segunda vez nem as águas do rio serão as mesmas, nem o homem será o mesmo. “No mesmo rio entramos e não entramos; somos e não somos” (Heráclito- Os pensadores. 2017, p.83). Se a educação por si já promove mudanças, quanto mais se esse mergulho for nas águas límpidas da Filosofia. Porém sem esquecer-se de como ensinar a nadar ( a importância dos métodos nesse processo) para que haja um mergulho seguro, instigante e refrescante.

A essência da Filosofia está nas mudanças que ocorrem sempre e que são de fato necessárias para a construção da percepção e da racionalidade. Percorra esse trabalho e descubra a aventura do conhecimento filosófico e como se apropriar de suportes para que essa trajetória seja satisfatória não só para si como profissional, mas para todos os que estão trilhando esse caminho (os alunos).

## **2- ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL.**

Para compreendermos as especificidades do ensino de Filosofia hoje, é necessária a análise das raízes sociais e históricas que atuaram na concepção da Filosofia em solo brasileiro. Por isso, essa seção da dissertação faz um apanhado histórico do ensino de Filosofia no Brasil, desde o período colonial, envolta na Escolástica, até o século XX, com novas concepções que surgiram na época, como o Positivismo, destacando os seus primeiros passos e desenrolar na prática educacional. Depois traz diversos fatos que surgiram na prática filosófica do século XX até a LDB 9394/96, num cenário de busca pela autonomia política e educacional.

Em seguida com o objetivo de conhecer e discutir o ensino de Filosofia mais recente, destaca o retorno da obrigatoriedade da Filosofia no ensino médio em 2008. E as mudanças que surgiram no ensino de Filosofia após as reformas educacionais denominadas: Novo Ensino Médio e Novíssimo Ensino Médio. Muitas transformações ocorreram e como professores precisamos estar a par delas e de como isso se insere na prática de sala de aula da disciplina Filosofia, em especial no Ensino Médio.

### **2.1- O período Colonial até o século XX.**

No período Colonial brasileiro ocorreram fatos muito relevantes para o ensino de Filosofia no Brasil, então, buscando conhecer o início da Filosofia no Brasil partindo das reflexões filosóficas dos jesuítas, fez-se uma retrospectiva histórica da Filosofia no Brasil. Destacando a Filosofia no Período Imperial e no Período Republicano. Depois veremos o desenrolar da história da Filosofia até o século XX. Fazendo a contextualização dos principais fatos históricos ocorridos e como a Filosofia se desenvolveu em cada época, nota-se o desabrochar da Filosofia brasileira e a sua consolidação nos séculos posteriores.

Houve um entrelace da Escolástica (Filosofia predominante nos ensinamentos jesuítas, com a junção da fé e a razão), o surgimento da filosofia Iluminista, O Positivismo e a Escola de Recife, um longo caminho trilhado na história da Filosofia brasileira. E então, a trajetória da Filosofia no século XX, com a Ditadura Militar e a instituição da LDBEN 9394/96.

O nascimento da Filosofia no Brasil está entrelaçado com o próprio “nascimento” do Brasil para o continente europeu, com a chegada ou “invasão” dos portugueses ao território luso-brasileiro.

No início as expedições eram apenas exploratórias e de extração do pau-brasil, madeira muito apropriada para fabricação de móveis e também extraíam a resina dessa madeira para fabricar um corante para tingir tecidos. Com os constantes ataques do litoral por outros europeus, Portugal decide começar de fato a colonização das novas terras, então implanta o sistema de Capitânicas Hereditárias, entregando as terras luso-brasileiras a pessoas da nobreza de confiança do rei português.

Devido a algumas intempéries com as capitânicas, como a falta de recursos, o rei Dom João III, decide colocar um Governo-geral no Brasil, assim em 1549 Tomé de Souza, o primeiro governador-geral, chega à colônia com sua comitiva e entre ela vieram os padres jesuítas chefiados por Manuel da Nóbrega e depois no segundo governo geral:

Duarte da Costa o segundo governador do Brasil, veio com a missão de solidificar o domínio português sobre a Nova Terra, combater os franceses e catequisar e/ou esmagar sua resistência. Para o trabalho de catequese, trouxe com ele outro grupo de jesuítas, entre os quais estava José de Anchieta. Com a ajuda dos indígenas, cujos filhos estudavam no colégio jesuíta de São Vicente, José de Anchieta e Manuel da Nóbrega ergueram no planalto de Piratininga uma construção rústica para abrigar uma escola. (Boulos Júnior, 2016, p.56)

Assim com os jesuítas nasce a Filosofia brasileira. Sabe-se que o Brasil era colônia de Portugal, atenhamo-nos a entrelaçar a origem da Filosofia no Brasil com os fatos históricos ocorridos aqui, não podemos dissociar a Filosofia da conjuntura social e política em ação no nosso território. A ordem jesuítica era uma ação para combater a Reforma Protestante, com missão de catequisar os indígenas e favorecer a colonização. Como principal representante da filosofia do século XVI, destaca-se o padre Manuel da Nóbrega.

Quanto ao ensino filosófico dos jesuítas podemos destacar:

Os ensinamentos oferecidos pelos jesuítas eram de cunho tomista e desenvolviam basicamente preceitos que se referiam à segunda escolástica portuguesa, que se fundamentava, grosso modo, na defesa da ortodoxia católica e seus dogmas que vigoravam mais devido ao Concílio de Trento, ao passo que o método de ensino seguia rigidamente estrito, adotando ao que chamam de *Ratio Studiorum*, que era uma coletânea de textos que guiavam os Jesuítas em seus ensinamentos ortodoxos e estritamente ligados a Tomás de Aquino e Aristóteles. (Santos, 2016, p.4)

Dessa forma, a base em que os jesuítas tentavam estavam fundamentados era a Filosofia Escolástica, uma tentativa de conciliar os ensinamentos de São Tomás de Aquino com os escritos do filósofo Aristóteles, ou seja, a fé com a razão. E sem dúvida os jesuítas querem afirmar a fé católica no Novo Mundo, já que na Europa ela estava sendo contestada e protestada. A Filosofia nessa época estava muito ligada à Teologia Cristã. É tanto que os professores de Filosofia tinham que ser primeiramente teólogos.

De acordo com a *Ratio Studiorum*, que era uma coletânea para o embasamento teórico e prático do ensino nessa época e que possuía todas as recomendações para o reitor, os padres (que eram os professores) e as regras para os alunos, bem como determinava o que e como ensinar no ensino filosófico. O sistema de ensino era pautado na Filosofia Escolástica, também existiam aulas de retórica e humanidades, latim, gramática e matemática.

Tratando sobre a Retórica a *Ratio Studiorum* diz:

**Como deverão ser exercitados.** — Procure também por, por vezes, os nossos retóricos recitem discursos ou poemas, em latim e em grego, no refeitório ou no salão, sobretudo assunto religioso que edifique os da casa e os de fora e os anime a mais alta perfeição no Senhor; nem se descuidem dos outros exercícios recomendados nas Constituições. (Franca, 1952, p.9)

A retórica era exercitada por meio de poemas e discursos em latim e grego, com predominância do latim, e, sobretudo atrelados a temas religiosos. Nas aulas eram realizados ditados, provas escritas, repetições tanto em classe quanto em casa, repetições das lições estudadas, realizado ao final do ano, disputas semanais e mensais.

**Repetição.** - Do mesmo modo faça-se a repetição da lição do dia e da véspera, ou toda, por um só aluno, ou, melhor, em partes por vários, afim de que se exercitem todos; perguntem-se os pontos mais importantes e mais úteis, primeiro aos alunos mais adiantados depois também aos outros, que responderão em recitação seguida ou intercalada pelas interrogações do professor, enquanto o êmulo do repetente o corrigirá, se erra, ou antecipará a resposta se tardar. 26.

**Sabatina.** — No sábado recorde-se tudo o que foi ensinado na semana. Se, de quando em quando, se oferecerem alguns para responder sobre todas estas lições ou sobre um livro inteiro. (Franca, 1952, p.32)

Como se vê o ensino era centrado na memorização, repetição era o principal método empregado diariamente. Recomendava-se também o zelo pelos ensinamentos teológicos para os professores, tendo o cuidado de não introduzir nenhum tema que fosse contrário aos ensinamentos católicos, tudo deveria estar de acordo com os papas e os Concílios. Na *Ratio Studiorum*, determinava também que livros os estudantes poderiam e deveriam ler.

.Livros que se devem dar aos estudantes. — Nas mãos dos estudantes de teologia e filosofia não se ponham todos os livros mas somente alguns, aconselhados pelos professores com o conhecimento do Reitor: a saber, além da Suma de Santo Tomás para os teólogos e de Aristóteles para os filósofos um comentário para consulta particular. Todos os teólogos devem ter o Concilio Tridentino e um exemplar da Bíblia, cuja leitura lhes deve ser familiar. Consulte o Reitor se convém se lhes dê algum Santo Padre. Além disto, dê a todos os estudantes de teologia e filosofia algum livro de estudos clássicos e advirta-lhes que lhe não descuidem a leitura, em hora fixa, que parecer mais conveniente. (Franca 1952, p.12)

O alicerce era a Teologia e a Filosofia aristotélica. Baseada na Escolástica de São Tomás de Aquino, a segunda escolástica portuguesa (1500-1750) veremos adiante que ao longo dos anos foram sendo criados ginásios, liceus e faculdades e ainda predominavam no seu ensino uma Filosofia tomista até o século XX.

Alguns pensadores do século XVII foram: Padre Antônio Vieira, Diogo Gomes Carneiro e Alexandre de Gusmão, Gregório de Matos e Manoel do Desterro, que aplicava a Filosofia Escolástica em seus ensinamentos. Havia uma grande associação ente Filosofia e Literatura, pois, com o passar do tempo a Filosofia brasileira foi se desenvolvendo junto com as escolas literárias, alguns poetas também podem ser considerados filósofos como Gregório de Mattos no Barroco, “ literato cuja visão de mundo apresenta grande convergência com a

partilhada pelos filósofos do período colonial”. (Pinto, 2013, p.273.) Ele discutia temas como a vaidade, as contradições do amor, o pecado, criticava a sociedade colonial.

No século XVIII, destacam-se: Padre Jorge Benci, Nuno Marques Pereira, Frei Mateus da Encarnação Pina, Matias Aires da Silva Eça, Frei Gaspar da Madre de Deus, Cláudio Manuel da Costa, Feliciano Joaquim de Souza Nunes, Padre Francisco de Faria. (Pinto, 2013) Quase todos eles eram expoentes do catolicismo barroco e integrantes do clero, ainda ligados à Filosofia Escolástica. Dentre os pensadores da época, destaca-se Cláudio Manuel da Costa, que foi capaz de expressar pensamentos filosóficos no Arcadismo. “A sua importância está em que, apesar de apresentar características ligadas ao arcadismo literário, ele ainda se mantém ligado de algum modo à visão de mundo do catolicismo barroco.” (Pinto, 2013 p.303.)

Segue-se então, o período iluminista (1750-1822) foi o período em que as ideias iluministas, os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade repercutiram em todo o mundo e chegaram até ao Brasil, influenciaram movimentos aqui como a Conjuração Baiana e a Inconfidência Mineira, da qual Cláudio Manuel fez parte, ele estava impregnado das ideias iluministas e participou ativamente da Inconfidência Mineira, sendo por fim vítima de toda essa intempérie. O Iluminismo influenciou também o movimento da Insurreição Pernambucana, os revoltosos estavam repletos de ideias liberais vindas da corte.

No Brasil, ocorreu a Reforma pombalina, do Marquês de Pombal (déspota esclarecido), ele combateu os jesuítas e instalou um sistema educacional sob o controle do Estado, investindo na secularização do ensino e tentando padronizar o currículo, mas resultou em um ensino fragmentado e isolado da realidade social e pouco comprometimento com a Filosofia. O Marquês de Pombal também combateu os jesuítas.

Um filósofo que foi importante para o Brasil nessa época foi Luís Antônio Verney, ele era amigo de Pombal, foi filósofo, padre, teólogo, professor e escritor de português, muito importante para a área da literatura contribuiu para o pensamento iluminista brasileiro, contestando a antiga lógica ensinada e propondo o “Verdadeiro método de estudar”. Verney, 2010 (p.39) diz: “Seguramente reconheço existir um grande número de obras de lógica.

Mas expõem todas elas com diligência todas as partes da lógica [...] dispõem o pensamento dos autores com clareza?” Verney estava criticando o ensino tradicional existente no ensino dos jesuítas, muito centrado na teoria.

Alguns fatos históricos contribuíram para as mudanças políticas, sociais e também filosóficas no Brasil. Por exemplo, em 1808, Portugal foi ameaçado pelo imperador francês Napoleão Bonaparte, que instituiu o Bloqueio Continental, então a corte portuguesa veio fugida para o Brasil. Com isso ocorreram mudanças significativas aqui: O Brasil foi elevado à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves, sendo a sede do império, com isso houve a abertura dos portos, a criação de universidades aqui, que antes era proibido, a criação da imprensa, enfim houve um estímulo às Artes, Ciências.

No caso específico da Filosofia, a transferência da corte, da qual resultou a permanência de um rei português no país, incentivou posteriormente o desenvolvimento do ecletismo espiritualista entre nós, com o objetivo de fortalecer o regime monárquico constitucional do Brasil Império, diferentemente do que aconteceu com as demais nações da região, que caminharam diretamente para o positivismo e republicanismo. (Pinto, 2020, p.626)

Dá-se início então, ao Período Imperial no Brasil, e o predomínio de uma filosofia mais eclética, versátil e multifuncional. Mas a educação na época era privilégio das elites agrárias, ou seja, a grande maioria do povo era excluída do sistema educacional nesse período.

A mudança da corte culminou com a emancipação política do Brasil, pois, ao obter um pouco de liberdade, o Brasil não aceitou mais voltar ao antigo Pacto Colonial e amarrar-se novamente à Metrópole europeia, que era o ideal da burguesia e nobreza do Porto. Tudo isso contribuiu para a ruptura política. Então, após a Independência do Brasil em 1822, nesse vasto país de larga miscigenação e interculturalidade, houve a tentativa de formar uma nacionalidade brasileira, então, a educação foi voltada para a pátria, moral e civismo, como meio de acalmar os conflitos e criar elos entre a população para que não houvesse uma divisão do território do recém-país emancipado de Portugal. Havia poucas escolas primárias, apenas nas cidades mais desenvolvidas. No plano de ensino, era dado destaque a Gramática, leitura e aritmética e ao ensino religioso.

O ensino da História Sagrada fazia parte da doutrina religiosa e era mais difundido do que o da História profana ou laica, permanecendo nos planos de estudos de muitas escolas públicas, mesmo após o advento da República e a separação da Igreja Católica e Estado. A moral cívica vinculava-se então a uma moral religiosa. Esta predominava nos textos escolares, sendo comum a utilização de preleções com histórias sobre a vida dos santos [...] (Bittencourt, 2008, p.62).

Vemos então que ainda havia o predomínio da Filosofia Tomista, nos ensinamentos dos Estudos religiosos e Estudos Sociais.

Em 1836 Gonçalves de Magalhães publicou *Suspiros Poéticos e Saudades*, sendo considerada a obra que deu início ao Romantismo brasileiro. Ele, Gonçalves de Magalhães também é considerado o primeiro filósofo do Brasil a tratar de temas especificamente brasileiros, como o indianismo, o nacionalismo e a natureza brasileira. O Romantismo e o nacionalismo estavam atrelados entre si. “O Romantismo brasileiro foi por isso, tributário do nacionalismo. Embora nem todas as suas manifestações concretas se enquadrassem nele, ele foi o espírito diretor que animava a atividade geral da literatura” (Candido, 2017, p. 332). Tudo girava em torno da pátria, da formação da identidade nacional. Nesse tempo a Filosofia variou entre espiritualismo e empirismo (busca de bases científicas).

Com o intuito de formar a elite nacional dirigente do Brasil, algumas inovações surgiram entre elas a criação do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro que era a nova capital do país. Decreto de 2 de dezembro de 1837:

Art. 3.º: Neste collegio serão ensinadas as linguas latina, grega, franceza e ingleza; rhetorica e os principios elementares de geographia, historia, philosophia, zoologia, mineralogia, botanica, chimica, physica, arithmetica, álgebra, geometria e astronomia. (Brasil, 1837.p.2)

Sem dúvida foi um avanço essa criação no Brasil, permitindo que os saberes se disseminassem em terras brasileiras, O currículo era bem amplo, com línguas estrangeiras, a retórica e Filosofia entre as outras disciplinas. Mas quanto ao ensino, o método empregado era a repetição.

De maneira geral, no Colégio Pedro II e nas escolas públicas, o ensino centrava-se nas preleções dos professores e na leitura de livros que norteavam os alunos para responderem os questionários que seriam repetidos em arguições orais ou nas provas escritas,

realizadas aos sábados- donde o nome sabatinas. (Bittencourt, 2008, p.85)

O método empregado era o da repetição, sem uma reflexão, um ensino desmotivante, alheio à realidade e que só levava a decorar e não a prender, ou filosofar realmente.

No final do século XIX, surgiu a Escola de Recife, uma corrente de pensamento emergida da faculdade de direito em Recife, que contou como principais integrantes: Tobias Barreto e Silvio Romero. Eles se opunham a uma filosofia católica, espiritualista e eclética e valorizavam também era contra o positivismo e defendiam a liberdade de expressão.

A localização de sua posição , como se vê, é construída por meio de uma espécie de *coletivização* cujos adversários seriam justamente os responsáveis no Brasil, pela “filosofia espiritualista, católica e eclética” : contra eles ter-se-ia erguido a Escola de Recife, cuja liderança é outorgada a Tobias Barreto [...] há uma reformulação daquela polarização fundamental entre espiritualismo e materialismo. (Canhada, 2020, p.196)

Isso começou a mudar um pouco na época do Brasil Império, pois, foram surgindo novas ideias fundamentadas ainda nas bases anteriores como o Empirismo , mas também já com um pouco de interligação nos pensamentos de Auguste Comte.

Com a passagem para o Brasil imperial passa a vigorar um ecletismo no pensamento filosófico nacional, onde se encontram características empiristas e espirituais trabalhadas num mesmo âmbito, o positivismo de Comte passa a vigorar. (Santos, 2016, p.114).

A continuação da Filosofia Positivista no Brasil, se deu na primeira República onde nota-se a influência do Positivismo de Auguste Comte, o lema da bandeira nacional: “ Ordem e Progresso” foi criado com base em ideias positivistas. Os positivistas defendiam que somente os conhecimentos científicos eram verdadeiros, por se apoiarem em bases racionais, “ teorias que balizem uma sociedade racional e esclarecida para acompanhar esse novo modelo de sociedade.” (Santos, 2016, p.118).

Com o desenrolar o processo histórico brasileiro, foram sendo criadas oportunidades para a formação da Filosofia Brasileira, por isso, quando surgiu

o Brasil, surgiu a sua filosofia e ambos foram crescendo e se emancipando juntos.

Enfim, viu-se que houve uma relação entre os fatos históricos, as mudanças políticas e sociais e também uma mudança no pensamento filosófico nacional, mas que ocorreu também o predomínio do Tomismo no ensino da filosofia brasileira, com uma prática extremamente decorativa e sem uma relação com o contexto social, como foram exemplificados nos documentos da Ratio Studiorum.

Desde o nascedouro da Filosofia brasileira e em todo o período colonial houve um currículo centrado na hegemonia europeia como as ideias filosóficas da Patrística, Escolástica e o Positivismo, todas essas correntes tiveram origem na Europa. Mas, apesar de tudo isso, não se pode negar o desejo pela sabedoria e a tentativa de se construir uma Filosofia própria.

Ao citar os principais fatos ocorridos e as escolas filosóficas, teve-se o intuito de didatizar a explicação dos fatos e situá-los em uma linha do tempo cronológica, isso não quer dizer que de um período para o outro houve uma ruptura drástica no pensamento filosófico nacional ou no ensino escolar da Filosofia, a história é feita de pequenas rupturas, mas também de continuidades, e ao se constituir escolas de pensamento muitas vezes há resquícios da anterior.

## **2.2- O Ensino de Filosofia no século XX até a LDB 9394/96.**

Nesse momento, passando para o estudo do ensino de Filosofia no século XX, sua retirada na Ditadura Militar e o que a LDB 9394/96 diz sobre a Filosofia, ou o que pode ser aplicado ao ensino de Filosofia, ou seja, um contexto de grandes mudanças sociais no qual o ensino de Filosofia foi alvo de diversas modificações quanto ao seu currículo e obrigatoriedade ou não da oferta.

Ao despontar o início do século XX, a educação brasileira em geral ainda era bastante elitista, somente os filhos dos aristocratas e grandes fazendeiros, ou seja, os filhos da elite, tinham pleno acesso à educação. Nessa realidade social, a Filosofia existente era voltada para uma minoria.

Em 1942, durante o Estado Novo, terceira fase do governo de Getúlio Vargas, ocorreu a Reforma Capanema, também conhecida como Leis Orgânicas do Ensino, tornando obrigatório o ensino da Filosofia, especialmente nas escolas religiosas, nessas escolas prevaleciam os filhos das elites sociais e econômicas brasileira.

Na reforma do Estado Novo a Filosofia era obrigatória, foi um passo importante para o ensino de Filosofia no Brasil, ainda que não tivesse muita visibilidade pela falta de oferta de uma educação de qualidade como um todo, falta de escolas em grande parte do território nacional, especialmente no interior do país e zonas rurais.

Já em 1961 foi promulgada a Lei 4.024/61, onde a Filosofia deixa de ser disciplina obrigatória e passa a ser disciplina complementar nos currículos escolares. Então, ela perde seu espaço, voltando a ser apenas opcional. Mas a Filosofia não deixou de existir no cenário nacional, uma prova disso é a corrente filosófica a seguir. “Outra corrente filosófica que surge no Brasil do período republicano é a *teologia da libertação*.” (Santos, 2016, p.6) Foi nesse cenário, que surgiu a corrente filosófica chamada Teologia da Libertação como uma tentativa de superar as desigualdades sociais, e o principal teórico foi Leonardo Boff, fundamentado no Marxismo e Existencialismo, que buscava a libertação dos povos oprimidos, a população pobre que estava sem seus direitos estabelecidos (Santos, 2016), pessoas que não tinham acesso muitas vezes nem aos direitos básicos, como alimentação e moradia, muito menos o acesso a uma educação filosófica e agora pior já que a Filosofia deixou de ser obrigatória no currículo do país.

E em 1971 com a Lei 5.692, em pleno regime militar, extingue a Filosofia dos currículos. “De início compunha o elenco de disciplinas optativas, depois de 1978, deixou de existir até como optativas, sendo totalmente banida.” (Silveira; Goto 200, p.38). Então, o revés foi maior, pois, ocorreu a extinção da Filosofia nos currículos e ela passou a ser integrada nos estudos sociais que era a junção das ciências humanas em uma grande mistura, presente desde o nível primário até o curso superior, assim, a Filosofia foi dissolvida.

Esses Estudos sociais, vigoraram na época da Ditadura Militar, no qual as disciplinas da área das Ciências Humanas, como História, Geografia e Filosofia foram suprimidas, e predominava uma educação voltada para o

civismo e patriotismo e destaque dos símbolos nacionais, como a bandeira nacional e o hino nacional brasileiro.

Na educação contemporânea com o Estado, a Filosofia perdeu espaço:

Desde então, os conteúdos filosóficos ficaram restritos à modalidade clássica do ensino secundário. [...] Na reforma de 1982, o ensino profissionalizante passou a ser facultativo e a maior parte das escolas secundárias voltou-se apenas à preparação para o ingresso na universidade, sendo que na maior parte dos estados da Federação a disciplina de Filosofia era facultativa e, quando oferecida, limitada a uma hora/aula semanal. (Guido; Gallo; Kohan, 2013, p.111)

Com a extinção da Filosofia do currículo brasileiro, ocorreram mobilizações em favor do retorno da disciplina aos currículos escolares. Como resultado, foi publicado, o Parecer 7.044/82, do Conselho Federal de Educação - CFE -, no qual foi aberta a possibilidade para o retorno da disciplina de Filosofia aos currículos do Ensino Médio - EM. No final da Ditadura Militar a Filosofia aparece, mas de maneira facultativa.

Também ocorreram variados protestos que pediam a redemocratização do país, como o Diretas Já, que pedia eleições diretas, entre as pautas estava a busca da liberdade no ensino, livre das censuras. Então, veio a sonhada abertura política com o fim do Regime Militar, foi nesse momento, que elaboraram a LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional número 9394/96, e a Filosofia ressurgiu , ganhando seu lugar no currículo brasileiro.

E então com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) número 9394/96 ela trata da Filosofia no artigo 36, parágrafo 1º inciso III, da referida LDBEN, diz-se que:

§ 1º – Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I – domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II – conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;

III – domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania. (BRASIL, 1996, n.p.).

Mesmo com a Legislação a Filosofia ainda permaneceu como opcional nesse período, cabendo a cada estado decidir pela sua inclusão no currículo escolar do ensino médio. A Filosofia e Sociologia foram tratadas como meios

de se exercer a Cidadania. “Podemos definir a Cidadania como a relação de pertença a uma comunidade.” (Lima, 2010, p.3) Este é o viés em que elas estão postas no final do século XX, parecido com a tentativa de unificar os símbolos nacionais após a Independência do Brasil ou de buscar os símbolos e heróis após a Proclamação da República, buscou-se usar a Filosofia como um meio de legitimar o ideal de um bom cidadão, agora democratizado. Colocar uma Filosofia cidadã, quando se intitula "ensino para cidadania", certamente com o intuito de se formar pessoas acríticas, podendo se tornar uma cidadania da mera obediência a ordem vigente.

Outro aspecto a se destacar é que desde a promulgação da LDBEN 9394/96, seguida também das DCNEM têm se ressaltado quatro grandes áreas para de conhecimento que são : Linguagens e Códigos e suas tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias; e Ciências Humanas e suas tecnologias. (DCRB, 2022) Então mais uma vez a Filosofia vem sofrendo o detrimento em nome de uma valorização por área, como na época em que se englobou com os Estudos Sociais.

Na LDBEN 9393/96, a Filosofia foi destacada com um caráter civilizatório, para construir um ideal de um bom cidadão na então democracia conquistada. Mas a Filosofia não pode se resumir a isso, suas bases vão muito além da cidadania, pois, envolve questões mais amplas como a própria origem do universo e a formação do eu nessa vastidão. Filosofia é pensar sobre questões abstratas, pensar o mundo.

Ora, desde Aristóteles a filosofia se define como um fim em si mesmo, e não como um meio pra se atingir um objetivo determinado. Justificar um espaço para a filosofia nos currículos da educação básica apenas de modo instrumental-isto é, a filosofia a serviço de algo, como a cidadania- é, portanto, essencialmente antifilosófico, prefiro apostar no ensino de filosofia como um fim em si mesmo, para além de qualquer tutela, seja ela cidadã ou moral. (Gallo, 2012, p.21)

Pois foi a esse fim civilizatório, a favor da cidadania que a legislação vigente tentou resumir a Filosofia, colocando-a como estudos e práticas. E infelizmente a Filosofia ficou apenas como optativa nesse período, falando-se apenas na necessidade dos alunos terem conhecimentos de Filosofia e Sociologia. Então ficou a critério de cada rede de ensino adequar o currículo e inserir ou não a Filosofia nessa grade curricular. Então, houve resistências dos

professores em suas associações para trazer de volta a Filosofia ao currículo e de que o seu ensino fosse voltado para a essência dela como um fim em si mesma e não como estando a serviço de algo ou limitada em um papel seja ele de reafirmar a cidadania ou moral.

### **2.3- A lei Nº 11.684 de 2 de Junho de 2008 – Ensino de Filosofia no Brasil.**

Com o passar do tempo, veio a lei Nº 11.684 de 2 de Junho de 2008 – que trata da obrigatoriedade Ensino de Filosofia e Sociologia no Brasil. Depois de um tempo de supressão, uma boa notícia surge, pois, essa lei altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Ela diz:

O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no exercício do cargo de PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 36: IV – serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio”. (Brasil, 2008, p.1)

Essa lei versou claramente da obrigatoriedade de ensinar Filosofia em todos os anos de ensino médio, foi o triunfo histórico da Filosofia brasileira. Um grande sonho se tornando realidade. Mas estavam presentes os desafios primeiramente de tornar a Filosofia relevante nas escolas, devido a essas idas e vindas era preciso reafirmar a sua legitimidade, mas agora como disciplina oficial, isso ficou mais fácil de ser resolvido. E também a necessidade de formar professores em Filosofia, pois, a grande maioria que a lecionava não era formada especificamente em Filosofia, geralmente era algum professor da área de Ciências humanas, ou português ou até mesmo para complementar a carga horária dos diversos professores nas escolas brasileiras.

Então para suprir essa demanda, surgiram novos cursos de bacharelado e licenciatura no país para formar os professores de Filosofia, uma disciplina que para muitos era uma novidade. Agora regulamentada, a Filosofia, ganhou mais visibilidade social. Fazendo parte da área de Ciências Humanas, contribuindo decisivamente para a racionalidade.

Passou-se a tentar responder com mais afinco aos alunos e a toda a sociedade: O que é Filosofia? O que ela estuda e para quê ela serve? São perguntas que surgiram e que até hoje mesmo ainda existem dentro da sociedade e estudantes. E o desafio de estabelecer uma visão crítica filosófica, (Guido; Gallo; Kohan, 2013, p.111) dizem:

Finalmente, em 2 de junho de 2008, foi sancionada a Lei 11.684, que inseriu a filosofia e a sociologia na grade curricular do ensino médio. Para além das polêmicas que suscita, esta data, no caso da filosofia, enseja a reflexão sobre um ensino vinculado à existência e às práticas sociais. Um dos principais problemas do ensino de filosofia consiste na adequação das questões existenciais ao formato educacional, tendo em tais questões os eixos norteadores da formação escolar, com o propósito de aglutinar saberes e estabelecer uma atitude crítica diante do mundo. O ensino de filosofia deveria permitir a ampliação do horizonte escolar, evitando que os anos de escolarização sejam consumidos pelo cientificismo.

Com a instituição da Filosofia no ensino médio, têm-se o desafio de que através do seu ensino haja uma diferença na formação desses alunos, que por anos foram ensinados com bases tecnicistas, sem levar em conta a importância da formação humanística, que permite pensar para além do real. O ensino científico estava embasado apenas na matéria, no palpável. (Guido; Gallo; Kohan, 2013)

A Filosofia assume a missão de formar mentes críticas, que percebam a sua realidade social e sejam capazes de questionar, filosofia sobre o seu, meio e, além disso, abstrair para um horizonte de conhecimentos verdadeiros e significativos. Não se pode pensar o universo sem antes pensar sobre o espaço local, o chão da escola, a realidade social que os alunos vivenciam. E ao pensar o local e regional, também não se pode prender a isso, é apenas o ponto de partida. Pensar filosoficamente é pensar além do concreto e assumir uma postura crítica do mundo.

#### **2.4- O ensino de Filosofia após a Reforma do Ensino Médio e o Novíssimo Ensino Médio**

Mudanças sociais ocorreram mas o regozijo pela volta da Filosofia , não durou muito tempo, pois, em 2017 a lei 13.415 chamada de Novo Ensino

Médio, revogou a lei 11.684/08 que tornava a Filosofia obrigatória, mal deu tempo de comemorar e de formar uma cultura filosófica no país e investir em novos polos de universidades que formassem os docentes em Filosofia. Com a nova lei só era obrigatório: Português, Matemática e uma língua estrangeira, as demais disciplinas como a Filosofia, ficaram facultativas ou diluídas em disciplinas eletivas e estações do saber.

Para sancionar essa lei do Novo Ensino Médio, o Ministério da Educação alegou que nos últimos anos a educação no Brasil estava defasada, os índices das avaliações externas e internas estavam baixos e a taxa de abandono estava alta. E que para resolver isso, precisava haver uma mudança na Base Comum Curricular e tornar o ensino mais atrativo e também como uma preparação para o trabalho. (Morales, 2022)

Mas ao analisarem os dados educacionais, só pensaram nos números, no quantitativo, sem levar em conta a realidade social brasileira, um país repleto de desigualdade social, corrupção e violência e devido a isso, se reflete na educação brasileira. A partir de pesquisas feitas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontou-se que muitos jovens têm que abandonar a escola para ajudar no sustento da família, pois, a inflação é altíssima, também existe um alto índice de gravidez na adolescência, e também faltam creches para apoiar essas mães, muitas evadem da escola para cuidar de seus filhos. E de acordo com o IBGE, Abandono escolar é oito vezes maior entre jovens de famílias mais pobres. (Saraiva, 2012)

Ou seja, antes de culpabilizar a escola, o currículo e os professores, por que não tentar modificar a realidade social, com mais investimentos na educação, diminuir os impostos sobre a cesta básica e investir em diversos fatores como campanhas de prevenção da gravidez na adolescência.

De nada adiantará retocar a pintura se antes não fortalecer a estrutura desse prédio que é a educação. Como ter um edifício seguro, se está calcado num terreno irregular e sem alicerces sólidos, no vale da desigualdade e opressão social? Como sempre falou Freire (2023), pensar no ensino é analisar todo o contexto social. Mas infelizmente o mais importante sempre foi sendo deixado de lado e focando apenas no irrelevante, de forma que apenas tem piorado as coisas, piorado com uma enxurrada de disciplinas supérfluas e abandono das que deveriam ser ofertadas, como é o caso da Filosofia.

Para organizar as disciplinas, foram regularizadas quatro áreas de conhecimento: Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da natureza e suas tecnologias; e Ciências Humanas e Sociais aplicadas, essa área de Humanas na qual se entende que a Filosofia faz parte, por se tratar de uma área especificamente voltada ao homem, suas ações e ideias, mas em nenhum momento se fala do ensino obrigatório da Filosofia como disciplina.

§ 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente **estudos e práticas** de educação física, arte, sociologia e **filosofia**.

§ 3º O ensino da língua portuguesa e da matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas.

§ 4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino (Brasil, 2017, n.p.). [grifo meu]

O único momento em que a Filosofia é citada na nova lei, é quando se fala dela na BNCC- Base Nacional Comum Curricular: tornando ela relegada a estudos e práticas, mas não como uma disciplina oficial, apenas como um estudo que poderia ser trabalhado nas outras disciplinas ou estações do saber. Ficou a critério de cada rede de ensino, já que a lei não esclarece os detalhes de como aplicar isso na realidade curricular brasileira.

As disciplinas de Português, Matemática e Inglês foram mantidas, nas três séries do ensino médio, porém, a Filosofia perdeu o status disciplinar que tinha na lei de 2008. Foi mais um embate dessa luta pela afirmação da Filosofia como disciplina e como algo relevante dentro do cenário educacional. Ela passou por idas e vindas no currículo brasileiro, sabendo que a Filosofia é um instrumento de busca da liberdade e das ideias racionais, valorizando a dialogicidade e a igualdade. Por que será que ela sempre foi tão atacada e combatida? A quem interessa calar essa voz da racionalidade/liberdade? E essa busca veraz em formar somente mão-de-obra para o mercado de trabalho e combater as mentes pensantes? Lembra a opressão citada por Freire. (2023)

Como se depreende, ficou a critério de cada rede de ensino incluir ou não a Filosofia na grade, ou apenas trabalhar seus estudos e práticas dentro da área de Ciências humanas ou nas eletivas (disciplinas que surgiram para

ocupar o espaço das demais que foram suprimidas ou diminuídas do currículo), como cada um quisesse. As Ciências Humanas como um todo, foram perdendo lugar, mais uma vez, sendo vistas como disciplinas menos importantes, dentro de uma tradição somente de ler e contar, ou seja, de valorizar só português e matemática e uma formação tecnicista.

Nos estados em que a disciplina Filosofia foi mantida, ela ficou apenas com uma hora/aula semanal e às vezes só ofertada nos dois primeiros anos. Antes eram duas aulas em cada série do ensino médio, ou seja, uma redução de 50 % de oferta da carga horária anterior. Para um professor que tem 40 horas/aulas, ele tem que pegar cerca de 26 turmas de Filosofia para conseguir fechar a sua carga horária. E como as escolas às vezes não têm tantas turmas assim, além de Filosofia o professor tem que pegar várias disciplinas eletivas e estações do saber para preencher a sua programação de carga horária.

As disciplinas foram englobadas nas áreas e assim também surgiu um único livro resumido por área de conhecimento. Nascimento (2023, p.59) explica: “Houve mudanças substanciais, por exemplo, a que determinou que o livro didático é organizado por áreas de conhecimento, diferentemente do livro por disciplina que vigorou até o edital do PNL D/2018.” A adoção de um livro por área e não por disciplinas, resulta na estagnação e diminuição dos conteúdos, no caso da Filosofia no quase abandono dos assuntos filosóficos.

Dessa forma, houve um enfraquecimento da base curricular, e no lugar das disciplinas tradicionais, houve uma explosão de eletivas sem propostas claras, umas apenas para atender à lógica do consumo, do mercado de trabalho. Um triste escoamento dos saberes, especialmente das Ciências humanas.

Para complementar a carga horária, os professores muitas vezes pegam várias turmas de Filosofia para preencher sua carga horária e ainda várias eletivas, que nem sequer tem livros didáticos para auxiliar nesse trabalho, então, se torna mais trabalhoso juntar material, planejar, trazendo assim só prejuízos tanto para os docentes quanto para os discentes que perdem a oportunidade de aprender o que realmente interessa.

Além de mexer na quantidade das aulas de Filosofia, o Novo Ensino Médio modificou o currículo diminuindo drasticamente os conteúdos filosóficos, causando um grande prejuízo para a aprendizagem dos alunos.

O NEM diluiu e fragmentou a Filosofia na formação geral básica, leia-se BNCC, como também nos itinerários formativos. De maneira mais pontual e prática, ao observar as competências específicas, nota-se que algumas áreas da Filosofia ficaram evidenciadas em detrimento de outras. Grosso modo entre as grandes áreas, conteúdos de Ética e Filosofia Política, de Epistemologia e Metafísica podem ser mobilizados para construir no estudante grande parte das competências específicas e habilidades da CHSA. Por outro lado, conteúdos de Lógica e de Estética estão praticamente excluídos alijando do jovem aprendiz saberes filosóficos fundamentais (Nascimento, 2023, p.103).

Destaca-se como o principal desafio da Filosofia, do século XX até a atualidade as idas e vindas que a mesma enfrentou na legislação brasileira e ainda enfrenta até hoje. Discute a situação atual da Filosofia após a reforma do ensino médio e a redução de carga horária da disciplina. Esse é um grande desafio da Filosofia, ela não é obrigatória, tem uma carga horária pequena, sendo de apenas uma hora/aula semanal nas séries em que ela é ofertada. Como trabalhar os vastos temas filosóficos em tão pouco tempo e sem uma linearidade de oferta nas séries?

E quando se pensa que as coisas não podem piorar, infelizmente ainda podem. Depois que a Filosofia foi colocada como opcional, misturada com os estudos sociais, em seguida veio a alegria do seu retorno com a LDB 9394/96, mas ainda com uma aproximação ao cunho da cidadania. Em 2008 a Filosofia volta como obrigatória no currículo, trazendo uma enorme alegria que se desfez em 2017 com o Novo Ensino Médio no qual só fala na Filosofia como estudos e práticas.

As Associações de professores protestaram, através de manifestos e fóruns, para que a MP746/2016 transformada na lei 13.415/2017 chamada lei do Novo Ensino Médio fosse revogada, como por exemplo os professores de filosofia do Maranhão. Como diz: Carvalho (2020, p.45):

Em decorrência dessa lei, vários Centros Acadêmicos se manifestaram contra a Reforma do Ensino Médio imposta por essa Medida Provisória, mobilizando os professores de filosofia do Maranhão a convocarem o FÓRUM para debater esse dispositivo, o que levou no final do mesmo, à elaboração de uma carta direcionada ao congresso nacional, ao Sr. Presidente da república Michel Temer e à câmara dos deputados.

Com a mudança de presidente esperava-se que esse pedido fosse atendido e que o ensino médio fosse reformulado, dando mais espaço para as disciplinas da base curricular. Então surgiu, a lei número 14.945, de 31 de julho de 2024, chamada de Novíssimo Ensino Médio, vejamos o que a nova lei diz sobre o ensino de Filosofia no Brasil:

Art. 35-D. A Base Nacional Comum Curricular do ensino médio estabelecerá direitos e objetivos de aprendizagem, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento:

I - linguagens e suas tecnologias, integrada pela língua portuguesa e suas literaturas, língua inglesa, artes e educação física;

II - matemática e suas tecnologias;

III - ciências da natureza e suas tecnologias, integrada por biologia, física e química;

IV - ciências humanas e sociais aplicadas, integrada por filosofia, geografia, história e sociologia. (Brasil, 2024)

Primeiro, as quatro áreas são mantidas: Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da natureza e suas tecnologias e Ciências humanas e sociais aplicadas, e nessa lei cita os componentes de cada área, na área de Ciências humanas são elencadas as disciplinas de: Filosofia, Geografia, História e Sociologia.

Mas ainda não é hora de comemorar, pois, em todo o documento não se vê falar na obrigatoriedade da Filosofia como disciplina, ou mesmo na obrigatoriedade de qualquer outra disciplina, apenas as cita como integrantes das áreas específicas. Se na lei anterior se fala que era para ensinar Filosofia como estudos e práticas, nesse Novíssimo Ensino Médio a diluição da Filosofia foi ainda maior, ficando num caráter interdisciplinar.

Art. 26. § 7º A integralização curricular poderá incluir, a critério dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas envolvendo temas transversais que componham os currículos de que trata o caput deste artigo.

Art. 35-B". O currículo do ensino médio será composto de formação geral básica e de itinerários formativos. IV - articulação entre os diferentes saberes com base nas áreas do conhecimento e, quando for o caso, no currículo da formação técnica e profissional. (Brasil, 2024, n.p.)

Nesses dois artigos é citada a importância de trabalhar os temas transversais dentro do currículo e de haver a articulação entre os saberes das

diferentes áreas. Claro que tudo isso é importante, mas quando se abandona a disciplinaridade, como falar em interdisciplinaridade? Elaborar uma lei tão vaga assim, dá pretexto para cada estado entender da forma como quiser e criar disparidades entre o país só causando ainda mais confusão e descaso com a educação desse país. Por isso, essas leis estão sendo combatidas por várias entidades como a ABEFIL, Associação Brasileira de Filosofia.

<b>RESUMO DE ALGUMAS LEIS E MARCOS SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL</b>
1550-Início da Filosofia no Brasil - Filosofia dos Jesuítas. 1750-1822- Período iluminista - Filosofia não obrigatória. 1889- Brasil República -Filosofia Positivista. 1942- Reforma Capanema- Filosofia obrigatória. 1961-Lei 4.024/61, a Filosofia deixa de ser disciplina obrigatória e passa a ser disciplina complementar. 1971 com a Lei 5.692, em pleno regime militar, extingue a Filosofia dos currículos. 1996-LDB 9394/96-Ensino de Filosofia voltado para a Cidadania. 2008-11.684 de 2 de Junho de 2008 – Ensino de Filosofia no Brasil. 2017-Lei 13.415- Novo Ensino Médio - Filosofia apenas como estudos e práticas. 2024- Lei:14.945, de 31-07-24, Novíssimo Ensino Médio: Filosofia não obrigatória.

### **3- A MAIÊUTICA SOCRÁTICA E A DIDÁTICA FREIREANA NO ENSINO DE FILOSOFIA.**

#### **3.1 A Maiêutica Socrática**

Educação e Filosofia são duas vertentes indissociáveis na prática filosófica e que compõem a base desse estudo. A figura emblemática do filósofo Sócrates configura o sustentáculo dessa construção do pensar e agir entrelaçando Filosofia e o ato de aprender, sua influência perpassa os séculos e se mantém viva na atualidade educacional.

Para entender as ideias socráticas, vamos traçar um resumo sobre quem foi Sócrates, quais as suas principais obras (as obras que falaram sobre ele, pois, ele mesmo não escreveu nenhuma obra, o que sabemos sobre ele foi escrito por seu discípulo Platão e por Xenofonte, outro discípulo de Sócrates) e assim, quais as suas principais ideias e como elas podem ser aplicadas ao ensino de Filosofia hoje.

Suas ideias surgiram em Atenas, que foi o berço da Democracia e palco onde a Filosofia teve um grande desenvolvimento, a fala como instrumento de poder político e cultural foi exercida em praça pública, na busca pelos ideais, os direitos do cidadão e assim ocorre a efervescência filosófica e o personagem principal foi o ilustre Sócrates, nas suas interpelações, diálogos e discursos ao longo dos anos.

O discurso, portanto, ganha um caráter público: sua adequação e a pertinência do argumento serão provadas diante de outras pessoas, dotadas também da capacidade de fornecer argumentos e refutá-los. Ou seja, o discurso como fundamento da política na cidade grega é um discurso compartilhado, posto à prova, em um cenário de igualdade: pois os que participam da assembleia são pensados como iguais, como idênticos uns aos outros em sua capacidade de lidar com a argumentação. (Pagotto-Euzébio, 2022, p.23.)

Numa época onde a democracia surgiu, mesmo que não como a conhecemos hoje, a fala ganha mais importância porque não se falava em

nome de um indivíduo, mas alguém que buscava representar um grupo e assim, uma sociedade que estava em constante renascença cultural e política.

Nesse contexto, surge Sócrates, o principal filósofo da Grécia antiga, (470-399 a. C.) teve uma origem humilde, filho de um artesão e de uma parteira. Ele exerceu a profissão do pai e também foi um militar, participou da guerra do Peloponeso (guerra entre Esparta e Atenas, duas cidades-estado gregas) pela hegemonia política. (Pessanha, 1987)

Mesmo sem ter escrito diretamente, Sócrates nos deixou um vasto legado filosófico-educacional que se estende por gerações. E tem um ensino atemporal por sua aplicabilidade em diversas épocas.

Por um lado, ainda que não tenha escrito nenhuma teoria ou sistema, desde Platão e Aristóteles praticamente todas as escolas filosóficas gregas da Antiguidade reivindicaram-se derivadas de Sócrates; isto é, mesmo sem nada escrever, Sócrates deu lugar a boa parte do que então se escreveu sob o nome de filosofia; por outro, sua influência no exercício do filosofar foi tal que nele se inspiravam todos os modos de vida afirmados pelas escolas de pensamento da Antiguidade; ainda hoje, correntes inteiras do pensamento pedagógico se dão o nome de “ensino socrático”. (Kohan, 2011, p.13)

A influência dele foi tamanha que a história da Filosofia Antiga ficou dividida em Período Pré-Socrático, Período Socrático e depois vem o Período Sistemático e Período Helenístico. (Chauí, 2016) No período Socrático a Filosofia busca investigar as questões humanas, tais como: ações, valores, virtudes do homem, não se preocupando somente com as questões de ordem natural, mas com as questões relacionadas ao homem e seu agir no mundo.

Mas o que, sobretudo o caracterizava era a atividade a que vinha se dedicando há anos e que justamente suscitava o deleite e a admiração dos jovens, enquanto noutros despertava ressentimentos: conversar. Despreocupado com os bens materiais — cujo acúmulo era o objetivo da maioria —, usufruindo os prazeres sem se atormentar em viver à sua cata, mas também sem deles fugir em exageros ascetas, Sócrates dedicava-se ao que considerava, desde certo momento de sua vida, sua missão — a missão que lhe teria sido confiada pelo deus de Delfos e que o tornara um "vagabundo loquaz": dialogar com as pessoas. Mas dialogar de modo a fazê-las tentar justificar os conhecimentos, as virtudes ou as habilidades que lhes eram atribuídos. Com esse objetivo inicial, levava o interlocutor a emitir opiniões referentes à sua própria especialidade, para em seguida interrogar a respeito do sentido das palavras empregadas. O resultado das questões habilmente formuladas por Sócrates — que alegava que "apenas sabia que nada sabia" — era, com frequência,

tornar patente a fragilidade das opiniões de seus interlocutores, a inconsistência de seus argumentos, a obscuridade de seus conceitos. (Pessanha, 1987, p.2.).

Enquanto a maioria das pessoas só se preocupava com a vida material, as riquezas, o poder sobre os outros, os deleites, Sócrates pensava em bens mais úteis e que não se exauriam: o conhecimento, a sabedoria. Para chegar a esses bens o seu método era discutir, conversar, dialogar, de modo que levava o interlocutor a refletir sobre o que já sabia sobre algo e a buscar compreender de outras maneiras e assim chegar a um conhecimento vivo, verdadeiro. Sócrates levava os ouvintes a pensarem sobre o sentido das palavras e sobre o seu conteúdo especificamente.

Poderíamos elencar todas as obras platônicas que ressaltam a figura de Sócrates, mas tendo em vista a temática em estudo que é a Maiêutica Socrática, e o tempo para se realizar a pesquisa, foram utilizadas como base para o estudo as obras: *Teeteto* com os diálogos sobre o conhecimento, por conter a definição de Maiêutica. *Apologia de Sócrates e Fédon*, nesse livro ao iniciar tratando sobre a imortalidade da alma, chega-se à tão importante ideia da Maiêutica, que é o parto das ideias. *Apologia de Sócrates*, narra o discurso de Sócrates em sua própria defesa frente ao tribunal ateniense.

A *República* de Platão no qual são discutidas diversas ideias, entre elas a importância da Filosofia na Alegoria da Caverna, sendo Sócrates o personagem principal. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*, escrito por Xenofonte, para se ter uma outra visão do filósofo. Essas obras foram escolhidas pelo seu conteúdo ou tema se aproximarem da questão em estudo nessa dissertação que é o método socrático, a maiêutica socrática. E mesmo Sócrates não tendo deixado nada escrito, nas palavras redigidas por Platão e Xenofonte têm-se claramente o resumo das ideias socráticas em diferentes contextos.

E para fazer o elo de Sócrates com a contemporaneidade também foi utilizada a obra: *Sócrates & a Educação* de Walter Omar Kohan. E *O Diálogo Socrático* de Lívio Rosseti.

*Teeteto*: Nessa obra chamada *Teeteto* ou *Do conhecimento*, Platão relatou o diálogo entre Sócrates e o jovem Teeteto e conceituado matemático (jovem sábio, esplêndido, não atraente fisicamente, mas de grande intelecto)

comparando o processo do conhecer com o trabalho das parteiras. Indagando: O que é o conhecimento? E como o percebemos? Alcançamos?

Platão foi conduzido ao diálogo, exposição não solitária das ideias, na qual, por exigência ao método socrático (maiêutica- a parturição das ideias), são necessárias, no mínimo, duas pessoas representadas pela voz principal ( o mestre que aplica a maiêutica) e um interlocutor (o discípulo, que dará a luz à [alétheia] verdade.) (Bini, Edson in: Platão, 2007, p.32)

Esse método é empregado em todo o livro, nas conversas entre Sócrates e Teeteto, buscando assim a verdade, a razão e a importância de se conhecer os conceitos para ir às exemplificações práticas em diálogos cotidianos, utilizando uma linguagem simples e eficaz.

Sócrates: E pensas que a descoberta do que é o conhecimento- o que eu comentava a pouco- é uma matéria de somenos e não uma tarefa para qualificados? Teeteto: Por Zeus! Creio que é uma tarefa para os mais qualificados. (Platão, 2007, p.65)

Essa busca do conhecimento está envolta pelo método socrático do jogo de perguntas e respostas, a maiêutica. Ou a partição das ideias. Que é uma tarefa muito importante e para os qualificados, atuar nessa busca pelos conhecimentos verdadeiros e não apenas de aparência.

Com efeito, partilho do seguinte com as parteiras: sou estéril na matéria de sabedoria. A censura que tem sido dirigida amiúde a mim, isto é, de que interrogo as outras pessoas, mas que eu mesmo não dou a resposta alguma a nada porque não possuo nenhuma sabedoria em mim, é uma censura procedente. E a razão para isso é a seguinte: o deus compele-me a atuar como parteiro, mas sempre proibiu-me de dar a luz. Por conseguinte, não sou em absoluto sábio e não disponho, tampouco, de nenhuma sábia descoberta que fosse o rebento nascido de minha própria alma. Todavia aqueles que a mim se associam, é diferente. Inicialmente, alguns deles parecem muito ignorantes, mas à medida que o tempo passa e nosso relacionamento progride, todos aqueles que recebem a graça do deus realizam um magnífico progresso, não só em sua própria avaliação como também na alheia. (Platão, 2007, p.68)

Aqui, Sócrates é destacado como um parteiro de ideias e ele mesmo não se considera sábio em si mesmo, mas ressalta a sua arte de agir como um parteiro, levando os outros a gerar o conhecimento. De início há uma certa dificuldade por parte dos ouvintes, porém, com o passar do tempo, há o

progresso do pensamento, como uma criança demora um período a ser gerada, assim, as ideias também têm o seu processo.

Fédon: Essa obra narra os últimos dias de Sócrates, quando estava na prisão esperando a execução. Os últimos discursos de Sócrates foram contados por Fédon, seu discípulo. O tema do livro é sobre a imortalidade da alma. “A ideia central da seção é a tese de que a filosofia é uma preparação para a morte.” (Platão, 2022, p.12).

Não há explicitamente a palavra maiêutica nessa obra, mas há o desenvolvimento dela, nas conversas, diálogos, nos quais o filósofo vai instigando a construção das ideias, do pensamento crítico e racional. Como exemplificado a seguir, (Platão, 2022, p.68):

Pois bem, disse Sócrates, não devemos então nos questionar nestes termos: o sofrer esta experiência pertence, com efeito, a que espécie de coisa - refiro-me a ser dissipado? Quero dizer: a propósito de que espécie de coisa devemos temer que se dissipará e a qual espécie não devemos temer? Na sequência, devemos examinar qual das duas a alma pertence e na esteira disso ver se sentimos confiança ou temor no que concerne à nossa alma?

Aqui, o filósofo levanta questionamentos a Cebes sobre se a alma se dissipa ou não, e diz que devem examinar, a maiêutica está sendo colocada em prática, no questionamento, no exame, na análise dos pensamentos e ideias. Em todo o livro há esses diálogos, perguntas e questionamentos. Nesse contexto vai sendo gerado o conhecimento racional filosófico.

Meu caro, disse Sócrates, baixe o tom, para que nenhum mau-olhado derrube o argumento que está por vir. Na verdade, isso que disseste será conforme a vontade do deus, mas nós, no estilo homérico do corpo a corpo, busquemos examinar se há realmente algo no que estás dizendo. O ponto central do que procuras saber é isso: pensar ser crucial ser demonstrado que nossa alma é indestrutível e imortal. (Platão, 2022, p.97)

Nesse momento, vê-se o uso do diálogo buscando a argumentação e levando a examinar, pensar, organizando os argumentos, as ideias de uma forma racional, analisando as diversas implicações contidas na temática em debate que é a imortalidade ou não da alma após a morte do corpo físico.

No final do livro, trata da morte de Sócrates e seu amigo Críton estava preocupado em como fazer o funeral, os preparativos. Para honrar ao seu mestre que tanto o ensinou a pensar filosoficamente.

“A preocupação de Críton com estes preparativos revela que este ainda não se convenceu de que Sócrates não é seu corpo, mas sua alma. [...] Sócrates não termina ali, pois parte para outro lugar, ideia que pode aliviar a dor dos que logo verão esse momento.” (Platão, 2022, p.12).

O corpo morreu, mas o Sócrates alma/ideias continuam vivas entre a posteridade. Ele partiu esperançoso e com a sensação de dever cumprido, pois, gastou a sua vida na filosofia e viveu de forma sábia. (Platão, 2022) Esse legado filosófico se perpetua por diversas gerações, instigando o pensar, questionar e descobrir racionalmente.

Apologia-Tem um formato um pouco diferente dos outros diálogos socráticos, por se tratar de um discurso pessoal de defesa de Sócrates diante do seu julgamento. “Sócrates não retira uma única vírgula de suas concepções filosóficas que norteavam sua conduta como ser humano e cidadão de Atenas.” (Platão, 2007, p.36).

O livro trata da defesa de Sócrates e apresenta duas classes de acusadores: os de longa data e os mais atuais. Sócrates vai citando as acusações e se explicando, se defendendo delas, mas nunca negando as suas ideias e todas as conversações que vivenciou ao longo dos anos, declarou-se um ateniense cumpridor das leis e respeitador dos costumes humanos e divinos.

Cidadãos atenienses, eu vos respeito e vos amo, mas obedecerei aos deuses em vez de obedecer a vós e, enquanto eu respirar e estiver na posse de minhas faculdades, não deixarei de filosofar e de vos exortar e instruir cada um, quem quer que seja que vier à minha presença, dizendo-lhe como é o meu costume: Caro cidadão de Atenas, tu que pertence à maior cidade e mais famosa pelo saber e pelo poder, não te envergonhas de fazer caso das riquezas, para guardares quanto mais puderes e da glória e das honrarias, e , depois, não fazer caso e nada te importares da sabedoria, da verdade e da alma, para tê-la cada vez melhor? (Platão, 2005, p.72)

Ele destacou a importância da sabedoria e das virtudes da alma, em contraste com os prazeres e as riquezas. E essa sabedoria era buscada por meio dos seus diálogos, sempre filosofando, exortando como era de seu costume pelas ruas de Atenas.

Sócrates era filho de Sofronisco, escultor, e de Fenareta, parteira. Dizia que tinha a profissão de sua mãe: exercitava-se na maiêutica, arte de fazer dar a luz o espírito... a consciência ou a razão. Era horrivelmente feio no físico, desenvolvido e forte. Mas trouxe para o mundo uma consciência para iluminar e embelezar a vida humana. (Platão, 2005, p.91)

Através do parto das ideias, Sócrates deixou um grande legado para a posteridade. Foi sentenciado à morte, mas suas ideias tornaram-se imortais tanto no campo filosófico quanto em todo o campo educacional ou que se proponha a pensar o processo cognitivo, da incessante busca da razão.

República (Alegoria da caverna)-No livro VII da República de Platão, consta o célebre Mito da Caverna. Uma alegoria que diz que prisioneiros viviam acorrentados em uma caverna, sem nunca terem saído dela e não conheciam o mundo real, só viam as coisas pelas sombras. Até que um certo dia um deles saiu e ao conhecer a vida real, as coisas exteriores, após o primeiro momento de ofuscamento pela luz solar, contemplou a vida exterior e voltou para dizer aos companheiros as novidades e tentar libertá-los da prisão.

E se lhe fosse necessário julgar daquelas sombras em competição com os que tinham estado sempre prisioneiros, no período em que ainda estava ofuscado, antes de se adaptar a vista- e o tempo de se habituar não seria pouco- acaso não causaria o riso, e não diriam dele que, por ter subido ao mundo superior, estragara a vista, e que não alia a pena tentar a ascensão? E a quem tentasse soltá-los e conduzi-los até cima, se pudessem agarrá-lo ou mata-lo, não o matariam? (Platão, 2006, p. 212)

Porém, os mesmos não quiseram sair, estavam acostumados com aquela situação e fechados para as descobertas. E até tentariam matar o companheiro se pudessem. Essa alegoria faz alusão a Sócrates, e a figura do filósofo como aquele que sai da caverna da ignorância, das certezas e busca o desconhecido, o conhecimento racional. E que tentou convencer os demais a sair das trevas da ignorância através do diálogo, da maiêutica filosófica. Teve um fim trágico humanamente falando com a sua sentença, porém, suas ideias ressoam pelos séculos adiantes.

Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates: Escrito por Xenofonte, um discípulo de Sócrates que era também general e historiador. Essa obra tem a missão de defender Sócrates das acusações que ele sofreu, mostrando através

do testemunho de Xenofonte qual era a postura de Sócrates e como ele realmente agia na sua prática filosófica e em sua vida cotidiana.

Ele tratou de relatar diversos diálogos socráticos defendendo assim a figura do seu mestre como um homem cheio de princípios, virtudes, não dominado pelos prazeres, ama ou riquezas, mas sempre acima da mediocridade, deixando um grande legado filosófico e cultural para toda a humanidade.

Xenofonte destaca como Sócrates discutia questões referentes à moralidade, justiça, virtude, dialogava sobre questões humanas: o que é o belo, o que é o feio, o que é a justiça, o que é a covardia, o que é um homem político, o que é o governo, o que é a ignorância. Uma filosofia antropológica, voltada para as ações humanas no mundo. Diferentemente de Platão, que mostrava Sócrates de uma forma mais profunda, metafísica, no mundo das ideias, Xenofonte apresenta-o através de questões cotidianas e práticas.

Debatia essas questões através de diálogos nos quais ele empregava a Maiêutica e a Ironia. “Seu método de ensino, ou seja, a *maiêutica* (parturição das ideias) associada à sua *ironia*, e que se patenteia também na figura platônica de Sócrates.” (Xenofonte, 2024, p.10) E é sobre a primeira que serão destacados alguns exemplos a seguir.

Considero, entretanto, que todos os mestres mostram a seus discípulos como eles próprios praticam o que ensinam e os fazem avançar mediante argumentos. E sei que era este o caso de Sócrates. Mostrava aos seus companheiros que ele próprio era um homem de bem e dialogava nos mais excelentes termos sobre a virtude e todas as coisas que tocam ao ser humano. (Xenofonte, 2024, p.29)

Aqui, há o destaque do diálogo socrático como meio de se compreender a virtude e também como alcança-la. Havia esse diálogo nos mais excelentes termos, ou seja, de forma cordial, respeitosa e também de simples compreensão. “Que considerem não só a perspicaz inquirição a que submetia os que se julgavam oniscientes, como também seus diálogos cotidianos com seus amigos chegados.” (Xenofonte, 2024, p.45). Essas inquirições, perguntas eram feitas de forma perspicaz, inteligente, capazes de penetrar o pensamento e atingir bons resultados.

A seguir, Sócrates dialoga com seu filho mais velho, Lamprocles, sobre a ingratidão e a associa com a injustiça. Por meio de um jogo de perguntas e respostas, leva à compreensão do conceito e à exemplificação, gerando o conhecimento real.

Diz-me meu rapaz, sabes que alguns seres humanos são classificados como ingratos? Realmente sei, respondeu o jovem. E compreendes como e por que incorrem nessa qualificação negativa? Sim. A palavra é aplicada aos que não manifestam a gratidão que podem manifestar pelos benefícios que recebem. Compreendes, então, que os ingratos estão entre os injustos? Sim. Na verdade, já considere. E penso que é sempre injusto não demonstrar gratidão por um favor recebido de quem quer que seja, amigo ou inimigo. (Xenofonte, 2024, p.69)

Sócrates e a educação: Walter Omar Kohan apresenta alguns recortes sobre a figura de Sócrates de acordo com os filósofos: Kierkegaard, Foucault, Nietzsche, Rancière e Derrida. É destacada a pretensão educacional e política da filosofia, sendo Sócrates o percussor dessa junção nos seus diálogos. “Sócrates é o primeiro nome através do qual a filosofia expõe essa condição política no terreno da educação.” (Kohan, 2011, p.7).

Filosofia, educação e poder estão interligados no poder da palavra, do diálogo. A maiêutica socrática gerando vida, ideias e instaurando novas percepções políticas e sociais. De forma que Sócrates não pode ser ignorado pelos demais filósofos.

É que o legado enigmático de Sócrates para a filosofia é tal que os filósofos raramente deixaram de pensa-lo, como se Sócrates não apenas tivesse instaurada a filosofia, mas também a possibilidade mesma do filosofar através de alguma forma de interlocução com sua figura. Em certa medida como sustentou Michel Foucault, um encontro com Sócrates é algo assim como a pedra de toque, não só de toda a filosofia, mas de todo o professor de filosofia. (Kohan, 2011, p.17).

O legado deixado por ele é imenso em diversas instâncias do saber, possibilitando que a filosofia assumisse uma posição de destaque, mesmo que alguns contemporâneos do filósofo não a compreendessem, era inegável que ela estava de alguma forma fazendo-os raciocinar.

Sua herança filosófica é tamanha que depois dele não se pode pensar em filosofia sem pensar em Sócrates e em sua forma de filosofar. Os diálogos

socráticos tiveram uma repercussão mundial. “Em Platão, entretanto, o sentido do diálogo é manter a unidade entre pensar e ser da qual parte, e através de suas respostas dadas no decorrer da conversa, envolver nessa unidade os interlocutores do diálogo.” (Kohan, 2011, p.29) Nesse jogo de perguntas e respostas, novos sentidos vão sendo construídos, gerados.

No Teeteto, na famosa passagem em que Sócrates diz ter a mesma arte da sua mãe, a parteira Fenareta, também afirma que as parteiras, por meio de drogas (*pharmakía*, 149 c) e poções, são capazes de provocar ou aliviar dores de parto, parir ou abortar partos difíceis. As parteiras são mulheres que pariram- não se pode ajudar a realizar algo que nunca se experimentou- mas já não podem mais parir, tornaram-se estéreis. O mesmo vale, diz Sócrates, para a sua arte de dar a luz: ele mesmo já é estéril, com a diferença de que faz os homens e não as mulheres dar à luz, examinando as almas, mas não os corpos que dão à luz. (Kohan 2011, p.130)

Sócrates considera-se estéril, porque não vê o conhecimento em si mesmo, mas leva os outros a gerarem os conhecimentos, assim como as parteiras não dão mais a luz, mas ajudam as outras mulheres a parirem. Essa arte de parir as ideias é a maiêutica socrática, comparando o trabalho de sua mãe que era parteira com o seu trabalho filosófico. De acordo com esse entendimento, o método socrático é útil hoje em dia na geração das ideias, de novos conhecimentos filosóficos, parindo, gerando esses saberes intermediados pela maiêutica, pelos diálogos filosóficos.

O Diálogo Socrático: Nessa obra, Lívio Rossetti trata de estudar o diálogo socrático analisando o modo como Sócrates desenvolvia seus discursos, exemplificando diálogos na obra O Eutidemo de Xenofonte entre outros diálogos como o Fédon de Platão.

Em todas as obras estudadas, Rossetti destacou os diálogos como acontecimentos comunicativos, identificou a ironia socrática e a retórica do mesmo, possibilitando a condução das conversações de uma forma que trazia a perplexidade dos seus ouvintes. As descobertas podem ofuscar no primeiro momento como a luz do sol ao sair da caverna platônica, porém, com o processo vai gerando conhecimentos plausíveis.

Após o surgimento de Sócrates, foi inaugurado um novo estilo literário que é o diálogo socrático como se vê a seguir: “Sócrates é o criador do gênero

literário “diálogo socrático.” (Rossetti, 2015, p.13) que inspirou seus discípulos pelas décadas subsequentes.

Esse diálogo é apresentado como uma conversação dotada de intencionalidade e estratégias para atingir os objetivos propostos que eram os de gerar o conhecimento, a maiêutica socrática. Os seus feitos eram admiráveis por toda a sociedade da época.

À luz dessas considerações, tem-se então, razões para ver nesses costumes do interior da comunidade formada por Sócrates e seus alunos (sobretudo ou ao menos por volta do final da vida do filósofo) um logos *sokratikós in statu nascendi* e, por conseguinte, a causa próxima da formação do modelo base: um modo bem característico de interrogar, por traz do qual se adivinha, sem dificuldade, toda uma estratégia de interação e os fins perseguidos por esse meio. Eis, parece-me, um elemento constitutivo do passo que levou ao nascimento do gênero literário. (Rossetti, 2015, p.38)

O *lógos*, a palavra pronunciada não era em vão, o filósofo tinha suas estratégias e sua maneira de interrogar que até então não existia. Através de perguntas Sócrates levava os seus interlocutores a dar a luz aos seus conhecimentos (maiêutica), mas não se pode deixar de elucidar a importância do filósofo como orientador nesse processo gerativo. Ele sabia conduzir com maestria os seus discursos e seus alunos sempre estavam atentos, o acompanhando e aprendendo com ele.

### **3.2 A Didática de Paulo Freire**

Versa sobre a Didática da Filosofia de acordo com a teoria de Paulo Freire e comentada também por Walter Kohan. Tem a ênfase em um ensino dialógico onde o professor é um mediador e o aluno é agente ativo no processo de produção do conhecimento. E procura responder a questões, por exemplo: Como as ideias, a didática de Paulo Freire se aplicam ao ensino de Filosofia?

Ao falar de Paulo Freire vem à mente um grande idealizador da educação revolucionária, que dá voz aos oprimidos e os coloca em cena como agentes principais da sociedade e da educação. Um pensador engajado socialmente nas lutas sociais, engajado na política, buscava uma revolução social através da educação, uma educação como prática da liberdade que

libertasse o oprimido das relações de opressão e o colocassem como agentes transformadores não só de si, mas da sociedade em geral.(Kohan, 2019)

Freire fazia parte da Pedagogia Crítica ou Pedagogia Libertadora, com ênfase no diálogo, na contextualização da realidade do aluno e na autonomia para a transformação social. Havia uma aproximação com a Pedagogia Histórico-Crítica de Dermeval Saviani, pois, ambas eram contrárias a um ensino tradicional, decorativo e sem significância para os alunos.

Ele valorizava uma educação política, não no sentido partidário, mas de engajamento, participação social, como forma de compreensão das estruturas de poder da sociedade. Um pernambucano, perseguido pela Ditadura Militar, por defender ideais revolucionários, teve de se exilar no Chile, Estados Unidos e países africanos como Cabo Verde de 1964-1980, retornando ao Brasil em 1980 até 1997 quando faleceu. Deixando um vasto legado social, político e educacional.

Ensinar Filosofia nos moldes freireanos é dialogar com o outro compreendendo o seu meio social, pensando: Quem é o meu aluno? O que ele sabe? De onde posso partir para continuar pensando filosoficamente?

Paulo Freire escreveu 61 livros é considerado o patrono da educação brasileira, deixou um grande legado ao sempre considerar o outro primeiramente do que a si próprio. As obras de Paulo Freire utilizadas nesse estudo foram: Educação como prática da liberdade (1967), Pedagogia do Oprimido (1968), Por uma Pedagogia da Pergunta (1985), Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido (1992) e Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. (1996) E para compreender melhor sobre o Paulo Freire, também foi utilizada a obra: Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica de Walter Omar Kohan para interligar as ideias filosóficas na atualidade.

Educação como prática da liberdade (1967): O primeiro livro de Freire escrito em seu exílio no Chile. Faz um paralelo da história do Brasil, desde a sociedade colonial com suas relações de opressão pela metrópole portuguesa desde a época da Ditadura Militar onde ainda continuava a opressão política dos dissidentes como era o caso do próprio autor.

Há o destaque da cultura, sociedade e política brasileira dessa forma: “E a sectarização tem uma matriz preponderantemente emocional e acrítica. É

arrogante, antidialógica e por isso anticomunicativa.” (Freire, 2025, p.70). Uma herança social pautada nas relações opressoras e antidialógicas. E o sistema sempre perpetuando essas relações em seus discursos.

Porém, Freire apresenta caminhos possíveis de como a educação pode propiciar uma transformação social, dando condições do oprimido se libertar da opressão social, discutindo ideias como liberdade, democracia e justiça, partindo da escola para um entendimento mais amplo na sociedade.

Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre, sobre seu tempo, suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de captação do homem brasileiro da mais alta importância no sentido da humanização. (Freire, 2025, p.80).

Uma educação transformadora que garanta a reflexão social, ressalte as potencialidades do educando e se adeque aos graus de desenvolvimento do mesmo. Educação corajosa por propor a reflexão sobre si mesmo e sobre o tempo, ou seja, sobre as relações sociais do contexto histórico em que estão inseridos socialmente, sempre de forma transitiva, ou seja, em constante movimento social e cultural.

À medida, porém, que amplia o seu poder de captação e de resposta às sugestões e às questões que partem de seu contorno e aumenta o seu poder de dialogação, não só com o outro homem, mas com o seu mundo, se “transitiva”. Seus interesses e preocupações, agora, se alongam a esferas mais amplas do que à simples esfera vital. Implica uma dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com o mundo. (Freire, 2025, p.82).

Nessa transformação pela educação o diálogo assume um papel central, pois, busca discutir as questões do seu entorno social e pensar tanto as relações intrapessoais quanto as interpessoais do indivíduo, como ele diz: do homem com o homem e do homem com o mundo. Buscando formar esse caráter dialógico do entendimento do eu e do outro na sociedade, sempre prezando pelo ajuste democrático de todos.

Freire valorizava uma educação contextualizada com a realidade social dos alunos em contraposição a um ensino apenas memorizador e desvinculado da realidade.

Não seria, porém, com essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra “milagrosamente” esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe a experiência do fazer, que desenvolveríamos no brasileiro a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização. [...] A própria posição da nossa, escola de modo geral acalentada ela mesma pela sonoridade da palavra, pela memorização dos trechos, pela desvinculação com a realidade, pela tendência a reduzir os meios de aprendizagem às formas meramente nocionais. (Freire, 2025, p.125)

Uma educação como prática da liberdade deve ser então: dialógica, capaz de contribuir para a transformação social, dando destaque aos alunos e ressaltando os seus potenciais na aprendizagem e também uma educação contextualizada com a realidade social. Nessa realidade educacional, o educador é dialógico, trabalha de forma investigativa sendo um propiciador das ideias libertárias em conjunto com os alunos. Primeiramente a liberdade de pensar, de ser ouvido e enfim levar à liberdade social.

Pedagogia do Oprimido (1968): O livro de maior sucesso e repercussão de Paulo Freire, sendo um dos mais citados na área de Ciências Humanas. Um livro escrito no exílio de Freire no Chile, retrata a luta pela libertação dos oprimidos de um sistema que os aliena e aprisiona em relações sociais injustas e antidemocráticas perpetuando uma vida de opressão política, social e cultural. “A pedagogia do oprimido é, no mundo inteiro, a terceira obra mais citada no campo das ciências sociais.” (Kohan, 2019, p.16).

Tem um grande destaque por trazer um antídoto a essa realidade, Paulo Freire discute a necessidade de mudanças sociais em todos os âmbitos e também na educação, uma pedagogia do oprimido em que haja o amor, o diálogo, e a esperança em uma realidade social libertadora é preciso agir socialmente e educacionalmente para isso.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em um nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. O diálogo crítico e

libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação. Não um diálogo às escâncaras, que provoca a fúria e a repressão maior do opressor. (Freire, 2023, p.72)

Essa pedagogia envolve não apenas o nível intelectual, isto é, não pensar somente na teoria, mas requer um comprometimento maior, envolve uma ação social, centrada no diálogo. Um diálogo pensado com seriedade e estratégias para não inferir em uma repressão ainda maior do sistema vigente.

“Defender o caráter eminentemente pedagógico da revolução.” (Freire, 2023, p.75) A mudança de começar no interior de cada indivíduo e ressoar na sociedade como um todo. Freire defende a revolução da sociedade através da pedagogia, da educação. Um saber revolucionário vivido, não depositado, capaz de gerar mudanças na sociedade.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os elementos verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre educador e os educandos. Como também não seria possível fazê-lo fora do diálogo. (Freire, 2023, p.95)

Há a discussão da importância da troca de ideias, para que ocorra o aprendizado e também a necessidade de compreensão o real, do mundo dentro das temáticas trabalhadas. Mais uma vez é explicitado o papel decisivo do diálogo para o processo educacional e para a construção de uma educação como prática da liberdade, pois, como diz o autor é impossível uma educação libertadora sem o diálogo.

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (Freire, 2023, p.109). [ grifo meu]

Freire traz a definição de diálogo, como um processo inesgotável de encontro, trocas da humanidade em um contexto social, de mundo. Não apenas uma troca irreflexiva, mas sim uma prática educativa libertadora,

democrática e emancipadora do sujeito na relação dele consigo mesmo e dele com o outro, com o mundo experienciado.

Por uma Pedagogia da Pergunta (1985): Nessa obra, dois amigos e idealizadores da educação libertária Paulo Freire e Antonio Faundez, um educador chileno, vão dialogando filosoficamente, relembrando as experiências do exílio e refletindo sobre a didática Freireana, seus métodos de ensino e as implicações de tudo isso dentro da conjuntura social vivenciada por ambos, repleta de desafios, mas envolta em sonhos e utopias de um mundo melhor, de uma educação melhor.

Na conversa entre os dois sempre se destacava a importância do diálogo na educação e na sociedade como um todo para a construção de uma educação e uma sociedade libertária. “E, sem dúvida, o método que mais se presta a esse tipo de tentativa é o diálogo.” (Freire; Faundez, 2022, p.17). Eles prezavam tanto pela dialogicidade que preferiram construir um livro falado, dialogado sobre suas experiências e ideias.

Os diálogos coletivos com os estudantes eram impressionantes! Creio que ali, na realidade concreta, estudantes e professores aprendíamos como fazer filosofia, aprendíamos história, literatura e sociologia. E cada uma dessas ciências estava diretamente vinculada à realidade que se vivia no país e não presa a realidades transcendentais, estrangeiras. (Freire; Faundez, 2022, p.25)

Além de defenderem um ensino dialógico, também havia a constante defesa de um ensino contextualizado com a realidade do país em que se vivia. Dessa forma haveria a construção de conhecimentos, sejam eles filosóficos ou históricos, concretos e relevantes para os estudantes, pois, estavam interligados com as vivências dessas pessoas, sendo conhecimentos aplicáveis à realidade social do indivíduo.

São experiências distintas e, como tais, é preciso vivê-las distintamente. E, como são distintas, umas podem ensinar às outras. E umas podem aprender com as outras. E nós só aprendemos se aceitamos que o diferente está no outro; do contrário não há diálogo, por exemplo. O diálogo só existe quando aceitamos que o outro é diferente e pode nos dizer algo que não conhecemos. (Freire; Faundez, 2022, p.53)

Ao lembrarem quando perguntavam a eles qual país era melhor ou pior, Freire e Faundez respondiam como destacado acima, que as realidades eram distintas, mas que cada povo, cada aluno tinha algo a ensinar e a aprender e que em cada região ou país eles iam aprendendo no diálogo com o outro e na aceitação das diferenças. Esse pensar é muito importante para a construção de uma sociedade democrática e uma realidade educacional libertária.

Por isso venho insistindo, a teu lado, desde o princípio numa pedagogia da radical pergunta. E esta pedagogia vivida, na escola ou na luta política, é substantivamente democrática e, por isso mesmo, antiautoritária, jamais espontaneísta ou liberal-conservadora. No fundo, uma pedagogia em cuja prática não há lugar para a dicotomia entre o fato e aprender a sua razão de ser. (Freire; Faundez, 2022, p.83)

Ambas estão entrelaçadas e não poder ser dissociadas, a educação transformadora e uma sociedade transformada. Tem início no ato de perguntar, dentro do dia a dia educacional, essa pedagogia da pergunta leva ao ato de conhecer e conseqüentemente à contribuição para uma transformação social da realidade em que o indivíduo está.

Insisto em que a educação em geral é uma educação de respostas, em lugar de ser uma educação de perguntas. Uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrar-se, de responder ao seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas essenciais, existenciais. E o próprio conhecimento. O caminho mais fácil é justamente a pedagogia da resposta, porque nele não se arrisca absolutamente nada. (Freire; Faundez, 2022, p.75).

A pedagogia das respostas é mais fácil porque não exige tanto preparo, não exige mudanças, não exige reflexão crítica, não exige criatividade nem inventividade, apenas acomodação e receptividade. É difícil se desarraigar dessa velha prática das respostas, é o que foi sendo repassado há muitos anos, o incentivo à memorização, a ter as respostas prontas. Porém, o ensino proposto por Paulo Freire e Antônio Faundez é totalmente o contrário, é incentivar a criticidade, as respostas inacabadas, reflexão e diálogos constantes. Essa pedagogia da pergunta precisa ser vivenciada nas escolas para realmente ocorrer uma educação como prática da liberdade, liberdade de

pensamento, liberdade de perguntar, de errar, de tentar sempre e estar em constante reflexão do seu eu e da sociedade em geral.

Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido (1992): Nessa obra Paulo Freire vai relembando seus momentos de escrita da Pedagogia do Oprimido e as repercussões que ele teve em sua trajetória política e educacional, por isso, chama-se um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. É um livro sem divisões de capítulos, uma agradável leitura que leva a uma reflexão constante sobre pedagogia, filosofia e as implicações de uma prática construtiva na realidade.

Freire relembra sua trajetória no exílio e que mesmo diante de tantas dificuldades a Pedagogia do Oprimido adentrou diversos países, inclusive o Brasil, mesmo que tenha que ter sido escondido com outras capas. As ideias refletiram em diversos corações esperançosos por uma liberdade que começava na liberdade do pensamento, liberdade de pensar, de sonhar com um mundo melhor, sem tantas desigualdades e injustiças.

A esperança de produzir o objeto é tão fundamental ao operário quanto indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas. Enquanto prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica. (Freire, 2022, p.45)

O autor fala da importância da esperança nesse contexto desigual, é a esperança que vai mover as mentes e as mãos de cada indivíduo, de cada trabalhador em busca de um mundo melhor com menos opressão. E destaca o papel da educação como semente dessa esperança, porém, só plantar a semente não quer dizer que ela irá germinar, ela precisará ser colocada em um bom solo e ser regada na medida certa. Ou seja, a educação não pode transformar tudo sozinha, mas sem ela as sementes da esperança não existirão nos corações da humanidade.

Freire sempre esteve no meio do povo, dos trabalhadores rurais, compartilhando experiências únicas de aprendizado mútuo e exercendo as práticas dialógicas do ensino, como exemplo a seguir:

Não faz mal repetir que respeitar a sua ingenuidade, sem sorrisos irônicos ou perguntas maldosas, não significa dever o educador se acomodar a seu nível de leitura do mundo. O que não teria sentido é

que eu “enchesse” o silêncio do grupo de camponeses com minha palavra, reforçando assim a ideologia que já haviam explicitado. O que eu teria de fazer era partir da aceitação de alguma coisa dita no discurso do camponês e, problematizando-os, trazê-los ao diálogo do novo. (Freire, 2022, p.64)

Ele sempre aproveitava as experiências de vida dos camponeses, dando voz e vez para que eles falassem e não apenas o ouvissem. Era uma constante troca de vivências, nisso havia a intencionalidade de conduzi-los a um saber crítico, cujo principal motor era o diálogo, problematizando questões corriqueiras e demonstrando ao mesmo tempo a grandiosidade das mesmas para uma educação como prática da liberdade.

Não há como não repetir que ensinar não é pura transferência mecânica do perfil do conteúdo que o professor faz ao aluno, passivo e dócil. Como não há também como não repetir que partir do saber que os educandos tenham não significa ficar girando em torno desse saber. Partir significa pôr-se a caminho, ir-se, deslocar-se de um ponto a outro e não *ficar, permanecer*. Jamais disse, como às vezes sugerem ou dizem que eu disse, que deveríamos girar embevecidos, em torno do saber dos educandos, como a mariposa em volta da luz. (Freire, 2022, p.97)

Sempre defensor do ensino dialógico e que levasse em consideração o conhecimento prévio dos alunos. Educação essa que partia da leitura de mundo dos educandos, mas não se restringia a isso, ia sempre galgando novos horizontes do conhecimento. Partia do conhecido para chegar ao desconhecido, tornando-o assim possível de ser cognoscível. Apenas partia, não se acomodava ou estacionava nesses saberes, eram a semente para o fruto que germinaria desse processo de trocas, de experiências dialógicas. Trazendo esperança e tentando libertar os oprimidos das amarras educacionais e sociais.

Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. (1996): É um dos últimos trabalhos escritos de Paulo Freire, foi publicado um ano antes do seu falecimento. Essa obra discute a importância da autonomia, da liberdade e traz de forma clara o debate sobre os saberes necessários à prática educativa para que a autonomia seja alcançada.

São questões fundamentais para os profissionais da educação, tais como: a ética crítica, competência científica, amorosidade autêntica e o engajamento político libertador. “Não podemos nos assumir como sujeitos da

procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumidos como sujeitos éticos.” (Freire, 2015 [1996], p.19) A ética é destacada como fundamental nesse conjunto de ações da prática educacional e filosófica. Essa ética é transformadora. Com a junção de todas essas ferramentas haverá um ensino libertador e capaz de formar sujeitos autônomos, cientes do seu papel no mundo, como seres sociais e políticos.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (Freire, 2015 [1996], p.24)

Aqui está a célebre ideia Freireana da educação como uma construção e um processo em conjunto com o educando. De acordo com essa ideia o professor deve agir desde a sua formação assumindo essa postura crítica e na sua prática ser um mediador, um facilitador da aprendizagem dos alunos, criando possibilidades para o aprendizado deles. E sendo também uma troca de saberes, pois: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (Freire, 2015 [1996], p.25) Um ensino com troca de vivências e aprendizados mútuos. Como a seguir: (Freire, 2015 [1996], p.38).

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é *transferir, depositar, oferecer, doar* ao outro, tomado como paciente do seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo, por isso, é dialógico e não polêmico.

Mais uma vez há a crítica à transferência, depósito de ideias em contraposição com a troca de saberes. O ensino dialógico é ressaltado como algo inteligível, necessário, que desafia, leva a um aprendizado real. Pode ser mais dificultoso, pois, exige mais preparo, mais o aguçamento do ouvir, do dialogar, mas trará excelentes resultados na prática educativa.

Freire vai enumerando e discutindo ao longo desse livro que ensinar exige: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, corporificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural.

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética da classe embutida nesse descaso? (Freire, 2015, p.32)

O respeito aos saberes do educando se concretizam quando há o levantamento prévio dos saberes dos alunos e também ao longo das aulas ao instigar a participação e o diálogo, os colocando como sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem. E para trazer essa reflexão crítica, é fundamental trazer as temáticas sociais para as aulas, fazer a interligação dos saberes sistemáticos com o real, o conhecível dos alunos e assim galgar outros níveis maiores de aprendizado, numa constante troca e aplicação de uma educação autônoma.

Compreendendo que ensinar não é transferir conhecimentos, por isso, exige: consciência do inacabamento, reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do educando, bom-senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível, curiosidade.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro na sala de aula devo estar sendo aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho- a de ensinar e não de transferir conhecimento. (Freire, 2015, p. 47)

Nessa intermediação de ideias é importante humildade, respeito ao saber do outro, ser curioso e incentivar a curiosidade no outro, permitindo uma

pedagogia da pergunta, da participação, não chegando com respostas prontas, mas ensinando a percorrer o caminho do saber. Freire sempre está destacando essa teoria de que ensinar não é transferir conhecimentos, não é depositar, mas é ensinar a pensar a refletir e nesse percurso ir descobrindo alternativas de respostas, porém, nunca terá a conclusão final, pois, o ser humano está em constantes mudanças e descobertas, isso deve ser progressivo e contínuo.

Traz a ideia de que ensinar é uma especificidade humana, dessa forma necessita de: segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade ao diálogo, querer bem aos educandos.

Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica de Walter Omar Kohan: Esse livro é uma biografia filosófica, traz uma entrevista com Lutgardes Costa Freire, o filho mais novo de Paulo Freire, onde ele relembra vários fatos marcantes na sua vida, como as mudanças na época do exílio e a importância de toda a trajetória de vida do seu pai e comentários sobre as suas teorias educacionais, o entrevistador foi Walter Kohan, autor do livro.

Em seguida Kohan destaca cinco pontos na pedagogia de Freire: a vida, a igualdade, o amor, a errância e a infância, temas importantes que são questões bastante destacados nas obras freireanas. E também sobre a interligação entre política e educação nas obras de Freire.

Desse modo, para Paulo Freire, a filosofia não é apenas uma ferramenta para compreender a realidade ou mesmo a posição do ser humano no mundo, como afirmam a quase totalidade das tradições filosóficas que acabamos de mencionar e que são apontadas como fortemente marcantes em seu pensamento. A filosofia como dimensão de uma educação problematizadora que permite a conscientização das condições da opressão é, para Paulo Freire, uma forma de reunir teoria e prática, abstração e concretude, reflexão e ação, pensamento e vida. (Kohan 2019, p.64)

Analisar a realidade, o contexto histórico é indispensável, porém, Freire propõe não somente pensar sobre a realidade social, isso seria apenas o começo desse processo. A Filosofia assume essa função problematizadora de fazer com que o sujeito reflita, e compreenda sua condição social e traz possibilidades de ações.

Mas agir sobre a realidade ela buscando transformá-la, envolve não só a teoria, mas ação. Por isso é uma educação política, uma educação filosófica. “A educação é política não porque seja partidária, mas porque exige formas de exercer o poder, de organizar o coletivo, de fazer uma comunidade.” (Kohan, 2019, p.23). Uma educação centrada em compreender as relações de poder que ocorrem no contexto social.

Por isso, neste livro não entendo por política o que se faz dentro da lógica do sistema democrático representativo, mas, num sentido mais amplo, o exercício de poder a partir das relações que se estabelecem com outros e outras numa trama social e, mais especificamente, os modos de exercer o poder ao ensinar e aprender. (Kohan, 2019, p.22).

Freire discute a democracia numa visão utópica, ideal, entendendo a política como as relações de poder que se estabelecem na pólis, na cidade, indispensáveis para o bom convívio social, regulamentado com os ideais de justiça e liberdade. A educação tem suma importância na construção dessa sociedade livre da opressão.

Seja como for, Paulo Freire é claramente marxista no sentido de afirmar uma filosofia que não apenas contemple ou compreenda os problemas da educação, mas que procure transformar as práticas educacionais. Nesse sentido, nunca deixa de apostar no poder transformador de uma educação politicamente orientada para a libertação dos oprimidos. (Kohan, 2019, p.65)

A educação política leva também a pensar sobre o papel da educação, como realmente transformar a educação para por meio da educação transformar, ou pelo menos contribuir para a transformação da sociedade. O primeiro passo é a compreensão da realidade, feita no diálogo da sala de aula, das reuniões com os trabalhadores rurais que Freire fazia.

### **3.3 - Aproximações entre Sócrates e Paulo Freire**

Sócrates e Paulo Freire, filósofos que estão relacionados à educação, são indispensáveis ao se pensar na prática filosófica, nesse momento será traçado um paralelo entre os dois, tratando de algumas aproximações em seus

pensamentos. O que mais se destaca é a maiêutica (o parto das ideias), presentes nas práticas de ambos, onde o diálogo sempre estava presente em suas ações filosóficas, a educação filosófica como transformadora da sociedade, a ética filosófica dando igualdade ao outro, a importância do aluno, do aprendiz na construção do conhecimento, enfim, diversas relações entre esses dois pensadores, filósofos da educação.

Alguns trabalhos estudam essa relação entre Paulo Freire e Sócrates. A maioria deles centra-se no diálogo. E muitos mais pontos em comum, inclusive o diálogo: a educação como caminho para superar problemas sociais; a concepção da vida humana como inconclusa e como tarefa para o ser humano ( a humanização da vida, a ser realizada pela educação); o conhecimento ( em particular ético) como condição para uma existência livre; o papel afirmativo da ironia; o diálogo, praticado entre os pares, como caminho para uma educação libertadora. (Kohan, 2019, p.74)

São muitos pontos em comum, eles valorizavam o outro, muitas vezes antes de si mesmos, se preocupando com os ideais de justiça, ética, como contribuir para a superação ou diminuição das mazelas da opressão, opressão do pensar, do viver. Ambos exerceram uma prática libertadora, por meio de uma educação filosófica, do diálogo, dos saberes reais, ensinando pelo caminho, andando juntos com os alunos, discutindo sobre o bem, a bondade, e assim pensando filosoficamente, contribuindo para uma transformação social.

A Maiêutica: O primeiro ponto que se pode inter-relacionar entre eles, é o método deles, Sócrates (a Maiêutica) para gerar e extrair o conhecimento do interlocutor, partia-se de algo que ele já tinha e assim o pensamento ia evoluindo, ganhando forma até nascer, estar edificado. Com Freire nota-se algo semelhante, ao utilizar-se dos conhecimentos prévios dos alunos, compreender a sua história de vida e que eles não eram vazios de saberes, dá-se a oportunidade de ouvir o outro e nessa troca de saberes gera-se o conhecimento vivo, significativo para todos os que estão envolvidos nesse processo.

Aqui os indivíduos estão aprendendo na troca de ideias, o professor reconhecendo não saber de tudo, mas sempre estando disposto a aprender a partilhar saberes e construir juntos novos conhecimentos. Gerando saberes construtivos e que se relacionavam com o meio social do sujeito.

Segundo, ele aprende com aquele a quem ensina, não apenas porque se prepara para ensinar, mas também porque revê o seu saber na busca do saber que o estudante faz. Tenho insistido em trabalhos antigos como em recentes, em quanto a inquietação dos estudantes, a sua dúvida, a sua curiosidade, a sua relativa ignorância devem ser tomados pelo professor como desafios a ele. No fundo a reflexão sobre tudo isso é iluminadora e enriquecedora do professor como aos alunos. (Freire; Faundez, 2022, p.64).

Tanto em Sócrates ao reconhecer a sua ignorância: “Só sei que nada sei”, quanto em Freire ao sempre estar ouvindo o outro, essa relação de aprendizado mútuo se estabelece, dando espaço à curiosidade e à descoberta, gerando reflexões capazes de iluminar as mentes e trazer conhecimentos ricos e construtivos.

Sócrates assim como Paulo Freire se importava com as relações humanas, com o embate entre opressores e oprimidos. Ele se preocupava se nessas relações existiam: ética, justiça, liberdade. Através das discussões gerar uma transformação no sujeito. Sócrates pensa numa justiça abstrata, ligada à interioridade humana.

Com Sócrates, o eixo filosófico muda revolucionariamente para o ético. Sócrates está preocupado com as relações humanas e com os valores que possibilitam e legitimam essas relações dos indivíduos que, como cidadãos, vivem em uma sociedade na cidade (πόλις [pólis]). Assim, toda a filosofia socrática se ocupa da conceituação das virtudes, fundamentalmente a justiça, a sabedoria, a coragem e a moderação ou autocontrole. (Platão, 2007, p.18)

Os conceitos morais para Sócrates estavam atrelados à busca do conhecimento e da verdade. O que ele fazia por meio dos seus diálogos, um jogo de ideias para se chegar a um conhecimento real. Esse dialogar estava presente tanto em Sócrates quanto em Freire com algumas especificidades.

No método de ensino seria possível, por exemplo, encontrar algo da maiêutica socrática, pois como em Sócrates a conquista do saber se realiza através do exercício livre das consciências. Contudo, será preciso reconhecer que a maiêutica tem aqui uma significação particular. Os participantes do diálogo no círculo de cultura não são uma minoria de aristocratas dedicada à especulação, mas homens do povo. Homens para os quais as palavras têm vida porque dizem respeito ao seu trabalho, à sua dor, à sua fome. (Freire, 2025, p.13)

Mais uma aproximação possível entre as ideias freireanas e as socráticas, o desenvolvimento da maiêutica, nas experiências, nas trocas de saberes, na execução da dialogicidade. Dando lugar ao ato de perguntar, descobrir e gerar algo novo, o conhecimento reflexivo no âmbito da igualdade e respeito ao outro, ao seu papel nesse processo do conhecer.

Eu insistiria em que a origem do conhecimento está na pergunta, ou nas perguntas, ou no ato mesmo de perguntar; eu me atreveria a dizer que a primeira linguagem foi uma pergunta, a primeira palavra foi a um só tempo pergunta e resposta, num ato simultâneo. Eu não entendo a linguagem quando falo de linguagem, apenas a linguagem falada. (Freire; Faundez, 2022, p.71).

Ambos, Sócrates e Freire sempre utilizavam esse perguntar, essa maiêutica, a linguagem falada tinha um papel preponderante em seus ensinamentos, ou seja, em suas construções do conhecimento político-social, como um processo gerador do conhecimento nesse perguntar filosófico. A Filosofia se expressa na fala, no raciocínio por meio da palavra pronunciada.

Primeira pergunta:- Que significa a maiêutica socrática? Gargalhada geral e eu registrei meu primeiro gol. – Agora cabe a vocês fazer a pergunta a mim – disse. Houve uns cochichos e um deles lançou a questão: - Que é curva de nível? Não soube responder. Registre um a um. – Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx? Dois a um. – Para que serve a colagem do solo? Dois a dois. (Freire, 2022, p.66)

Nessa conversa com os alunos, trabalhadores, Freire chega até a citar as ideias de Sócrates e de outros filósofos, mas o mais importante é que ele quis mostrar aos alunos que possuía muitos conhecimentos que eles não tinham, porém, os alunos também tinham muitos conhecimentos que Freire não tinha, isso levou a uma conexão entre eles que permitiu um entrelaçar de ideias filosóficas partindo de temas do cotidiano, sempre exercitando o jogo de perguntas. Uma pedagogia da pergunta em combate a uma pedagogia da resposta. Era o mesmo que Sócrates fazia nos seus diálogos essa filosofia da pergunta, da maiêutica, da busca racional das ideias.

Na Grécia antiga houve o início da democracia e da filosofia, infelizmente uma democracia ainda restrita. Em Freire já se tem uma ampliação do público alvo por conta de seu engajamento social e decorridos já centenas

de anos em relação ao tempo sócrático. Mas os dois ofertam essa visão do diálogo e do parir, gerar as ideias no convívio com os interlocutores.

A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce desse parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo esse homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se. (Freire, 2023, p.48)

Ambos falam em parir ideias, gerar conhecimentos e mudanças sociais. Mudanças essas capazes de modificar a visão de mundo e transformar a relação de opressão social, como propõe Freire. É comparado um parto por ser doloroso, requer tempo, sofrimento, mas que levará a uma recompensa ao final, com as ideias, as mudanças ganhando vida e força social. Autores como Kohan já traçaram paralelos entre as teorias de Sócrates e Paulo Freire, como exemplificado a seguir:

O que mais me inquieta, então, a partir da inspiração de Paulo Freire, é pensar filosoficamente uma posição política consistente para ocupar o lugar de quem educa. Quero propor uma política que valha a pena ser defendida, sensível à realidade brasileira e que ajude a se tornar mais justa, bonita, digna de ser vivida por todas e todos os que vivem nessa te. Essa preocupação não é nova. Tenho feito esse movimento em trabalhos dos últimos quinze anos, pelo menos, a partir de uma interlocução com figuras como Sócrates de Atenas. (Kohan, 2019, p. 24).

A reflexão que eles faziam, nesse pensar maiêutico, visava gerar o conhecimento, mas não apenas estacioná-lo, mas sim conhecimentos transformadores, engajados na sociedade, saberes transformadores, que não eram depositados no sujeito, e sim gerados em conjunto, no processo filosófico educativo. Esses conhecimentos deveriam levar a transformações sociais, em busca da ética, da justiça, da autonomia e da liberdade.

Ideais políticos e ética filosófica e educacional: Ambos defendiam os seus ideais políticos e sociais, ideais de justiça, liberdade e que visavam uma transformação social e serem de inspiração para professores e todos os profissionais da educação pensar uma posição política consistente para aqueles que educam. Tanto na figura de Sócrates quanto na de Paulo Freire há

essa interligação entre filosofia, educação, política almejando transformações sociais.

O impacto desse ensinamento na vida dos atenienses é direto, na medida em que permite que eles atentem ao que não atentavam, cuidem do que não cuidavam. Sócrates funda uma filosofia e a posição de quem vive: como uma missão filosófico-educadora que busca converter todos os outros em filósofos, todas as outras vidas em filosóficas. Sócrates quer que todos vivam sua vida filosófica. Paulo Freire também se percebe como um pastor, profeta em missão educadora. (Kohan, 2019, p.75)

Os dois possuíam uma ética filosófica e educacional, uma missão educadora e transformadora da sociedade, primeiramente formando os seus ouvintes, alunos, como mediadores do conhecimento e capazes de continuarem disseminando as ideias filosóficas para outros. A educação filosófica possui esse caráter multiplicativo da racionalidade. Todos os demais são filósofos ao exercerem o pensamento racional na busca da sabedoria no seu dia a dia.

Uma educação política é uma educação filosófica, e, nela, a vida não fica do lado de fora... da filosofia, da educação., da escola, do pensamento... A filosofia afirma-se ao mesmo tempo como uma dimensão da educação e como uma forma de vida: assim uma educação filosófica. (Kohan, 2019, p.59).

Na educação filosófica há essa interligação das ideias filosóficas e do que está sendo vivenciado dentro e fora da escola, ou seja, não se restringe a algo estático, inerte, mas a uma realidade social. Uma filosofia com pretensões educativas, na qual ocorre a análise das relações de poder na ação filosófica e educacional.

Aqui se postula que, pôr em prática a filosofia com pretensões educativas, isto é, suscitar o encontro, sob o nome de filosofia, de dois pensadores- um que ocupa a posição de quem ensina e outro que habita o espaço de quem aprende- apresenta-se, em termos políticos, de forma paradoxal. Sócrates é o primeiro nome através do qual a filosofia expõe essa condição política no terreno da educação. (Kohan, 2011, p.7)

Sócrates foi o primeiro a inaugurar uma educação filosófica, isto é, uma filosofia com pretensões educativas, sempre voltada também para a politicidade, o discurso como relação de poder. E Freire com maestria também

desenvolveu uma educação filosófica e política, educação como prática da liberdade, da autonomia e da esperança do sujeito com o seu meio.

Ainda que não tenha escrito nenhuma teoria ou sistema, desde Platão e Aristóteles praticamente todas as escolas filosóficas gregas da Antiguidade reivindicavam-se derivadas de Sócrates; isto é, mesmo sem nada escrever, Sócrates deu lugar a boa parte do que então se escreveu sob o nome de filosofia; por outro, sua influência no exercício do filosofar foi tal que nele se inspiravam todos os modos de vida afirmados pelas escolas de pensamento da Antiguidade; ainda hoje, correntes inteiras do pensamento pedagógico se dão o nome de “ensino socrático”. (Kohan, 2011, p.13)

Não há como negar a influência de Sócrates para a filosofia, seu legado é de suma importância para a filosofia como um todo e para a educação, sendo até um divisor histórico nos períodos da filosofia, Pré-socrático e Socrático. Seu filosofar inspirava e inspira multidões, sempre em busca pela racionalidade e o seu modo de ensinar, mesmo dizendo-se nada saber. E Paulo Freire é tão imprescindível para a filosofia da educação que se tornou o patrono da educação brasileira e também influenciou e influencia os saberes ao redor do mundo, suas ideias continuam vivas e universais.

Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (Saviani, 2011, p.13)

Uma educação filosófica interliga o objeto de estudo com a cultura do indivíduo, com o seu meio social, preocupando-se com as formas mais adequadas para isso, ou seja, os métodos, os meios a se chegar ao conhecimento. Dando valor ao saber cultural do educando, fazendo a junção da cultura do saber prévio com o saber sistemático, que o saber da escola, estruturado de forma clara e objetiva, o que os filósofos em estudo souberam fazer com maestria, essa educação filosófica, centrada na racionalidade.

Perseguição política: Tanto Sócrates, quanto Freire foram vítimas de perseguição social e política por conta de suas ideias. Sócrates recebeu a pena de morte e Freire foi preso e depois exilado pela Ditadura Militar, voltando

somente no fim desse regime. Porém, mesmo depois de tanta perseguição as ideias de ambos repercutiram para a posteridade. Não se pode falar em filosofia sem pensar em Sócrates e não se pode falar em educação sem destacar o papel de Paulo Feire para a construção de uma educação libertadora, ou seja, uma educação como prática da liberdade.

Portanto, é muito difícil diferenciar até que ponto e em qual sentido uma vida ética é uma vida filosófica ou uma vida educadora. Sócrates é, de novo, um bom exemplo, uma vez que as acusações contra ele são religiosas (“não acredita nos deuses dos atenienses” e/ou “introduz novos deuses”) e educacionais (“corrompe os jovens”), e sua maneira de se defender é identificando essas acusações como acusações contra “todos os que filosofam”. Ou seja, ele é acusado dos efeitos educacionais de sua vida filosófica e responde que essa acusação se vale dele como de um símbolo, mas, na verdade, ela é dirigida contra certa maneira de levar a vida, que ele chama de filosófica, isto é, contra ele, mas também contra “todos os que filosofam”. (Kohan, 2019, p.71)

Sócrates afirmava que ao ser vítima de perseguição política, essa perseguição dizia respeito também a todos aqueles que filosofavam, pois, a intimidação que ele estava sofrendo era por conta do seu agir, dos seus ideais filosóficos e que ao ser sentenciado todos os outros filósofos também estariam de certa forma sendo sentenciados com ele, pois, estavam tentando calar não apenas um homem, mas sim a filosofia.

Com Sócrates, a filosofia nasce como uma forma de vida em situação educacional. Para o ateniense, filosofar é viver interrogando-se a si e aos seus semelhantes, ocupando-se de si e dos outros, cuidando de que todos cuidem de si, transmitindo sua paixão anti-igualitária. Sem essa dimensão pedagógica, a filosofia não tem sentido; uma vez que a filosofia seja uma forma de vida que não afeta o modo de vida dos outros, a própria vida também perde o sentido. Por isso, Sócrates prefere morrer a se exilar; por isso a filosofia é uma preparação para morrer. (Kohan, 2011, p.144)

A filosofia socrática estava repleta de vida, do pensar, da paixão pelo conhecer, constituindo os alicerces de uma filosofia pedagógica. E ela não teria sentido se ficasse restrita somente no campo das ideias e não repercutisse para a dimensão social. E já que Sócrates estava sendo impedido de filosofar, de estar em contato com o povo ateniense, ele preferiu a morte a negar sua filosofia, do que uma vida sem sentido.

Com Freire também houve uma grande perseguição política, na tentativa de calar a sua voz. Ele foi exilado para a Bolívia, Chile, Estados Unidos e Suíça, passando também por diversos países da África, como Guiné-Bissau, Moçambique, Zâmbia e Cabo Verde, além de outros países como Nicarágua, Austrália, Itália, Índia e Ilhas Fiji. Como conta um pouco a seguir:

Cheguei ao Chile de corpo inteiro. Paixão, saudade, tristeza, esperança, desejo, sonhos rasgados, mas não desfeitos, ofensas, saberes acumulados, nas tramas inúmeras vividas, disponibilidade à vida, temores, receios, dúvidas, vontade de viver e de amar. Esperança, sobretudo. Somente nos meados de janeiro de 1965 nos encontramos todos de novo. Elza, as três filhas e os dois filhos, trazendo consigo também seus espantos, suas dúvidas, suas esperanças, seus medos, seus saberes feitos e fazendo-se, recomeçaram comigo vida nova em terra estranha. (Freire, 2022, p.49).

Aqui mostra os seus dilemas, anseios e tristezas que teve de enfrentar no exílio. A distância da família, depois as várias mudanças e adaptações de um lugar para outro. Mas sempre repleto de esperança e entusiasmo de que estava defendendo algo maior do que o seu sofrimento, que era a o sonho da liberdade, um mundo sem opressão, com igualdade de direitos, primeiramente o direito de pensar e a liberdade de expressão. Por isso, Paulo Freire defendia uma educação como prática da liberdade.

As práticas de ensino de filosofia devem muito a esses idealizadores, Sócrates e Paulo Freire. Pensar sobre filosofia e sobre um ensino vivo e eficaz é pensar nas teorias deles, a Maiêutica, o diálogo socrático, a educação como prática da liberdade, centrada na dialogicidade. Logo estudar sobre eles permite pensar sobre a atualidade do ensino da filosofia e se de fato essa educação libertária está sendo desenvolvida nas escolas e como chegar a esse ensino autônomo e transformador das amarras sociais.

Uma educação que propicie a investigação filosófica, que promova a liberdade de pensamento e atue como transformadora do meio social, sendo ativa e atuante, uma educação como prática da liberdade, como defendia Paulo Freire e que seja capaz de gerar novas e vivas ideias como propiciava o método socrático.

## **4- EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE FILOSOFIA NO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO AGNALDO ALMEIDA.**

### **4.1 A escola campo de estudo**

Para melhor entendimento da realidade educacional na escola campo da intervenção: Colégio Estadual do Campo Agnaldo Almeida, será detalhado o histórico da escola, o perfil da comunidade e alunado atendido.

O Ensino Médio em Santana do Sobrado iniciou em 1998, pelo Decreto 7293 de 4/5/98 D.O. 5/5/98, sendo anexo do Centro Educacional Antônio Honorato (Casa Nova), não tinha um prédio próprio, e funcionava nos prédios das escolas municipais: Escola Municipal Aurene Bezerra Angelin e Escola Municipal Doutor José Araújo. As modalidades de ensino eram: Ensino Médio e EJA. Após anos funcionando dessa maneira, ocorreu o desmembramento da escola sede e a criação autônoma do Colégio Estadual Agnaldo Almeida, homenageando um ilustre santanense, o fotógrafo Agnaldo Almeida, após cerca de 5 anos, a escola recebeu a nomenclatura de Escola do Campo, obtendo o nome atual, por situar-se em uma zona predominantemente rural, voltada para a fruticultura irrigada.

A comunidade na qual a escola está inserida é considerada ainda como rural, embora seja um distrito com uma população estimada em 15 mil pessoas, distanciando-se da sede por 30 km. A maioria da população trabalha nas empresas de fruticultura da região ou são produtores rurais em cooperativa agrícola. Algumas frutas cultivadas no distrito são: uva, manga, melancia e melão, além também de legumes como cebolas e tomates. A maior parte do alunado está inserido nos programas sociais como o Bolsa Família. E recentemente o Pé-de-meia. Esses alunos em grande maioria são trabalhadores dessa fruticultura irrigada na localidade (principalmente os alunos do noturno: EJA e Tempo Juvenil) ou filhos desses trabalhadores.

Infelizmente é uma comunidade com um alto índice de violência, mortes e roubos. Repleta também por desigualdade social e carências nas estruturas de urbanização e saneamento. Uma realidade social que precisa ser modificada com a prática da liberdade e da autonomia do sujeito.

Todos os professores da escola são concursados, embora quando necessário uma substituição em caso de licença, sejam colocados professores substitutos em regime REDA (Regime Especial de Direito Administrativo) 98% residem em Petrolina, e utilizam transportes alternativos para chegarem à escola. Enquanto que os demais funcionários da escola são contratados e residem no distrito de Santana do Sobrado, conforme o quadro abaixo:

<b>PROFESSORES - TOTAL 23</b>	<b>FUNCIONÁRIOS- TOTAL- 12</b>
<b>NÍVEL DE ESCOLARIDADE</b>	REGIME:
GRADUAÇÃO	REDA: 3
PÓS-GRADUAÇÃO - 13	CLT, Terceirizados: 8
MESTRADO - 7	Estatutário-1 - (cedido pela prefeitura)
DOUTORADO- 3	
<b>UTILIZAM TRANSPORTE ALTERNATIVO</b>	
22	
REGIME: Estatutário- 23	

Nota-se um perfil profissional bem qualificado, mesmo em meio à realidade da docência, os professores tem ido atrás de especializações nas suas áreas, todos tem no mínimo o nível de especialista e já outros têm partido rumo ao Mestrado e Doutorado. Apesar de ser muito difícil conseguir o afastamento para cursar o Mestrado e o Doutorado na Bahia, os profissionais estão sempre em busca de ampliar os conhecimentos e também uma melhor remuneração com a mudança de nível após a formação.

Quanto ao número de alunos matriculados são 580. Quanto à estrutura física: A escola possui 8 salas de aula, 1 laboratório de informática e 1 laboratório de Ciências, 1 biblioteca, 1 auditório, 1 quadra e 1 refeitório. A escola funciona no turno integral das 8:00 às 14:40 horas e no turno noturno das 19:00 às 22:00 horas. As etapas e modalidades de ensino ofertadas são: Ensino Médio Integral, Tempo Juvenil e Educação de Jovens e Adultos. Quanto ao regime jurídico, a escola é Pública Estadual.

No PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola consta os objetivos e fins da instituição e sua Missão:

Na Escola do Campo Agnaldo Almeida, temos uma missão transcende o simples ato de ensinar, abraçando a missão mais ampla de transformar vidas e comunidades. Em um contexto onde os desafios socioeconômicos são significativos, nos comprometemos a proporcionar uma educação de qualidade que vá além das paredes da sala de aula, reconhecendo e respeitando as singularidades dos alunos. Nosso propósito é oferecer um ambiente educacional inclusivo e contextualizado, que não apenas atenda às necessidades acadêmicas, mas também promova o desenvolvimento integral dos estudantes. Compreendemos a realidade dos alunos de baixa renda que desempenham duplas jornadas, trabalhando e estudando, e reconhecemos as barreiras que enfrentam para concluir o ensino médio. Ao integrar a identidade rural à nossa prática pedagógica, buscamos valorizar e preservar as riquezas culturais e ambientais do campo. Acreditamos que a educação é uma ferramenta poderosa para a emancipação, capacitando os alunos a superarem as limitações impostas pela desigualdade social. (PPP, 2025, p.3)

Vê-se o contexto social da escola que é repleto de desigualdade social, mas também de pessoas trabalhadoras que extraem da terra o seu alimento e sua renda, tendo que conciliar com a jornada de trabalho, saem às vezes de madrugada para trabalhar e os filhos ficam sozinhos ou com algum conhecido, não sabendo os pais nesse momento se os filhos foram para a escola. Para tentar mantê-los informados sobre o andamento dos filhos na escola, as reuniões de pais e mestres são realizadas à noite ou aos sábados.

A escola afirma o compromisso em formar cidadãos conscientes, capazes de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo e contribuir ativamente para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A missão vai além do processo educacional; é um compromisso com a transformação positiva, reconhecendo o potencial único de cada aluno e empoderando-os para moldar seu próprio futuro e impactar positivamente suas comunidades.

Visão: Na Escola do Campo Agnaldo Almeida, vislumbramos um futuro onde a educação transcende fronteiras, sendo uma força catalisadora para a transformação integral de nossos alunos e suas comunidades. Enxergamos uma instituição que vai além do tradicional papel de transmissora de conhecimento, tornando-se um agente ativo na construção de um ambiente inclusivo, justo e equitativo. Visualizamos uma escola que se destaca por sua abordagem inovadora e adaptativa, incorporando as peculiaridades do contexto rural para proporcionar uma educação significativa e relevante. Nossa visão abraça a ideia de que cada aluno é único, com potencialidades a serem desenvolvidas, e acreditamos que é nosso papel catalisar o florescimento dessas habilidades. (PPP, 2025, p.4)

Na visão da escola destaca-se o ideal de ser não apenas uma transmissora de conteúdos, mas sim, capaz de romper as barreiras sociais e construir um ensino de qualidade, entendendo as individualidades dos sujeitos e aplicando metodologias diversificadas para que haja realmente a aprendizagem significativa. Lembra muito as palavras de Freire em suas diversas obras como *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Esperança*, citadas ao longo desse trabalho, como a seguir:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - *a de ensinar e não a de transferir conhecimento*. (Freire, 2015, p.47)

Imagina-se uma comunidade escolar coesa, onde professores, alunos, funcionários e pais trabalham em parceria, construindo uma atmosfera de aprendizado colaborativo e suporte mútuo. Queremos ser reconhecidos não apenas pela excelência acadêmica, mas também pela promoção do respeito, da solidariedade e da valorização das diversidades culturais presentes no ambiente rural. O currículo da escola está fundamentado nos eixos básicos que orientam a Base Nacional Comum Curricular, repercutindo sobre os PCNS e o Exame Nacional do Ensino Médio, oferecidas pelo MEC, como objeto de conhecimentos e experiências significativas que provisiona competências básicas e habilidades que todos os estudantes do país devem desenvolver, no “novo” ensino médio. (PPP)

Mesmo em meio a uma realidade social às vezes precária e situando-se numa comunidade do campo, o Colégio Estadual do Campo Agnaldo Almeida tem, se sobressaído e nos últimos dois anos ganhou o prêmio de Gestão de Aprendizagem, por atingir os objetivos. As metas do Prêmio Gestão da Aprendizagem na Bahia são: fortalecer as ações estratégicas das escolas para aprimorar a proficiência em Língua Portuguesa e Matemática, regularizar a defasagem idade-série dos estudantes e promover um intercâmbio de práticas inovadoras. As escolas podem participar inscrevendo suas ações realizadas, detalhando experiências em avaliações institucionais e no desenvolvimento. A escola conseguiu o prêmio em 2024 e 2025.

## 4.2 - A DIDÁTICA E O ENSINO DE FILOSOFIA.

Essa seção propõe discutir a relação entre Didática e Currículo. Trazendo o conceito de Didática e suas implicações para o ensino de Filosofia. Desde os primórdios com Comenius até a atualidade.

Buscando a cada dia melhorias na área do Ensino de Filosofia, é necessária a compreensão e entendimento dos aspectos fundamentais que compõem a área educacional, em especial no que tange à Didática da Filosofia. Por isso, haverá o destaque aqui, inicialmente, de alguns conceitos relevantes. Como por exemplo, a Didática da Filosofia. É preciso analisar os conceitos de Didática e compreender como ela deve se desenvolver no ensino de Filosofia.

Vejam o que diz, o pai Didática, Comenius (2001, p.3):

Didática significa arte de ensinar. Uma Didática Magna de ensinar tudo a todos [...] nossa Didática será investigar e descobrir o método segundo o qual os professores ensinem menos e os estudantes aprendam mais; nas escolas, haja menos barulho, menos enfado, menos trabalho inútil, e, ao contrário, haja mais recolhimento, mais atrativo e mais sólido progresso.

Comenius cunhou essa definição de Didática no século XVII, mas sua teoria continua viva e aplicável à educação dos nossos dias. Ele foi um pedagogo que idealizou a Didática como uma maneira de ensinar diversos assuntos, unindo ideias religiosas, científicas e racionais. Mas o que nos chama mais atenção não é o teor do que ele propõe ensinar, mas como ele nos propõe que deve ser ensinado. Como ensinar? Essa é a preocupação da Didática.

A palavra 'didática' vem do grego *didasko* e tem como significado ensinar ou instruir, sendo que foi Comenius quem primeiro denominou didática como sendo a arte de ensinar e afirmou que deveria ter como foco as formas de se transmitirem conhecimentos de modo mais sistematizado. É a partir de Comenius que o professor passa a ser visto como alguém que detém o conhecimento e que deve ser capaz de lidar com diversos alunos ao mesmo tempo por meio de métodos que possibilitem o ensino/aprendizagem da melhor forma possível. (Cabral; Petrochelli et al.2021,p.12)

Didática é sinônimo de ensino e de acordo com as ideias de Comenius listadas acima, é um ensino prazeroso que atinja os objetivos educacionais, um

ensino sistemático, especializado, por professores competentes e munidos de métodos de ensino adequados às faixas etárias e níveis de aprendizagem.

Agora, busquem o entendimento do que é a Filosofia e sua aplicabilidade na história do discente. A Filosofia é o viés do conhecimento, na busca do entendimento da razão. Uma busca da racionalidade.

Filosofar é reconhecer o próprio estado de ignorância e buscar superá-lo por meio de questionamentos. Assim, filosofar é passar de um estado inicial de ignorância para outro em que algo se esclareceu, mas não significa necessariamente esgotar a questão inicial. (Berutti, p.189,2021).

A Filosofia é uma busca constante pelo esclarecimento, pelo conhecimento. Busca a compreensão da realidade por meio de reflexões e comparações. Mas para que haja essa mudança do estado de ignorância para a apropriação dos conhecimentos, se faz necessário o uso de estratégias pedagógicas relevantes e a contextualização dos assuntos filosóficos. Ou seja, perpassa pela Didática para direcionar a postura do professor.

Estratégia vem do termo grego *strategia*, que significa plano, método, manobras ou estratagemas usados para alcançar um objetivo ou resultado específico.” (Significados, 2011).

A Didática se desenvolve por meio das Estratégias Didáticas utilizadas em sala de aula, no processo educacional, Villani; Freitas (2001, p.5), trazem um conceito dessas Estratégias:

Em nossa interpretação, uma estratégia didática é um conjunto de ações implicitamente planejadas e conduzidas pelo professor para que ao final delas uma boa parte dos alunos se comprometam a realizar uma tarefa ou um trabalho didático da melhor maneira possível. O resultado de uma estratégia promove o envolvimento dos aprendizes com um conjunto maior de atividades. Estratégias mais globais tentam conseguir o compromisso dos alunos com a disciplina como um todo.

A função das Estratégias Didáticas é propiciar o aprendizado de forma relevante, construtiva e crítica dos conteúdos trabalhados, buscando alcançar e engajar os alunos nesse processo.

Continuando nessa investida educacional, averiguemos então a seguinte problemática: Como seria uma Didática adequada para um professor de Filosofia? Através da dialética de alguns autores responderemos a essa

questão. Inicialmente trazem-se à tona as palavras do Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire.

O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. É como se os livros todos a cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo. (Freire, 1996, p.16.)

Ele diz como um professor não deve se portar em sala de aula. O docente não pode ser um repetidor de assuntos, ensinar sem contextualizar os assuntos, não pode levar os alunos a memorizarem textos e muito menos não pode adotar uma postura onde o que ensina fica dissociado da realidade, do contexto histórico de vida do aluno. É necessário assumir então, nas aulas, uma postura contrária do que é criticado.

Para que se combata esse ensino mecânico, desmotivante, precisa-se abastecer com estratégias metodológicas adequadas, por meio das quais os alunos sejam agentes construtores do conhecimento e o professor um mediador, facilitador da aprendizagem, por isso, é necessário o aprendizado constante e busca de novas ideias e metodologias eficazes e capazes de construir uma educação de qualidade.

É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. (Freire, 2015, p.116)

Os métodos empregados pelo professor de filosofia devem contrapor uma “educação bancária”, onde só se deposita, só o professor detém o saber. A efetivação de um ensino de qualidade tem total relação com a Metodologia, com a Didática, usando-a adequadamente obteremos excelentes resultados, promovendo a participação do aluno, propiciando a criticidade, a liberdade para pensar, descobrir, questionar, contrapor ideias, ou seja, um ensino ativo,

dinâmico. O processo de ensino e aprendizagem está entrelaçado com a Didática, não podemos fugir disso. Não podemos relegar o papel da Didática nesse desenvolvimento.

Em suma, ensinar filosofia é um exercício de apelo à diversidade, ao perspectivismo que anunciava Nietzsche; é um exercício de acesso a questões fundamentais para a existência humana; é um exercício de abertura ao risco, de busca da criatividade, de um pensamento sempre fresco; é um exercício da pergunta e da desconfiança da resposta fácil. Quem não estiver disposto a tais exercícios, dificilmente encontrará prazer e êxito na aventura que é ensinar filosofia, e também aprender filosofia. [...] E não apenas como mais um processo de transmissão de informações e conteúdos, mas como um verdadeiro convite ao pensamento próprio. (Gallo, 2012, p.44)

Realmente, uma Didática adequada, é aquela em que há criatividade, dialogicidade, troca de experiências entre o professor e o aluno, não transmitindo conteúdos, mas construindo conhecimentos, se abrindo às descobertas, ao novo, não se estagnando no tempo. Ensinando de uma forma diversa, construindo ativamente o pensamento filosófico e analisando as questões fundamentais da humanidade. Filosofar não é algo fácil, mas também não é impossível, temos que desconfiar de uma resposta fácil no sentido de sempre buscar mais, buscar melhorias.

O professor de Filosofia deve aplicar a Didática em suas aulas alinhando com o Currículo Contextualizado, agindo como um mediador, e como aquele que aponta caminhos, propiciando assim a liberdade para o aluno pensar e construir ativamente o seu pensamento. O filósofo e professor Silvio Gallo, defende um ensino de Filosofia de forma ativa:

Trata-se, isso sim, de assumir uma outra postura perante o ensino. Uma postura que não implique a transmissão direta de saberes, que seriam assimilados diretamente por aquele que aprende; uma postura que não implique a submissão daquele que aprende àquele que ensina; enfim, uma postura de abertura ao outro, ao aprendizado como encontro com os signos e como criação. (Gallo, 2012, p.48)

O mestre de filosofia deve ser uma ponte que interliga o aluno ao conhecimento, e nesse processo ocorre a troca de experiências e a formação de algo novo, que é o filosofar, a Filosofia em prática, em ação. A postura do professor de filosofia deve ofertar a abertura, a possibilidade do aluno raciocinar, para que dessa forma haja a diligência em aprender por parte do

aluno. Ensinar não é trazer algo e o professor já ir explicando tudo achando que é o dono da razão, da verdade. Na filosofia busca-se investigar as condições de possibilidade de se conhecer as diferentes concepções de verdade. Isso faz parte da história do pensamento filosófico.

Assim, quando se aprende história de verdade, aprende-se a pensar historicamente; quando se aprende matemática em sentido forte, aprende-se a pensar matematicamente; quando se aprende filosofia a sério, aprende-se a pensar filosoficamente. Nesses casos, não é apenas um conteúdo que é aprendido; não se trata apenas de uma diferença de objeto entre disciplinas; há um caminho específico no pensamento que se aprende a percorrer em cada caso. (Gallo, Guido e Kohan, 2013, p. 103).

Quando há a oferta de aulas nas quais os alunos são levados a pensar, a interagir, percorrendo-se os caminhos corretos, usando-se as estratégias didáticas adequadas que possibilitem essa construção dos saberes, estaremos assim trilhando as rotas do conhecimento, da construção filosófica. Gallo diz que ao usar uma Didática eficaz, estamos ao mesmo tempo dando aula de filosofia e podemos nos considerar também como filósofos, mas tudo depende de uma Didática adequada que leve a pensar filosoficamente, pensar além do que está aparente, além do que está escrito ou se vê, contemplando o real, mas buscando novas formas de ver o mundo.

Dissertando também sobre a Didática, Cortella (2003, p. 124) comenta:

Assim, a criação e recriação do conhecimento na escola não está apenas em falar sobre coisas prazerosas, mas, principalmente, em falar prazerosamente sobre as coisas; ou seja, quando o educador exala gosto pelo que está ensinando, ele interessa nisso também o aluno. Não necessariamente o aluno vai apaixonar-se por aquilo, mas aprender o gosto é fundamental para passar a gostar.

Cortella cita a importância da maneira como o professor aplica a sua metodologia. Ele destaca o modo de se falar, o modo de se dar aula, ou seja, a Didática. Dependendo da Didática empregada podemos levar o aluno a se identificar com os assuntos e a gostarem, se divertirem nesse processo. As aulas passam rapidamente, pois, são prazerosas. Por que o professor soube falar, conduzir o processo educacional de uma maneira clara, motivadora. É justamente o que Comenius propôs em sua Didática Magna, ensinar tudo a todos de uma maneira em que haja menos enfado, e mais resultados. Tudo

pode ser aprendido e se aprende mais rápido se for de forma prática, construtiva, participativa. Quando o aluno se identifica com o método do professor, com as diferentes estratégias empregadas, há um conhecimento verdadeiro, não uma repetição artificial.

Vemos a importância da contextualização no ensino de Filosofia e de estratégias didáticas satisfatórias, fazendo a reflexão sobre a teoria e prática mediados também pelos recursos didáticos adequados no dia a dia educacional. Elementos fundamentais para a construção de um ensino de Filosofia dialógico. Ninguém chega à escola vazio de conhecimentos, todos já carregam experiências de vida, sua visão de mundo. Severino, 2021, p.82 diz: “Pode-se então dizer que o papel pedagógico da Filosofia, na condição de uma mediação curricular, é o de subsidiar o jovem aprendiz a ler o seu mundo e a ser inserido nele.”.

O professor deve partir desse conhecimento prévio do aluno. “ É necessário que a educação considere a diversidade cultural e as possibilidades de saberes e experiências trazidos pelos alunos, valorizando sua singularidade e incentivando a participação ativa na construção do conhecimento.” (Bahia, 2023,p.16) E então, promover uma construção de conhecimentos, é imprescindível ver o que o aluno já sabe sobre determinado assunto, ou filósofo, temática para a partir disso suscitar novos aprendizados. Correlacionando os textos dos filósofos, as problemáticas sobre as quais esses autores versaram e fazer a relação com temáticas do nosso cotidiano.

Pensar a grande contribuição da filosofia antiga como um chamado a *viver* a filosofia é uma necessária correção de rota historiográfica; esta, ainda, é mais uma ocasião ímpar para o professor de filosofia, que, dessa forma, no espelho dos antigos, é chamado a transformar o *baú do tesouro* da tradição filosófica ocidental em algo vivo e que fale, hoje, às escolhas e aos estilos de vida contemporâneos de seus alunos. (Cornelli, 2010, p.50)

Um verdadeiro ensino filosófico interliga-se com o hoje, com as problemáticas atuais, o contexto social. Os questionamentos sobre justiça, bem, mal, bondade, beleza sempre serão atuais e aplicáveis ao nosso tempo. E a primeira leitura que o aluno deve fazer é a leitura de mundo, do que ocorre ao seu redor. Os assuntos de Filosofia devem ser trabalhados de uma forma

viva, atrativa que tenha a ver com o nosso século atual, fazer essa ponte é papel do professor, por meio das estratégias didáticas. Contudo algumas questões atuais, precisam ser retomadas a partir da tradição, podemos trabalhar temas diversos com a ajuda dos cânones, mas sempre fazendo a interligação com o real, atual.

A Filosofia não é uma questão privada, ela se constrói no diálogo. Ensinar significa retirar a Filosofia do mundo privado e exclusivo de uns poucos para colocá-la aos olhos de todos, na construção coletiva de um espaço público. Por certo, em última instância, cada um escolherá se filosofa ou não, mas deve saber que pode fazê-lo, que não é um mistério insondável que apenas alguns atesouram. E, nisso, o professor tem uma tarefa fundamental em estimular a vontade. (Cerletti, 2009, p.87)

O ponto chave para uma Didática relevante é a dialogicidade do ensino, pois, se faltar essa característica estaremos apenas sendo depositadores de conhecimentos. Alunos repetidores e não seres pensantes. Se faltar a dialogicidade, todo o nosso ensino será em vão, será inerte e sem sentido algum. E com certeza passará longe de um ensino filosófico. Um ensino filosófico de verdade é aquele que se abre ao diálogo, a uma construção coletiva do pensar. Do viver o conhecimento prático e pulsante em nossas mentes. Como os diálogos socráticos em que o indivíduo era levado a construir o seu próprio entendimento, ou a dialogicidade Freireana na qual o aluno é parte ativa no processo do conhecer, no diálogo com os seus pares e com o professor, dentro do seu contexto social.

O professor pode e deve estimular a vontade de seus alunos filosofarem, saindo do eu para o nós. Primeiramente mostrando que os alunos podem também filosofar, que isso não se restringiu aos grandes sábios, grandes filósofos. Que nós professores e alunos também somos sujeitos históricos construtores do filosofar contemporâneo. A Filosofia não é somente para uns poucos iluminados, escolhidos, mas é para todos que se deixam iluminar, que se abrem a esse processo. O passo inicial deve ser dado pelo professor e daí em diante seus alunos serão encorajados nesse processo, sabendo que eles também podem fazer acontecer a Filosofia no seu pensar e agir.

Para se referir a algumas estratégias para o processo didático do ensino de Filosofia, impõe-se ter bem presentes as dimensões

existenciais que se encontram envolvidas na condição humana e às quais o jovem aprendiz precisa se sensibilizar, mediante o processo pedagógico.” ( Severino, 2021, p.86)

As estratégias de ensino são relevantes para que se atinja um ensino integral do ser humano. “A defesa da educação integral pressupõe garantir o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões: intelectual, física, afetiva, social e cultural.” (Bahia, 2023, p.9) Existem diversas dimensões a serem pensadas ao se aplicar as nossas aulas, pois, o ser humano é formado por diferentes aspectos. Dimensão intelectual, física, afetiva, social e cultural. Pensar nas diversas dimensões é pensar holisticamente.

A abordagem holística fomenta a construção de uma visão de mundo e de homem integral, propondo-se a ter um olhar diferenciado sobre a realidade, e ampliando a visão que temos do mundo e nossa relação com ele, valorizando nossos potenciais humanos, tais como: o lado emocional, racional, corporal, nossa imaginação, nossa criatividade e a intuição, de maneira equilibrada. (Maia; Araújo,2015, p.3)

Que haja um ensino capaz de englobar todas essas dimensões. Buscando compreender os alunos. Pensar a Didática envolve pensar em que estratégias utilizar para alcançar todas as dimensões da condição humana ao lecionar a Filosofia. Ela mais do que qualquer outro campo do saber tem que se ater a essas dimensões.

Dessa forma, afirma Brasil (1998, p. 28): “o ensino está em processo de mudanças substantivas nos objetivos, conteúdos e métodos.” Uma Didática relevante é essencial nesse processo de mudanças. Sejamos nós, professores, agentes de mudanças na busca de um ensino contextualizado, que ofereça estratégias de ensino adequadas para a construção de um saber vivo, crítico e eficaz. Um ensino dialógico, no qual o aluno possa opinar, debater, criticar e construir ativamente os seus conhecimentos filosóficos, aplicáveis ao pensar a sociedade e todo o arsenal histórico da humanidade. E também um ensino que englobe as diversas dimensões do ser humano, só assim haverá o descortinar da arte de ensinar Filosofia de forma eficaz e competente.

Por meio dessa seção, foi feita a investigação dessa problemática: Como seria uma Didática satisfatória e estimulante para um professor de

Filosofia? Investigou-se a relação teoria e prática nas aulas de Filosofia de acordo com alguns teóricos, para responder a problemática. Vê-se que há um consenso dos autores citados no texto: Como Freire, Gallo e demais autores, de que a Didática de um professor de Filosofia deve se distanciar da memorização, da transmissão de conteúdos visando subsidiar a Didática da Filosofia com estratégias eficazes e construtivas.

Refletir sobre a Didática da Filosofia é indispensável a todos os professores que desejam romper com o tradicionalismo e se propõem a partir de então, a adotarem uma metodologia “reflexiva” para a melhoria na formação filosófica do ensino aprendido. As Práticas de Ensino de Filosofia é que vão indicar realmente se está havendo uma aula filosófica, ou apenas uma retórica desprovida da essência do esclarecimento, das ideias vivas que emanam de mentes pensantes, críticas.

Por meio de diferentes abordagens didáticas nas aulas de Filosofia, desde as ideias de Comenius, o pai da Didática. Essas estratégias podem ser aplicadas nos diferentes níveis de ensino. Dentre elas, a principal característica de uma Didática relevante de Filosofia é a dialogicidade nas aulas, na maneira de se ofertar o ensino onde o professor é um mediador e os agentes principais são os alunos.

Não esquecendo também de correlacionar os textos filosóficos com problemáticas da atualidade, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos e fazendo essa junção, procurando também diversificar os recursos de aprendizagem. Fornecer diferentes estratégias metodológicas nas aulas de Filosofia para a construção filosófica crítica reflexiva é uma característica dos docentes que querem ofertar uma metodologia “reflexiva” e moderna na aplicação das aulas de Filosofia nos diversos níveis de ensino.

Esse capítulo ou seção, fez um apanhado histórico da Filosofia brasileira, desde o seu nascedouro, passando pelo seu desabrochar na época colonial, pela supressão no período da Ditadura Militar e das leis 11.684/2008 que tornou a Filosofia obrigatória e a lei do Novo Ensino Médio, lei 13.415/2017 que retirou a Filosofia como disciplina do currículo brasileiro e a deixou apenas como estudos e práticas. Detalhou aspectos fundamentais do ensino de Filosofia.

A luta pela valorização dos saberes filosóficos e de sua regulamentação disciplinar nunca foi tão atual. Entre idas e vindas da Filosofia no currículo brasileiro ela sempre foi um instrumento de busca da liberdade e das ideias racionais em uma constante e incessante busca de construção da razão, da sabedoria.

#### **4.3- A Filosofia no Currículo da Bahia.**

Faz um apanhado da Filosofia no ensino médio no currículo da Bahia e assim a sua aplicação em uma escola estadual baiana. Para isso, em primeiro lugar será destacada a matriz curricular da Bahia aplicada nessa escola, conforme os dados extraídos do SIGEDuc - Sistema Integrado de Gestão da Educação, Vide Anexo 1.

Essa matriz mostra as disciplinas estudadas do 1º ao 3º ano de ensino médio na Bahia, contendo o nome da disciplina, a Área do conhecimento à qual pertence, a carga horária anual e a carga horária semanal. Se a disciplina é eletiva, ou da parte diversificada, e se é facultativa ou optativa.

Com o Novo Ensino Médio- NEM (sancionado em 2017, pela Lei nº 13.415/2017) lei a quantidade de horas/aulas que era de 800 horas, aumentou para 1400 horas, porém, as disciplinas de Ciências Humanas: História, Geografia, Filosofia e Sociologia perderam o seu espaço, tendo a diminuição da carga horária de 2 aulas para 1 aula semanal. E foi citado nessa lei, apenas como estudos e práticas nessa lei, tendo seu conteúdo também sofrido modificação, ou diluição, perdendo em quantidade e qualidade.

O NEM diluiu e fragmentou a Filosofia na formação geral básica, leia-se BNCC, como também nos itinerários formativos. De maneira mais pontual e prática, ao observar as competências específicas, nota-se que algumas áreas da Filosofia ficaram evidenciadas em detrimento de outras. Grosso modo, entre as grandes áreas, conteúdos de Ética e de Filosofia Política, de Epistemologia e de metafísica podem ser mobilizados para constituir no estudante grande parte das competências específicas e habilidades da CHSA. (Nascimento, 2023, p.103)

As quantidades de aulas e em consequência disso também de assuntos trabalhados na Filosofia diminuiram e diversos campos filosóficos sofreram essa redução, comprometendo a qualidade do ensino da disciplina. Ao

analisar a grade curricular baiana, nota-se a presença de 10 disciplinas intituladas: Estação do Saber, voltadas para saberes técnicos e transdisciplinares. Com o objetivo de flexibilizar as disciplinas e preparar os alunos para o mercado de trabalho. Uma educação tecnicista, mercadológica.

De certo, tal reforma proposta não é bem aceita na comunidade educacional, porque a considera como a volta ao ensino Técnico. A educação escolar nesta visão compete organizar o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários para que os indivíduos se integrem na máquina do sistema social global. (Carvalho, 2020, p.47)

As ciências humanas, em especial a filosofia, não se restringem a um saber material, ou técnico, vai muito, além disso, é pensar as relações sociais estabelecidas, as relações de trabalho, e consigo mesmo em meio a esse contexto socioeconômico. É abstrair do real para gerar novos aprendizados, propiciar a cognição do eu com o meio social.

Em virtude disso, e também de acordo com as Diretrizes Curriculares Referenciais da Bahia-DCRB-BA, (Bahia, 2022, p.20) as Competências e Habilidades da disciplina Filosofia no ensino médio da Bahia que são:

C1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

O pensar filosófico deve fazer a interligação de toda uma conjuntura dos aspectos políticos, sociais e econômicos, discutindo os assuntos e textos dos cânones da filosofia, mas, também fazendo a análise com o atual, com a notícia do jornal televisivo. A filosofia envolve pensar sobre a Epistemologia, que é estudar as fontes do conhecimento científico, bem como relacionar esse saber com a realidade social do aluno, para que haja uma compreensão significativa.

A filosofia suscita ouvir e gerar diferentes pontos de vista, o debate com respeito à opinião do outro, considerando as diferenças de pensamento. O professor é o agente que faz essa ponte entre os diferentes horizontes do pensamento. Dando a possibilidade dos alunos serem ouvidos no processo de ensino aprendizagem, e construir seus argumentos, alicerçados na razão e no respeito ao outro como sujeito histórico e sujeito pensante.

Nós almejamos as filosofias integrando os Projetos Político-pedagógicos das escolas, porque nós queremos uma educação que pense a pessoa como um todo, porque nós entendemos que a educação pública de qualidade social é um direito da cidadania, porque estamos na luta para assegurar a homens e mulheres os direitos de pensarem a si, de dizerem o mundo, de pronunciarem a vida. Sobretudo, porque entendemos que os conhecimentos trabalhados na escola básica se configuram em chaves de leitura que propiciam a construção de sentidos na vida de rapazes e moças e lhes ajudam a se posicionarem quanto à forma de sua intervenção no mundo da vida. (Matos, 2024, p.11).

A filosofia deve integrar o currículo da Bahia, do Brasil e de todos os países do globo terrestre, pois, ela é extremamente necessária na busca racional do conhecimento, perpassando as diversas instâncias do ser humano, pensando a cidadania, a ética, a política, discutindo direitos e deveres, pensando: Quem sou eu? E o que posso fazer para modificar a realidade social vigente?

A educação filosófica é um ato político. E deve garantir a liberdade de pensamentos, de opiniões e de inculcar em cada aluno que ele é capaz de modificar a realidade social. A educação filosófica precisa ser uma prática libertadora. Uma filosofia da esperança e da liberdade sócio-políticas. Diante de tudo isso, espera-se a ampliação da filosofia no currículo escolar e o constante pensar sobre a prática pedagógica da mesma para que os objetivos educacionais sejam alcançados.

#### **4.4 Compreensões da Filosofia a partir da fala dos discentes da escola estudada.**

Essa seção, traz os resultados das entrevistas realizadas com alunos da escola pesquisada, analisando assim quais são as compreensões da Filosofia

para os mesmos. Partindo da aplicação prática da pesquisa de mestrado em uma escola de ensino médio baiana.

Antes de aplicar a pesquisa, fiz minha inscrição na Plataforma BR, onde inseri todos os dados da pesquisa, como título, Área de Conhecimento, público alvo, objetivos, metodologia, enfim tudo o que se referia à pesquisa. E em seguida elaborei de acordo com o modelo da ABNT (associação Brasileira de Normas Técnicas) todos os termos necessários: Termo de sigilo, assinado por mim e por meu orientador o Dr. Sebastião, carta de anuência, enviada para a escola campo da pesquisa, termo de assentimento livre e esclarecido, termo de consentimento livre e esclarecido, enviado para os alunos e para os seus responsáveis, por se tratarem de alunos menores. Inseri na plataforma o projeto de pesquisa e o cronograma e por fim o relatório a ser aplicado aos alunos.

Depois de serem analisados todos os documentos e de receber o parecer consubstanciado favorável do Comitê de Ética da Pesquisa, pude iniciar aplicação da pesquisa, ou seja, a intervenção pedagógica. Resumos de textos e Sequência didática, que propõe a dialogicidade filosófica, serão detalhados no tópico posterior.

E no momento adequado foi aplicado o questionário a ser analisado a seguir. Que foi no dia 14/07/2024 no turno da tarde, ao final da aula de filosofia, os demais alunos foram liberados e os que estavam participando da pesquisa ficaram alguns minutos para responder ao questionário, conforme já tinha sido esclarecido antes. Para obter os dados nessa pesquisa apliquei um questionário com os alunos público-alvo da mesma (20 alunos: 10 do primeiro ano e 10 do segundo ano do ensino médio).

Conforme constam nas orientações (no anexo), este questionário faz parte de uma pesquisa de Mestrado em Filosofia, realizada no Instituto Federal do Sertão Pernambucano. Explicita que, os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos. O questionário é anônimo, não precisa de identificação. As respostas são pessoais. Por isso a solicitação que respondam de forma espontânea e sincera a todas as questões.

A primeira parte se referia à idade, gênero, Quantidade de pessoas que moram juntos e renda familiar aproximada. Identificou-se que os alunos estavam na idade regular para as suas séries, algo que é esperado em turmas

do ensino integral. O Género predominante foi o feminino e a renda aproximada era de 2 salários, tendo um número médio de 5 pessoas por família. A segunda parte se refere ao ensino da Filosofia, conforme mostra a seguir:

1- *Sobre as Estratégias Didáticas, que são um conjunto de ações ou recursos que o professor utiliza, ex.: (aula dialogada, debates, vídeos, peça teatral, etc.) responda:*

- a- Facilitam a absorção dos conteúdos .
- b- Não interferem no processo de aprendizagem .
- c- Dificultam o aprendizado .



Ao perguntar sobre as estratégias didáticas, entendidas como um conjunto de ações, recursos, metodologias, se elas interferiam no processo de aprendizagem, se facilitavam, não interferiam ou dificultavam esse processo. A resposta foi unânime, todos responderam que as estratégias poderiam facilitar o aprendizado.

As estratégias, ou métodos de ensino, são muito importantes quando se pensa em um ensino inovador, que cativa o alunado e possa atingir o objetivo principal que é a gênese do conhecimento. E também para estar a par das mudanças sociais e tecnológicas vigentes na atualidade. Isso é confirmado nas palavras de Bittencourt (2008, p. 106):

As propostas de renovação dos métodos de ensino pelos atuais currículos organizam-se em torno de dois pressupostos. Um pressuposto básico e fundamental é a articulação entre método e

conteúdo. O segundo pressuposto é que os atuais métodos de ensino têm de se articular às novas tecnologias. As transformações tecnológicas têm afetado todas as formas de comunicação e introduzido novos referenciais para a produção do conhecimento.

É necessária a constante reflexão sobre a prática, sobre a metodologia empregada e dessa forma, articular métodos e conteúdos de forma clara, objetiva. A sociedade está em constante mudança tecnológica, e a escola também precisa ofertar um ensino inovador, não necessariamente que seja algo nunca visto, mas de estar dinamizando as metodologias para alcançar também a multiplicidade dos alunos. A filosofia da educação é pensar como o ensino tem sido ofertado e nas diferentes implicações que isso requer.

O método para você é um conjunto de princípios que têm de ser permanentemente recriados, na medida em que a realidade outra e sempre diferente exige que esses princípios sejam lidos de maneira diversa. E enriquecidos de maneira diversa. É por essa razão, que, no fundo, seu método é uma espécie de provocação aos intelectuais e à realidade para que eles o recriem, a fim de traduzir os princípios metodológicos segundo as exigências e responder, assim, a diferentes realidades concretas. O que você pensa disso? Estou completamente de acordo com isso. (Freire; Faudez, 2022, p.60)

Os métodos têm de ser repensados constantemente, pois, a realidade é afetada por diversos fatores: sociais, políticos, econômicos e tecnológicos. Aplicar de forma adequada as metodologias, podem favorecer o entendimento dos conteúdos e assim estabelecendo conexões com o real. A adequação entre os métodos, estratégias e o meio social deve ser pensada pelos intelectuais e por todos os envolvidos no processo educacional, possibilitando assim, bons resultados, bons aprendizados filosóficos.

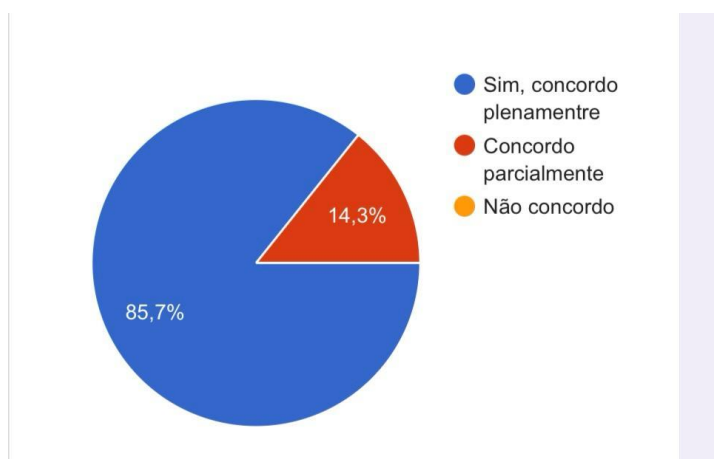
Aqui, o método está ligado a uma experiência muito precisa, que acredito ser muito forte: aquela em que temos a impressão de penetrar passo a passo, e progressivamente, em uma certa intimidade das coisas. O método é, então, aquilo por meio do qual vivemos a experiência da espessura das coisas. (Kohan 2013, p.247)

Com a aplicação do método adequado, o aprendizado pode ir além da superfície, ou seja, pode atingir proporções maiores em quantidade em qualidade na absorção e compreensão, por parte dos alunos. É tanto que a resposta foi unânime ao se perguntar sobre a importância das estratégias metodológicas no ensino.

Nesse processo educacional, os métodos vão abrindo caminhos para se chegar ao conhecimento. Caminhos desbravados, nos quais se retiram os espinhos e se embelezam com os jardins do aprendizado, da criatividade, do desejo de aprender cada vez mais. E sempre se buscando adequar esses caminhos ao público alvo que são os diferentes alunos e suas necessidades cognitivas. Por meio dos métodos é que o aprendizado é alcançado, pois, são esses caminhos que conduzem ao saber e entendimento filosófico.

*2-Você acha importante que o assunto estudado seja comparado e contextualizado com o tempo presente?*

a- Sim, Concordo plenamente    b- Concordo parcialmente    c- Não concordo



Quando perguntados sobre a importância da contextualização dos assuntos estudados com o tempo presente, 85,7% responderam que sim, que era muito importante essa relação entre o ontem e o hoje dentro dos conteúdos e os 14,3% concordaram parcialmente. Isso mostra a necessidade dessa inter-relação ser feita nas aulas para que haja uma compreensão real dos conteúdos e sua aplicação na realidade atual. “O mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz, o que se mostra e como se mostra na televisão, me parece algo cada vez mais importante.” (Freire, 2015, p.136). Os temas filosóficos podem ser estudados até mesmo por meio de notícias do jornal, a ética, justiça, liberdade e uma infinidade de temas podem e devem ser correlacionados com a atualidade.

Apesar de todo o planejamento necessário e indispensável ao bom andamento de uma aula, dedicar, no início delas, de 5 a 15 minutos para uma rápida conversa com as (os) estudantes sobre seus dias, sobre o que tem acompanhado nos jornais ou redes sociais, situações que presenciaram na escola ou fora dela e que os intrigam é extremamente valioso. Uma pergunta que nunca falta: há algo sobre o qual vocês gostariam de pensar e discutir? Algum tema que tem instigado, incomodado e/ou provocado vocês? O objetivo é escutá-las (os). (Matos, 2024, p.248)

No dia a dia escolar as temáticas filosóficas devem ser recheadas com os assuntos cotidianos, ouvindo o que se passa com o aluno, as notícias da mídia, do jornal, num constante diálogo. Pensar sobre a realidade social também é filosofia, ela se aplica aos seres tanto individualmente, quanto nas suas relações coletivas, com o outro, com o meio social.

Dessa forma, o ensino será mais atrativo, chamará a atenção dos alunos e permite uma melhor compreensão dos conteúdos filosóficos, com a aplicação prática deles no contexto de vida dos alunos, nos dilemas morais, sociais deles próprios e do mundo ao seu redor.

As aulas devem ser bem aproveitadas, esses minutos para ouvi-los não é perda de tempo, é uma aula viva, dinâmica, onde os saberes ganham significância. A filosofia tem um viés político, a política se constrói no convívio social, na cidade, na urbanidade humana. Reconhecendo-se a si mesmos e o mundo ao seu redor. Na reflexão contínua e na contextualização dos conteúdos curriculares com a realidade de vida. Se trouxermos para a aula fatos que intrigam os alunos, que lhes chama atenção, com certeza as aulas serão mais prazerosas e significativas.

Já em sua própria formulação as questões colocadas têm como seu horizonte, seu ponto de partida a experiência fundamental de que a filosofia é antes de tudo uma prática, uma ocupação, uma experiência e uma atividade humana- e como toda e qualquer atividade humana, uma atividade historicamente enraizada e situada, historicamente comprometida e determinada, que se forma e se transforma, que se define e se redefine de acordo com o horizonte histórico de sua própria gênese, de sua própria existência, de sua própria realização. (Kohan, 2013, p.56).

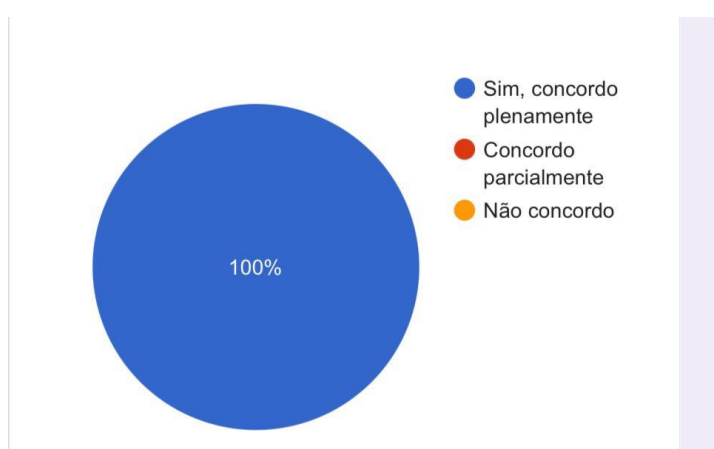
Compreender a historicidade dentro da filosofia permite uma maior compreensão da essência filosófica e também propicia uma redefinição dela

dentro dos diferentes contextos sociais. É um constante pensar, repensar. Esse processo torna-se mais leve quando há a contextualização dentro do ensino da filosofia. Refletindo desde a sua origem e interligando com a atualidade.

### 3- Sobre a Dialogicidade no Ensino:

*É importante uma aula dialogada? Quando o professor faz perguntas aos alunos, quando está explicando os conteúdos, ou seja, quando o aluno participa da aula? Quando o aluno dá sua opinião.*

a- Sim. Concordo plenamente      b- Concordo parcialmente      c- Não concordo



Ao serem questionados se era importante o diálogo entre o professor e os alunos no momento das aulas, dialogando, debatendo sobre os assuntos, 100% respondeu que sim. Esse fato só vem confirmar na prática a importância de um ensino dialógico, como defendia Freire e da maiêutica socrática de Sócrates, um jogo de perguntas, uma troca de saberes dando vida e origem a novos conhecimentos.

O antagonismo entre as duas concepções, uma a “bancária”, que serve à dominação; a outra problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente mantém a contradição educador-educandos, a segunda realiza a superação. Para manter a contradição, a concepção “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora- situação gnosiológica- afirma a dialogicidade e se faz dialógica. (Freire, 2023, p.95)

Uma educação que apenas transmita o conteúdo é vista como uma educação “bancária”, na qual só se deposita, de forma passiva. Porém na educação problematizadora, libertadora, há um constante emprego da dialogicidade. Da troca de ideias, levantamento de questões, respeito ao pensar do outro. Essa forma de ensino visa superar o tradicionalismo, ou ensino antidialógico e gerar uma superação de práticas antidemocráticas no cenário educacional.

Essas perguntas durante a aula, essas conversas são na verdade um jogo maiêutico, de dar a luz às ideias, ao conhecimento. “Ao diálogo, exposição não solitária das ideias, na qual, por exigência do método socrático (maiêutica – a parturição das ideias), são necessárias, no mínimo, duas pessoas representadas pela voz principal”. (Platão, 2007, p.32) Nessa troca de ideias, o diálogo vai gerando de forma clara e natural, o conhecimento racional.

Não há filosofia sem diálogo, não há filosofia sem debate, logo, sem abertura e escuta interessada. Em uma sala de aula, o diálogo não deve ser feito entre o (a) professor (a) e os filósofos e filósofas em questão, mas destas (es) e daquela (e) com as (os) estudantes. É com as (os) estudantes e suas vidas que o debate deve ser feito, caso contrário torna-se mera decoreba, monótona ou, quando muito, história da filosofia. (Matos, 2024, p.245)

As ideias filosóficas, as teorias dos filósofos devem ser debatidas com os alunos, pensadas, questionadas e compreendidas ao longo da prática pedagógica. Uma filosofia sem o diálogo, não seria uma filosofia, uma busca racional pela sabedoria, ela se perderia no monólogo, na repetição, na transmissão passiva de assuntos. E assim perderia totalmente a sua essência filosófica, o que lhe garante a autenticidade e legitimidade no campo do conhecer. É necessário pensar sobre o ensino de filosofia para combater as mazelas que possam oprimir o ensino e desfigura-lo. Com a prática dialógica esse combate será vitorioso.

#### *4- O que você entende por Filosofia?*

Essa pergunta, o que você entende por filosofia era aberta, para que os alunos pudessem expressar melhor a sua opinião. Não existe apenas uma definição da mesma, pois, o entendimento perpassa as percepções e sensações e se estende pelos caminhos da racionalidade. Ela recebeu diferentes respostas que serão resumidas a seguir:

*A- Filosofia é uma busca pela razão e explicar como as coisas acontecem.*

Essa foi a resposta de maior parte dos alunos. Desde o início do ano foi debatido o papel da filosofia como amor à sabedoria, busca de uma explicação racional, afastando-se dos mitos e das crenças do senso comum. E buscando compreender como as coisas acontecem, como são e por que são de tal modo.

De fato, toda filosofia nasce e vive da urgência, do vigor e da necessidade, da liberdade, radicalidade e envergadura das questões que ela é capaz de acolher, formular e desenvolver- e é nesse sentido que aprender a filosofar é antes de tudo, aprender a escutar, e, portanto, a perguntar e a acolher, em toda sua radicalidade, em toda sua envergadura, o caráter problemático e essencialmente enigmático de tudo o que nos interpela sempre que nos dispomos, sempre que nos abrimos à escuta de tudo o que se põe em jogo em todas as questões que nos coloca nossa própria existência, nossa própria experiência, nossa própria consciência do mundo em que vivemos e pensamos. (Kohan, 2013, p.65).

Estudar filosofia é imprescindível para essa abertura a um novo modo de pensar, indo além do visível e partindo pra diversas questões, como: pensar a própria existência, a experiência, a consciência. Se dispendo a perguntar, debater, sem medo de errar, pois, na filosofia o importante é participar, e a mudança que ocorre no indivíduo ao mergulhar no campo do conhecimento. Na filosofia não haverá todas as respostas, mas sim todas as perguntas. Um processo contínuo de descobertas e problematizações sobre tudo e todos.

*B- Eu entendo que é algo que faz a gente questionar, filosofar, pensar. Pensar sobre o mundo ou com algo que aconteça nele.*

Essa compreensão da filosofia como questionar de pensar sobre o mundo e o que ocorre nele é entrelaçada com o papel da filosofia, da busca pelo saber. Compreendendo o mundo ao seu redor, que vai desde pensar sobre o surgimento do universo e os elementos que o compõem, como pensavam os pré-socráticos, a pensar sobre o homem nesse universo como Sócrates.

A atitude filosófica é uma interrogação sobre o que são as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores; sobre quem somos. É também uma interrogação sobre o porquê e o como disso tudo e de nós próprios. A filosofia inicia sua investigação no instante em que abandonamos nossas certezas cotidianas e não

dispomos de nada para substituí-las. Seria como se tivéssemos acabado de nascer para o mundo e para nós mesmos e precisássemos perguntar o que é, por que é e como é o mundo, e também o que somos, por que e como somos. (Chauí, 2016, p.21).

A investigação filosófica parte da compreensão das origens do universo. Como, quando e por que ocorreu? E então, avança discutindo sobre o eu nesse mundo. Quem sou eu? Para em seguida estabelecer uma interligação das relações sociais num espaço. Estudar filosofia leva a abandonar, ou questionar saberes preestabelecidos do senso comum. E leva a galgar níveis mais elevados do conhecimento de si e do mundo.

*C-Filosofia é importante, pois, nos faz pensar e questionar sobre várias coisas da vida.*

O pensamento e questionamento, são próprios da atitude filosófica, pensar sobre tudo. Muitas vezes algo que passava despercebido ao olhar, mas que agora torna-se objeto da investigação filosófica. Outros olhares, outros pontos de vista, outros caminhos sendo constantemente traçados.

Talvez esta seja uma das possíveis práticas da filosofia na escola? Aquela que, de algum modo, tenta mostrar que existem outras realidades a serem conhecidas e reconhecidas. Aqui não falo da filosofia como “salvação da humanidade”, mas falo dela como impulso ao reconhecimento de si e dos outros que estão a sua volta e, conseqüentemente, da realidade que nos cerca. (Matos, 2024, p.108).

A filosofia leva à descoberta de novas realidades, outras formas de pensar, pensar sobre si, sobre o outro, sobre a realidade ao seu redor. As relações sociais, políticas, educacionais, éticas, relações de poder, enfim, uma vasta gama de possibilidades e realidades a serem pensadas. Não quer dizer que a filosofia resolverá todos os problemas da humanidade, mas só em se pensar, debater, questionar, já estão sendo criadas oportunidades de modificação, começando no intelecto e posteriormente na ação.

*D- A Filosofia é um conteúdo de aprender sobre os filósofos e suas heranças.*

Quando se fala em aprender sobre os filósofos e suas heranças, remete à História da filosofia. Claro que o ensino de filosofia não pode se restringir a isso, a estudar sobre os filósofos, mas a estudar o pensamento filosófico

defendido por eles e questioná-los. Porém, também é necessária a compreensão e estudo das correntes filosóficas e para fins didáticos situá-las num tempo e num espaço, sem esquecer-se de fazer a correlação com a atualidade.

Platão definia a filosofia como um saber verdadeiro que deve ser usado em benefício dos seres humanos para que vivam numa sociedade justa e feliz. Descartes dizia que a filosofia é o estudo da sabedoria, conhecimento perfeito de todas as coisas que os humanos podem alcançar para o uso da vida, a conservação da saúde e a invenção das técnicas e das artes com as quais ficam menos submetidos às forças naturais, às intempéries e aos cataclismos. Kant (1724-1808) afirmou que a filosofia é o conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer, o que pode fazer e o que pode esperar, tendo como finalidade a felicidade humana. (Chauí, 2016, p.28).

Analisar o papel da filosofia dentro da visão de diferentes filósofos é muito importante no estudo filosófico, bem como discutir as teorias de diversos filósofos, compreendendo as inter-relações com o contexto da época deles e trazendo para o debate com o hoje, com a atualidade dos alunos. A filosofia e a história da filosofia devem caminhar lado a lado numa constante reflexão e partilhamento.

*E-Disciplina que busca entender e questionar conceitos fundamentais sobre a existência, o conhecimento, a moralidade e a verdade através da razão.*

Realmente, um dos papéis centrais da filosofia é a procura por entender questões essenciais sobre a existência do mundo, da humanidade, e as ações humanas na busca da verdade, da ética, justiça, igualdade, ou seja, tanto a parte cosmológica, que fala sobre a origem do Cosmos, quanto a parte antropológica, da origem do homem e suas ações no meio social.

A filosofia é uma forma de pensar que nos possibilita compreender melhor quem somos, em que mundo vivemos: em suma, ajuda-nos a entender melhor o próprio sentido de nossa existência. É claro que também as ciências e outras formas de conhecimento e expressão cultural nos ajudam a compreender o nosso modo de existir. Mas veremos que a filosofia tem um jeito particular e insubstituível de nos trazer essa compreensão. E por isso, sem ela nossa visão, nossa percepção da existência dos homens, ficaria truncada. (Severino, 2007, p.11).

A filosofia permite um novo olhar e um novo pensar até mesmo sobre a existência humana, discutindo qual o sentido da mesma. Também faz uma associação do pensamento das demais ciências, para que haja uma melhor compreensão disso. Existem diversas explicações no campo científico e filosófico, dependendo de qual corrente seja abordada.

Cabe ao professor intermediar esse estudo e debate das diversas visões filosóficas para analisar a existência humana e suas contribuições nesse mundo. Sem a filosofia a compreensão da percepção da existência humana seria incompleta, inconclusa, pois, perderia a amplitude que o estudo filosófico tem a ofertar, com a ampliação das possibilidades e visões.

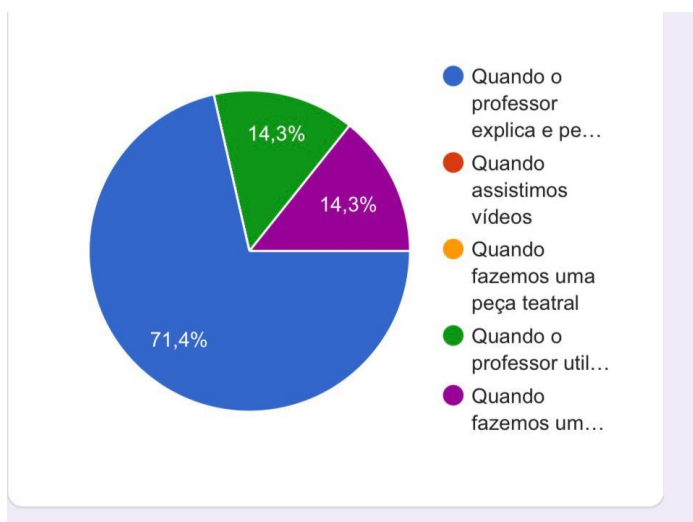
*F- Filosofia é a pessoa ser ateu.*

Essa resposta, associando a filosofia ao ateísmo, foi dada por associar que a busca racional está indo contra os saberes divinos, que são tratados como inquestionáveis. A fé é algo que não se explica, apenas se crê, se vivencia. Sócrates foi acusado de ser contrário aos deuses gregos e de trazer ideias conflitantes. O novo muitas vezes é incompreendido. E alguns alunos fazem essa associação de filosofia com ateísmo, porém, não é necessário se r ateu para estudar filosofia.

Para que possa haver a conciliação entre fé e razão é importante compreender a Patrística e a Escolástica, correntes filosóficas da Antiguidade e da Idade Média que tentaram estabelecer essa ligação entre os saberes divinos e os saberes humanos (filosofia). “Dessa forma, o grande tema da filosofia patrística é o da possibilidade ou impossibilidade de conciliar a razão (que lida com demonstrações) com a fé (que lida com mistérios incompreensíveis).” (Chauí, 2016, p.60). Diferentes correntes filosóficas devem ser estudadas para ter uma visão mais clara da filosofia.

*5- Quando a aula de Filosofia é mais interessante? Assinale:*

- a- Quando o professor explica e pede nossa opinião.
- b- Quando assistimos vídeos.
- c- Quando fazemos uma peça teatral.
- d- Quando o professor utiliza poesias ou outros textos diversificados.
- e- Quando Fazemos um debate.



Nessa questão: quando a aula de filosofia é mais interessante? 71,4% responderam que a aula é mais interessante quando o professor explica e pede a opinião deles. Mais uma vez vem atestar o valor e a importância da dialogicidade dentro do ensino, do quão importante é ouvir o outro e possibilitar uma construção conjunta do conhecimento. Uma aula participativa, que chame a atenção dos alunos para os saberes filosóficos.

É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm a ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. (Freire, 2015, p.116).

Esse “pedir a nossa opinião”, significa em primeiro lugar, dar valor ao conhecimento prévio do aluno, aos saberes cotidianos que devem ser embasados com os saberes sistematizados na escola. Ninguém chega vazio de conhecimentos, esses saberes devem ser lapidados com a ajuda do professor. É no diálogo contínuo, no perguntar, debater, discordar, complementar que os alunos vão gerando o conhecimento nas suas mentes. Que haja essa sistematização em cada sala de aula do país e do mundo!

14,3% respondeu que a aula é mais interessante quando o professor utiliza poesias ou outros textos diversificados. Trabalhar os textos filosóficos, considerados como cânones a filosofia, como os de Sócrates, Platão e

Aristóteles são imprescindíveis, porém, também é importante o trabalho da filosofia de forma interdisciplinar, utilizando textos poéticos, jornalísticos e diversos outros para o estudo filosófico integrado, despertando a curiosidade e o aprendizado.

O trabalho com a leitura de textos literários encontra respaldo pelo fato de uma porcentagem de estudantes (de sessenta a oitenta por cento, por sala de aula) gostarem de ler, quando estimulados pelos professores e quando a biblioteca da escola garante o suporte necessário. O desenvolvimento da leitura literária tende a contribuir para que os estudantes aprendam a refletir sobre valores morais, consciência ética, cidadania e construção da sua própria história, fazendo com que as aulas de filosofia se tornem fascinantes e motivadoras da arte de pesquisar. (Matos, 2024, p.118)

Essa junção de filosofia e literatura, desperta os sentidos para que os alunos percebam conceitos filosóficos dentro das obras, discutam valores morais, a ética, a justiça saberes e tradições preestabelecidas na sociedade. Ou seja, agucem a visão para novos entendimentos, racionalizem estimulados pela leitura, pelo debate sobre obras poéticas, sobre notícias de jornais, propagandas de mercadorias. O professor é o estimulador desse processo, no qual a filosofia leva a todos a caminharem juntos por novos caminhos abertos na jornada do conhecimento.

E 14,3% disse que a aula de filosofia é mais interessante quando fazem um debate. O debate permite a organização do pensamento, das ideias, do raciocínio lógico. Contribui para a formação de cidadãos críticos e participativos. Faz com que os alunos percam a timidez e possam expressar publicamente o que pensam, discutindo entre os seus pares. É um treinamento para a vida, para que eles sejam participativos na sociedade, buscando construir uma realidade social igualitária em que haja a liberdade de expressão e todos sejam tratados com equidade.

O discurso, portanto, ganha um caráter público: sua adequação e a pertinência do argumento serão provadas diante de outras pessoas, dotadas também da capacidade de fornecer argumentos e refutá-los. Ou seja, o discurso como fundamento da política na cidade grega é um discurso compartilhado, posto à prova, em um cenário de igualdade: pois os que participam da assembleia são pensados como iguais, como idênticos uns aos outros em sua capacidade de lidar com a argumentação. (Pagotto-Euzebio, 2022, p.23).

A filosofia grega surgiu assim, na *ágora*, na praça pública, envolta no poder da palavra. Essa participação deve ser estabelecida primeiramente na escola e ser repassada para a realidade social dos alunos e ressoar por toda a comunidade. O poder da argumentação, da participação pública é de grande importância para o desenvolvimento da racionalidade e da democracia. Por isso, é necessária a prática do debate em sala de aula, despertando o pensar, a racionalidade e a argumentação lógica, necessária para a prática filosófica.

6- *Você entende os assuntos de Filosofia? Por quê?*

A- Sim, por que tem um diálogo com o professor e os alunos e ajuda muito nos estudos.

B- Entendo, porque sempre tive muita curiosidade de tudo, então a filosofia faz a gente querer se aprofundar e saber mais.

C- Sim, por que tem coisas do dia a dia com a explicação da professora.

D- Sim, gosto muito de ler e a filosofia tem muitas leituras e histórias legais.

E- Não, por que não quero.

As respostas que mais se sobressaíram foram essas, 80% diz que entende os assuntos de filosofia e entre os motivos para esse entendimento estão a dialogicidade no ensino da filosofia, permitindo que o aluno seja ativo no processo de ensino aprendizagem e assim compreenda melhor. Também se destaca a curiosidade como fator primordial para aprender a filosofia, ela é uma característica fundamental, pois, leva a pensar, indagar e assim descobrir novas realidades. Citaram a importância de se trabalhar os assuntos filosóficos juntando com os fatos do cotidiano, trazendo clareza e identificação com os temas em estudo.

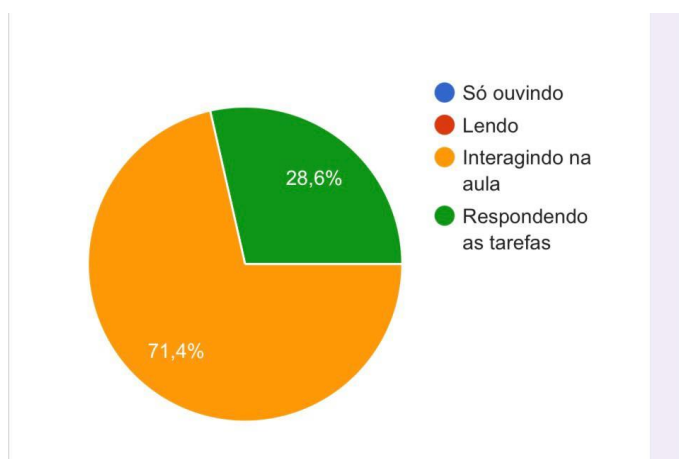
Na verdade, somente com muita paciência é possível tolerar, após as durezas de um dia de trabalho ou de um dia se “trabalho”, lições que falam de ASA- “ Pedro viu a asa”- “ A asa é da Ave”. Lições que falam de Evas e uvas a homens que às vezes conhecem poucas Evas e nunca comeram uvas. “Eva viu a uva”. (Freire, 2025, p.137)

É importante que o aluno compreenda os assuntos e os associe com algo do seu convívio, temas sociais como a ética a justiça podem e devem ser exemplificados na realidade social e não trabalhar os assuntos de forma estática, desvinculada da realidade social. Bem como a importância da leitura e uso de leituras diversas associadas à filosofia. Tem a ver também com a

interdisciplinaridade e utilização de fontes literárias, históricas, jornalísticas, ou seja, uma série de fontes para embasar o pensamento filosófico. E quem alegou não entender, disse que é por que não quer. Os fatores sociais, psicológicos ou problemas pessoais podem interferir na educação. Ou até mesmo por não ter se identificado ainda com a disciplina. Mas o professor segue sempre tentando acolher a todos e propiciar o entendimento filosófico.

7- *Você aprende mais:*

a- Só ouvindo   b- Lendo   c- Interagindo na aula   d- Respondendo as tarefas



Ao responderem: Como você aprende mais? O que obteve a maior pontuação: 71,4%, foi interagindo na aula. Associada a outras perguntas do questionário sobre a importância da dialogicidade, esse alto índice nessa resposta mostra a importância de um aprendizado conjunto, na interação entre professor e alunos, compartilhando o saber, envolvendo as temáticas com as experiências de vida, com as dúvidas, uma complementação de ideias, enfim uma socialização do conhecimento filosófico e de modo geral.

A prática docente deve ser convertida em instância de democracia, onde seja possível a invenção-reinvenção da democracia a partir da aula, da formação de uma comunidade de indagação que dialoga: questiona, elabora hipóteses, obtém consensos, reconhece dissensos etc. Já sabemos que o diálogo é o modo de proceder de cada instância de comunicação e de ação, na dimensão educativa. (Kohan, 2013, p.31).

A prática docente deve ser uma instância da democracia e o diálogo assume o papel de ponto de partida para a dimensão educativa. Uma aula democrática com certeza é dialógica, participativa. É um espaço onde ocorrem questionamentos e diversas ideias e opiniões são ouvidas e respeitadas na sua multiplicidade e na sua individualidade também. Saber aplicar a comunicação respeitosa é uma característica de uma educação de qualidade e democrática. Quando o aluno participa da aula, ele se motiva mais e aprende com mais facilidade, pois, está assimilando de forma clara os saberes.

E quando se soma a participação com a resolução de atividades, permite-se que o aluno coloque o aprendizado em prática. Respondendo às atividades. Sejam elas escritas, trabalhos em equipe, atividades de criação como uma poesia, ou uma paródia sobre o assunto. Enfim, existem diversas formas de se trabalhar o aprendizado e fazer com que o aluno fixe os conteúdos estudados.

O tempo da reflexão não é um tempo qualquer, e ele me parece muito diferente do tempo que constantemente dizemos nos faltar, quando nos queixamos. Quando refletimos, não é tanto de mais tempo que necessitamos, mas de um tempo, um tempo para nos voltarmos a nós e encontramos o que sabemos, o que podemos dizer sobre essa ou aquela questão, problema ou decisão. (Kohan, 2013, p.258).

A reflexão deve ser contínua na sala de aula. Mas no momento de se responder uma atividade, por exemplo, é necessário refletir, analisar o que se pergunta, se as afirmações são falsas ou verdadeiras, argumentar, contestar algo. Dando oportunidade para exprimir o que se aprendeu e nesse processo aprender um pouco mais. Na resolução de atividades esse espaço de reflexão parte do seu individual, e depois para o coletivo ao partilhar com a turma as suas respostas.

Por meio desse instrumento de pesquisa que foi o questionário, sendo anônimo, foi possível colher informações precisas dos alunos sobre o que eles pensam da filosofia, do ensino, dos métodos de ensino, e assim professores e toda a equipe escolar ter uma compreensão de como o aluno se sente nas aulas.

O que eles apontaram como benéfico precisa ser continuado e o que apontaram como defeitos ou que precisa ser melhorado, sirva para se repensar

as práticas de ensino de filosofia e o ensino como um todo, garantindo a oferta de um ensino de qualidade que alcance e envolva os alunos de forma prazerosa e objetiva.

Refletir sobre o ensino é essencial para promover boas práticas e que o objetivo educacional seja alcançado que é o aprendizado. A racionalidade filosófica pulsante em cada mente do alunado, professores e todos os que fazem a educação.

#### **4.5 - Proposta de Didática.**

Essa seção vai detalhar a experiência do ensino de Filosofia no ensino médio, no Colégio Estadual do Campo Agnaldo Almeida. Fazendo a relação entre a teoria estudada e a sua aplicação na prática de sala de aula, trazendo assim uma proposta de Didática no ensino de Filosofia. Podendo embasar a Prática Pedagógica da Filosofia no ensino médio e demais instâncias de educação.

A educação não deve ser pensada dentro de gabinetes, por pessoas alheias a esse processo tão ímpar que é a aprendizagem. O real sentido da mesma é percebido no dia-a-dia da escola, no desenvolvimento das aulas, na troca de experiências entre os sujeitos educacionais, em especial, professores e alunos. Dispondo-me a envolver-me nessa pesquisa educacional filosófica e descobrir como ocorre a apropriação dos conhecimentos e refletir sobre o que “uma boa aula deve ter”, participei dessa investigação.

Sou professora da rede estadual da Bahia, formada em História e Letras, mas como meu concurso foi na área de humanas, sempre acabei lecionando também Filosofia, devido à falta de professores formados na disciplina e também sempre me identifiquei com a busca filosófica do conhecimento e da sabedoria.

O Mestrado Profissional em Filosofia- PROFFILO, foi uma grande oportunidade de refletir mais a fundo sobre a aprendizagem e sobre o ensino de Filosofia na educação básica. Foi um grande desafio conciliar a vida pessoal como mãe e outras atividades, com a vida profissional, pois, não tirei licença e trabalho dois turnos por dia e ainda assim fazer um mestrado profissional, mas

foi sempre pedindo graça ao Senhor para dosar cada parte da minha vida com sabedoria e vencer cada desafio encontrado.

No mestrado profissional em filosofia, reflete-se que os professores de Filosofia devem contribuir para um pensar filosófico, pensar dialógico, que questiona, busca, investiga e correlaciona os assuntos do ontem e de hoje, correlacionando as obras clássicas com temas da atualidade. Descortinando a realidade, ou a racionalidade filosófica ao olhar do aluno.

Para isso, é preciso compreender o presente não apenas como presente de limitações, mas também de possibilidades. É preciso, pois, compreender o sonho como possível e como precisando de ser viabilizado e não como algo pré-dado. A realidade histórico social é um dado dando-se e não um dado dado, como várias vezes, em outras oportunidades tenho dito ou escrito. (Freire; Faundez, 2022, p.99.)

É necessária a compreensão do presente, do real para criar possibilidades educacionais e sociais. Os assuntos trabalhados em sala de aula não devem ser estáticos e nem isolados da realidade, bem como também não devem ser dissociados de outras fontes possíveis de leituras e debates, para um melhor aprendizado.

Como parte do mestrado, desenvolve-se a intervenção, para tanto, as ações empregadas nesse estudo, em primeiro momento foram o levantamento bibliográfico de diferentes autores que dissertam sobre a prática pedagógica da Filosofia como Freire; Gallo e Kohan; Sócrates com a sua Maiêutica e obras diversas da literatura, já explanadas nos capítulos anteriores. Em segundo lugar a aplicação das vivências filosóficas no ensino médio da referida escola, que é o que se refere nessa seção.

Esse estudo tem o objetivo de contribuir para a Docência em Filosofia no Ensino Médio e de forma geral ao trazer à tona estratégias de como se trabalhar a Filosofia de uma maneira clara e prática com alunos do ensino médio e que também pode ser aplicado a outras etapas de ensino.

*Relato das aulas:* Após a aprovação da pesquisa pelo CEP- Comitê de Ética da Pesquisa, organizei os termos de assentimento para menores, termos de consentimento livre e esclarecido, já imprimir todos e deixei reservado.

Tive uma conversa inicial com os alunos que foram selecionados, a partir da assiduidade das aulas e expliquei para eles que estava cursando o

Mestrado profissional em Filosofia e que estava desenvolvendo o projeto de pesquisa: O Diálogo como Estratégia Didática da Filosofia em Sócrates e Paulo Freire. Expliquei os objetivos da pesquisa e a metodologia a ser desenvolvida e qual seria a participação deles: fazer resumos de textos trabalhados em sala de aula, como A alegoria da caverna, participar de uma sequência didática, que propõe a dialogicidade filosófica, com debates. E a culminância será a aplicação de questionários para analisar como eles percebem a Filosofia e a influência das metodologias no ensino de Filosofia. Afirmei que a identidade dos alunos será preservada, não iria divulgar nomes e nem fotos deles.

Todos aceitaram participar e então, entreguei a eles os termos para que levassem para casa e lessem com seus pais e assinassem. Duas alunas tiveram dúvidas e mandaram mensagem para mim, perguntando se era para elas fazerem alguma pesquisa, eu respondi que quem está realizando a pesquisa sou eu e o que elas vão responder será apenas em sala de aula, na aula de Filosofia, como por exemplo, fazer um resumo de um texto trabalhado durante as aulas e responder a um questionário.

Conversei com os pais, esclareci tudo e eles assinaram os termos e assim pude iniciar a aplicação prática da pesquisa. Conforme detalhamento a seguir.

Desenvolvi a intervenção pedagógica, que é um dos requisitos do Mestrado Profissional, com duas turmas, uma do primeiro ano do ensino médio e outra do segundo ano. Sempre tentando desenvolver nas aulas a relação entre os cânones da Filosofia e outras fontes diversas como o texto literário e fontes jornalísticas, para chamar a atenção dos alunos e incentivar a participação dos mesmos nas aulas. A intervenção foi dividida em três etapas: 1-Resumos de textos. 2-Sequência didática- a sequência didática que propõe a dialogicidade filosófica, com debates e atividades práticas. 3-Aplicação de questionários.

Os resumos dos textos foram do texto: As duas vias de Parmênides. Do texto Apologia de Sócrates e a alegoria da Caverna de Platão. Sempre trabalhando o conhecimento prévio dos alunos e em seguida fazendo a leitura compartilhada em grupos e com a mediação da professora. No primeiro momento houve o estranhamento por parte dos alunos, pois, nunca tinham lido obras de filosofia, mas no decorrer do tempo foram se abrindo ao pensamento

filosófico. E para finalizar os alunos fizeram resumos desses textos, alguns foram colocados no produto educacional, cartilha /e-book. A identidade dos alunos não foi revelada.

No desenvolvimento da intervenção, desempenhei vivências filosóficas, ou seja, experiências docentes da Filosofia no ensino médio, partindo do estudo de obras clássicas da Filosofia, como alguns textos dos pré-Socráticos : Parmênides, Heráclito. Também de Platão (Sócrates) e Aristóteles, passando por obras poéticas diversas, por exemplo, obras de Vinícius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade, entre outros. E a partir daí também ressaltando temas do cotidiano do interesse dos alunos, que por sinal sempre são aplicáveis à Filosofia, tais como: justiça, liberdade e ética.

Os temas foram trabalhados dialeticamente com turmas do ensino médio no Colégio Estadual do Campo Agnaldo Almeida, em Santana do Sobrado, Casa Nova – BA. Por meio de aulas dialogadas, rodas de leitura e debate, atividades práticas, como elaboração de poesias, cordéis e paródias sobre os temas estudados. Os alunos usaram sua criatividade para apresentar trabalhos de acordo com as temáticas sorteadas, que já tinham sido previamente trabalhadas em sala de aula. Essa experiência é importante para alinhar teoria e prática, na aplicação da minha pesquisa de campo, para o Mestrado Profissional em Filosofia pelo IF SERTÃO- PE, pois, trato sobre a importância da contextualização no ensino de Filosofia e de estratégias didáticas satisfatórias, fazendo a reflexão sobre a teoria e prática mediados também pelos recursos didáticos adequados

no dia a dia educacional. Elementos fundamentais para a construção de um ensino de Filosofia dialógico.

Alguns conteúdos trabalhados na intervenção foram esses. Objetos de Conhecimento do Componente Curricular Filosofia – Diretrizes Curriculares Referenciais da Bahia, DCRB-BA, (Bahia, 2022, p.21):

- A busca pela sabedoria: as diversas formas de saber. Mitos, contos, ditados.
- A linguagem simbólica do mito e o pensamento conceitual da Grécia Antiga.

- A sabedoria e o autoconhecimento na figura de Sócrates.
- O julgamento de Sócrates e a repressão ao pensamento crítico.
- Conhece-te a ti mesmo: questões de identidade.
- Identidades e sentidos políticos: questões de raça, gênero e sexualidade.
- O indivíduo, o sujeito e o mundo. Penso, logo existo.
- Os valores éticos e as virtudes em Platão, Aristóteles e Epicuro.
- O poder do discurso: argumentação e retórica.
- Os sofistas e o relativismo da verdade.
- Política e retórica na filosofia contemporânea.

Esses temas foram trabalhados de forma dialética e como exemplo serão citadas duas estratégias didáticas aplicadas na intervenção no final da seção. Na estratégia intitulada: Os Pré-Socráticos e as origens da busca do conhecimento. Foram trabalhados diversos conceitos filosóficos como: A busca pela sabedoria: as diversas formas de saber. Mitos, contos, ditados. A linguagem simbólica do mito e o pensamento conceitual da Grécia Antiga.

Fazendo um paralelo entre o saber mitológico e o saber filosófico que estava sendo evidenciado na obra pré-socrática As duas vias de Parmênides. Que fala sobre a via da opinião, do conhecimento empírico, popular, amplamente difundido na sociedade e repassado de geração a geração sem ser questionado, por ser um saber estabelecido. E a via da sabedoria, do conhecimento racional, filosófico. Que busca refletir, perguntar, questionar, para chegar a um conhecimento real.

E na estratégia: Sócrates e a saída da caverna. Entre outras temáticas, foram ressaltados: A busca pela sabedoria: as diversas formas de saber. Mitos, contos, ditados. A sabedoria e o autoconhecimento na figura de Sócrates. O julgamento de Sócrates e a repressão ao pensamento crítico. Ao discutir sobre a alegoria da caverna, é imprescindível discutir sobre as crenças costumeiras, os saberes mitológicos e do senso comum, ou qualquer outra amarra que prenda o indivíduo. E como o saber filosófico e entre esses saberes e filósofos

o papel de Sócrates para a filosofia, ilustrado como aquele que saiu da caverna da ignorância e foi para as luzes da razão. É preciso analisar a importância da filosofia para a vida humana.

Trazer textos que não eram de costume dos alunos, como esses textos filosóficos é desafiador, primeiro porque os alunos de primeiro ano nunca estudaram filosofia e segundo, por terem um objetivo de abstração maior do que um texto narrativo ou outros que os alunos já tinham costume. Mas essa abertura ao novo faz parte da missão filosófica. Buscar novos conhecimentos e de outras maneiras, descortinando os saberes nessa jornada da busca filosófica pelo conhecimento, propiciada pelo professor e os caminhos metodológicos empregados.

Com o desenvolvimento da intervenção, os saberes teóricos puderam ser testados e aplicados. Colocando em ação um pouco da maiêutica socrática, no constante perguntar, dialogar com os alunos. Abrindo espaço para a dialogicidade, tentando construir uma educação libertadora com as ideias freireanas.

Ouvindo os alunos, respeitando o seu espaço social, seus conhecimentos e histórias de vida. Discutindo os conceitos e principais elementos da filosofia, como a própria função da mesma na busca da racionalidade, levando ao mundo das luzes, do real, saindo da caverna das ilusões, do que foi sempre dado como certo à humanidade. A educação e em especial a educação filosófica pode gerar grandes transformações humanas e sociais.

Qualquer solução para os problemas humanos só pode ser produzida e encaminhada pela articulação sistemática das iniciativas das cabeças e das mãos dos homens, ou seja, ela só pode sair do conhecimento e da prática dos homens. Mas o conhecimento só pode fecundar a prática através da educação. Existe apenas uma fonte geradora, que é o conhecimento, uma ferramenta, a prática e uma mediação a educação. O conhecimento nos permite elaborar as propostas de solução dos problemas que serão resolvidos pelas ações concretas, pela prática. Mas só pela educação nós conseguimos fazer com que o conhecimento possa tornar fecunda a prática. (Kohan, 2013, p.184)

O conhecimento possibilita uma busca racional para guiar a tomada de decisões que irão repercutir para toda a vida. Esse conhecimento é

desenvolvido na prática educativa filosófica. Profissionais da educação refletindo sobre como agir para alcançar o sucesso do aprendiz. Um conhecimento que não se restrinja à sala de aula, mas que ressoe para a sociedade, na ética, na busca da justiça social e assim, na melhoria das relações humanas.

Conhecer sobre a prática pedagógica da filosofia, vai fecundar em ferramentas educacionais para propiciar avanços na educação, guiando os docentes nessa árdua tarefa de ensinar. E com essa reflexão sobre a filosofia da educação e sobre o ensino de filosofia, pode-se pensar num sonho possível que é a construção de um ensino mais eficaz e uma sociedade menos desigual, com mais equidade.

#### 4.5.1- Estratégias Didáticas

##### ESTRATÉGIA DIDÁTICA 1

**Título:** Os Pré-Socráticos e as origens da busca do conhecimento.

**Objetivo:** Analisar as principais ideias dos filósofos pré-socráticos a partir de textos diversos.

**Como aplicar:** Fazer o levantamento prévio dos alunos sobre a temática, como nos orienta o nobre Paulo Freire, leitura no livro didático sobre as ideias dos pré-socráticos, sempre levantando perguntas sobre as temáticas. Após isso, ir introduzindo os textos clássicos, como por exemplo: As duas vias de Parmênides para leitura em grupo e posterior troca de ideias. O professor será o mediador dessa Maiêutica, parto de ideias. Para sistematizar o aprendizado os alunos continuarão em grupos para criarem o seu resumo sobre o assunto.

**Fundamentação teórica:** Em Sócrates a Maiêutica- o parto das ideias, através das perguntas, ou seja, do diálogo para se chegar ao conhecimento (perguntas provocadoras), Kohan (experiência lúdica com a paródia) Freire contextualização social dos termos para a linguagem dos alunos e levantamento dos conhecimentos prévios deles.

**Exemplo prático:** Leitura e troca de ideias sobre o texto e no segundo momento a utilização da paródia para sistematizar um resumo sobre os pré-socráticos. Os alunos farão um resumo do que entenderam sobre o texto e também poderão criar as suas próprias paródias sobre o assunto. Mas devido à timidez eles preferiram criar o resumo do texto. Mas isso não impede de utilizar o recurso paródia em outras aulas, ou de incentivar eles a se engajarem de diferentes formas.

A seguir está a paródia que eu criei de acordo com o assunto. (Vide cartilha) Copiei a letra da paródia no quadro e pedi para eles anotarem em seus cadernos. Coloquei o play back e cantei a paródia. Depois discutimos o seu conteúdo e as temáticas levantadas como: Importância da educação. Principais ideias dos primeiros filósofos. Enlace das ideias platônicas no Mito da Caverna. A constante busca filosófica pelo conhecimento.

E também está o texto trabalhado para que os professores possam se orientar.

## ESTRATÉGIA DIDÁTICA- 2

**Título:** Sócrates e a saída da caverna.

**Objetivo:** Conhecer quem foi Sócrates, as suas principais ideias e em sequência estabelecer uma correlação das ideias socráticas com o Mito da Caverna.

**Como aplicar:** Perguntar se os alunos já ouviram falar de Sócrates e quais as ideias dele, isso é importante, pois, sempre devemos fazer o levantamento prévio dos alunos sobre a temática, de acordo com os ensinamentos freireanos. Pedi para os alunos pesquisarem mais sobre Sócrates e procurar imagens dele e trazer na próxima aula para continuarmos debatendo. Fiz um breve resumo sobre ele, dividi a turma em grupos e dei a eles a xérox da Apologia de Sócrates, dei alguns minutos para eles irem lendo nos seus grupos e depois fomos fazendo a leitura compartilhada do texto, sempre fazendo perguntas a eles para chamar a atenção e promover o diálogo.

No segundo momento trouxe o texto da Alegoria da caverna, mais uma vez em grupos, com a leitura e aula dialogada, vendo o que eles estavam compreendendo sobre o texto. Após a troca de ideias pedi para eles escreverem os seus entendimentos e depois um componente do grupo ler e continuarmos essa Maiêutica (parto das ideias). Fazendo por fim um paralelo do Mito da Caverna com as ideias socráticas e desse prisioneiro que saiu da caverna com Sócrates e os filósofos.

**Fundamentação teórica:** O próprio Sócrates é tema dessa estratégia didática, e com ele aprendemos a direcionar a Maiêutica- o parto das ideias, instigando as perguntas, ou seja, do diálogo para se chegar ao conhecimento, Kohan (experiência lúdica com o uso de imagens e as capas que os alunos produziram) Freire com o levantamento dos conhecimentos prévios deles, sempre colocando o aluno como sujeito ativo na aprendizagem.

**Exemplo prático:** Leitura e troca de ideias sobre o texto e no segundo momento a pesquisa sobre Sócrates e confecção de capas dos seus trabalhos. Os alunos farão um resumo do que entenderam sobre o texto da Alegoria da Caverna.

## 5- CONCLUSÃO

A escrita filosófica é envolta nas perguntas e na busca por respostas. Nesse estudo, as questões são associadas ao ensino e aprendizagem da filosofia, com enfoque para o ensino médio. Sendo regulamentado pelo Mestrado Profissional em Filosofia- PROF-FILO do Instituto Federal do Sertão Pernambucano na zona rural de Petrolina.

Realizar essa pesquisa educacional foi um constante encontro de novos horizontes, novas perspectivas. Ao ler as obras filosóficas e educacionais, as ideias foram sendo elencadas naturalmente, propiciando uma agradável aprendizagem.

Nessa jornada filosófica e educacional, foi relacionada sobre o Ensino de Filosofia no Brasil. Como surgiu? Quais as transformações ocorridas? E como está hoje? Viu-se que a filosofia no Brasil surgiu juntamente com a chegada dos jesuítas, ela era embasada na Ratio Studiorum, que era o código de ensino dos jesuítas, juntando a defesa da fé católica com a base humanista que era o latim e grego, os estudos da filosofia e literatura.

A filosofia passou por diversas transformações quanto à corrente filosófica, como: Escolástica ou Positivista e Escola de Recife, trazendo o enfoque para uma filosofia propriamente brasileira, porém, sem perder de vista as bases que a sustentavam como a Escolástica. A filosofia sempre esteve presente, dando a oportunidade de abrir os olhares para outras perspectivas que não fossem apenas centradas na fé, mas sem perdê-la de vista, principalmente na época do Brasil Colônia e Império.

Ela também passou por mudanças no currículo, na época da Ditadura Militar e com as leis do Novo Ensino Médio e Novíssimo Ensino Médio. Um processo de luta pela afirmação da mesma como ciência e sua importância para a formação do pensamento, contribuindo para uma educação como prática da liberdade. O pensamento não pode ser preso e a filosofia é o sustentáculo do pensamento racional, libertário e democrático.

Após algumas idas e vindas no currículo, ora com a supressão, ora com a diminuição da carga horária, a filosofia permanece presente na atualidade e cumprindo o seu papel de racionalização, libertação das ideias e possivelmente da sociedade na qual está inserida.

Analisar toda a bibliografia desse processo histórico e filosófico e as bases normativas correspondentes, foi essencial para a compreensão da filosofia e do seu papel para a educação e para a humanidade. Viu-se que ela passou por um processo bem conturbado, permeado pelos fatos históricos, pelas leis como a LDB e as leis do Novo Ensino Médio e Novíssimo Ensino Médio. Porém, graças à luta dos profissionais da educação em defesa da filosofia, afirmando as suas potencialidades, ela está presente nas escolas brasileiras.

É preciso sempre essa junção entre a história da filosofia e a própria filosofia. O que ela representa, qual a sua trajetória e a importância dela para o processo educacional e para a sociedade. Esse estudo foi preponderante para seguir os outros passos da pesquisa. E também é fundamental para todos os professores de filosofia conhecerem melhor sobre todo esse processo filosófico e as bases normativas da filosofia, ontem e hoje.

No segundo capítulo foram apresentadas a teoria da Maiêutica de Sócrates. A Maiêutica, que é o parto das ideias, na qual o filósofo agia como um parteiro, num jogo de perguntas criava possibilidades para as ideias filosóficas virem à luz. Para estudar sobre as ideias socráticas, foram utilizados comentários sobre as obras: Apologia de Sócrates, Banquete, A República, Fédon e Diálogos I. Essas obras trazem o cerne socrático do diálogo, do aprendizado constante e de como isso ocorria naturalmente, nas conversas diárias entre os interlocutores.

Esse método que tem como base o diálogo, pode e deve ser empregado nas escolas atuais, na escuta do outro, na troca de experiências, gerando novos conhecimentos. O professor filósofo é o condutor, o parteiro das ideias que vai organizando o processo da busca filosófica dentro da sua sala de aula.

Em seguida foi abordada a Didática de Paulo Freire, pautada pela dialogicidade do ensino e a troca de saberes, gerados progressivamente e ativamente como um ser em construção. Sempre considerando os conhecimentos prévios dos alunos para então, construir juntos os saberes sistematizados.

A Didática freireana foi estudada nas obras: Pedagogia do oprimido, Por uma pedagogia da pergunta, Pedagogia da esperança e Pedagogia da autonomia. Uma leitura leve e prazerosa, tratando de gente com humanidade,

não se colocando como superior, mas como alguém que estava ao lado do outro, apenas com saberes diferentes, pois, se o professor sabia sobre os filósofos, o trabalhador sabia, por exemplo, sobre curva de nível. (Freire, 2022)

Ninguém é vazio de conhecimentos, por isso Freire recomendava sempre trabalhar os conhecimentos prévios dos alunos, seus aprendizados de vida, para a partir de então passar para outros níveis de aprendizado, novos conhecimentos. Esse processo é fundamentado no diálogo, na troca de saberes, dando lugar ao conhecimento filosófico, racional.

Paulo Freire deixa um legado filosófico importante, ao pensar na educação como prática da liberdade. O primeiro passo para a liberdade é a libertação das ideias do oprimido. É ele se perceber como alguém capaz, que sabe algo, é sentir-se importante e que pode contribuir para a construção do conhecimento. A libertação ocorrendo no pensamento, vai resultar na fala, na troca de ideias. E pode repercutir mais ainda para a construção de uma sociedade democrática, libertária.

Explicitou-se a ligação das ideias socráticas com as freireanas, sendo ambas pautadas no diálogo. E o professor filósofo hoje, é o mediador desse processo, ouvindo e entrelaçando os saberes na sua prática pedagógica.

O terceiro capítulo tratou da Experiência de ensino no Colégio Estadual do Campo Agnaldo Almeida. Foi apresentado o perfil da comunidade e dos alunos dessa escola para embasar o contexto da fala. Conhecendo o alunado, o professor pode planejar melhor as suas aulas e também ouvindo o que os alunos têm a dizer sobre como percebem o ensino de filosofia, a partir disso, os professores podem ampliar sua visão e adequar os métodos às necessidades existentes, contribuindo então para uma educação significativa.

Contou também com uma seção que discute a relação entre Didática e Currículo. Trazendo o conceito de Didática e suas implicações para o ensino de Filosofia. De acordo com os filósofos da educação como Freire, Gallo e outros, discutir sobre a importância dos métodos para uma aprendizagem significativa dos conceitos e ideias filosóficas, procurando adequar os métodos ao público alvo que é a multiplicidade dos alunos.

Ao tratar da filosofia no currículo da Bahia, viu-se que assim como nos outros estados do país, a disciplina sofreu os efeitos do Novo Ensino Médio, perdeu carga horária, mas essa realidade vem sendo superada aos poucos. No

anexo A está a matriz curricular da Bahia, mostrando o perfil curricular da filosofia e das demais disciplinas no ensino médio. Estudar filosofia é abrir os olhos da alma e do intelecto para novas ideias e isso não pode ser negligenciado.

A proposta de didática apresentada foi elaborada de acordo com os teóricos em estudo, principalmente as ideias de Sócrates e Paulo Freire, mas também considerando as respostas dos alunos à pesquisa aplicada no questionário. Pensar em uma aula de qualidade, é pensar nos métodos, nas estratégias que facilitem a construção do conhecimento. Usou-se como pilares a dialogicidade e a interdisciplinaridade. Ensinando de forma dialógica e com recursos textuais diversificados.

Nos anexos estão: A matriz curricular da Bahia, que permite perceber as bases normativas aplicadas ao ensino de filosofia. No anexo B está o questionário. Esse questionário foi aplicado com alunos da citada escola para fazer uma análise de como eles percebem e como almejam as aulas de Filosofia.

E o no anexo C, protótipo do produto educacional que é uma cartilha, contendo bases teóricas e aplicações práticas da Filosofia em sala de aula, com alunos da escola campo de estudo: Colégio Estadual do Campo Agnaldo Almeida. A mesma possui exemplos de como ensinar a filosofia no ensino médio, trazendo propostas possíveis. Lembrando que cada professor deve adequar o ensino e os métodos de acordo com a realidade do seu aluno e do seu meio social.

Esse trabalho chega a uma pausa, com a sensação de dever cumprido, compromisso e de uma singela contribuição para a prática de ensino da filosofia. Porém, não se esgota aqui, a filosofia leva a um constante fluir de aprendizados. Pretende-se ampliar esse estudo em uma tese futura, pensando filosoficamente o currículo e o ensino da filosofia sob novas perspectivas. Que a busca pelas ideias seja um motor propulsor de novos desafios e conquistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA. **Documento Curricular Referencial da Bahia para o Ensino Médio** (v. 2) /Secretaria da Educação do Estado da Bahia. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.

BAHIA. Secretaria de Educação. **Formação Ensino Médio: Tecendo Redes de Conhecimento. Ciclo 1. Entrelaçando saberes: Introdução à Formação Integral.** Salvador: FGV, 2023.

BAHIA. Matriz Curricular Referencial da Bahia. Disponível em: <https://sigeduc.educacao.ba.gov.br/sigeduc/matrizcurricular dabahia>. Acesso em 07 de novembro de 2025.

BARBOSA, Evandro; Costa, Thaís Cristhina Alves. **Metodologia e Prática de Pesquisa em Filosofia.** Pelotas: NEPFIL online, 2015.

BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96.* Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Decreto de 02 de dezembro de 1837. Convertendo o Seminário de São Joaquim em Collegio de Instrução secundária Pedro II. Em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret sn/1824-1899/decreto-36979-2-dezembro-1837-562344-> Acesso em Outubro de 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.684/08.** Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília, 2008. Disponível em :[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm)>> Acesso em Outubro de 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.945,** de 31 de julho de 2024. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a fim de definir diretrizes para o ensino médio, e as Leis nºs 14.818, de 16 de janeiro de 2024, 12.711, de 29 de agosto de 2012, 11.096, de 13 de janeiro de 2005, e 14.640, de 31 de julho de 2023. <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em novembro de 2024.

BERUTTI, Flávio (org.) **Projeto Recomeçar: Educação de Jovens e Adultos. EJA: Ensino Médio- Ciências Humanas e suas Tecnologias.** Curitiba: Divulgação Cultural, 2021.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania**, 2º ano. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2016.

CABRAL, PETROCHELLI, et al. Comenius e sua influência na educação atual. **Revista Linguagem Acadêmica**, Batatais, v. 11, n. 6, p. 9-22, jul./dez. 2021.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2017.

CANHADA, Júlio. O discurso e a história: a filosofia no Brasil no século XIX. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

CARVALHO, Juscyer da Silva. **Ensino de Filosofia: Reflexões, relatos e experiências de jovens e adolescentes**. Imperatriz, MA. Estampa, 2020.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Colégio Estadual do Campo Agnaldo Almeida. PPP-Projeto Político Pedagógico. Casa Nova, 2025. NOGUEIRA, Daniela Moreira.

COMENIUS, Iohannis Amos. **Didáctica Magna**. Tradução de Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CORNELLI, Gabriele. (Coord. Et al) **Coleção Explorando o Ensino: Filosofia**. Vol.14. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

CORTELLA, Mario Sergio. **A Escola e o Conhecimento: Fundamentos Epistemológicos e Políticos**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia: volume único, ensino médio**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2016.

FRANCA S.J., Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum"**: Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. FAUDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**; prefácio de Leonardo Boff; notas de Ana Maria Araújo Freire. 31ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 85ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GALLO, Silvio. **Metodologia do Ensino de Filosofia**: Uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

GALLO, Silvio. GUIDO, Humberto. Walter. KOHAN, Omar. **Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: história, temas, problemas**. In: Ensinar filosofia: volume 2. Org. Marcelo Carvalho, Gabriele Cornelli. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

GUIDO, Humberto; GALLO, Silvio; KOHAN, Walter O. **Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: história, temas, problemas**. In: CARVALHO, Marcelo. CORNELLI, Gabriele (org.). Ensinar Filosofia. Volume 2. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013, p. 105-128.

HORN, Geraldo Balduino. TEIXEIRA, Maria Luciana da Silva. **Didática do ensino de filosofia**: pressupostos teórico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2017.

KOHAN, Walter Omar. **Sócrates & a Educação**: o enigma da filosofia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

KOHAN, Walter Omar. Org. Ensino de Filosofia-perspectivas . Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

LIMA, Walter Matias. O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: Problematizando a Cidadania e a Formação Docente. **Debates em Educação**, v. 2, n. 4, 2010.

MAIA, Jemima Matias; ARAÚJO, Tatiana Cristina dos S. de. Contribuições da abordagem holística para a educação: um olhar sobre a integralidade. 2015.

Matos, Junot Cornélio [org.] **Filosofia: Porque ensino? Como ensino?** São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

MORALES, Juliana. Novo Ensino Médio: o que motivou a mudança, como vai funcionar, desafios. 2022. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/novo-ensino-medio-o-que-motivou-a-mudanca-como-vai-funcionar-desafios/Acesso> em: 23/04/2025. Leia mais em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/novo-ensino-medio-o-que-motivou-a-mudanca-como-vai-funcionar-desafios/>

NASCIMENTO, Christian Lindenberg Lopes do. **A presença da Filosofia no Ensino Médio**. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2023.

OS PENSADORES originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Petrópolis, RJ: Vozes de Bolso, 2017.

PAGOTTO-EUZEPIO, Marcos Sidnei; ALMEIDA, Rogério de. Introdução à Filosofia da Educação: uma tradição literária. 2022.

PESSANHA, J. A. M. *Sócrates – vida e obra*. In: SÓCRATES. *Os pensadores*. Seleção, introdução e notas de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*; tradução Jean Melville. São Paulo, SP: Martin Claret, 2005.

PLATÃO. *A República*; tradução Pietro Nasseti. São Paulo, SP: Martin Claret, 2006.

PLATÃO (427? -347? A. C.) **Diálogos I**: Teeteto (ou Do conhecimento), Sofista (ou Do ser), Protágoras (ou Sofistas) / Platão; tradução, textos adicionais e notas Edson Bini.- São Paulo: Edipro, 2007. (Clássicos Edipro).

PLATÃO. **Fédon**; tradução Anderson de Paula Borges. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. *História da filosofia do Brasil (1500-hoje): 1ª parte: o período colonial (1500-1822)*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. *História da filosofia do Brasil (1808-1843)*. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

ROSSETI, Livio. *O Diálogo Socrático*. Tradução: Janaína Mafra. São Paulo: Paulus, 2015.

SANTOS, Thiago Ferreira dos. Panorama histórico da Filosofia no Brasil: da chegada dos jesuítas ao lugar da filosofia na atualidade. **Seara Filosófica**, Pelotas. N. 12, Inverno, P. 126-140, 2016.

SARAIVA, Adriana. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25883-abandono-escolar-e-oito-vezes-maior-entre-jovens-de-familias-mais-pobres>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2025.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, A. J. (2021). **Do ensino da filosofia: estratégias interdisciplinares**. Educação em revista, 12(1), 81–96. <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2011.v12n1.1539>.

SILVEIRA, René J.T.; GOTO, Roberto. (orgs.) Filosofia no ensino médio. Temas, problemas e propostas. São Paulo: Loyola, 2007. (Filosofar é preciso)

SIGEDUC BA, Sistema Integrado de Gestão da Educação do Estado da Bahia. **Matriz Curricular Referencial da Bahia**. 2025

SIGNIFICADOS. Significados.com.br, by Toda Matéria: 2011. Acesso em 14 de abril de 2025.

VERNEY, Luís António. Lógica. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

VILLANI, Alberto; FREITAS, D. de. Estrutura disciplinar, estratégias didáticas e estilo docente: categorias para interpretar a sala de aula. **Reunião Anual da ANPED**, 2001.

XENOFONTE. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates; tradução, textos complementares e notas Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2024.

## ANEXO A- MATRIZ CURRICULAR DA BAHIA

### SEC - Secretaria da Educação do Estado SIGEduc - Sistema Integrado de Gestão da Educação

Emitido em 07/11/2025 10:22

Ano: 2025  
 NTE: NTE 10 - SERTÃO DO SÃO FRANCISCO  
 Município: CASA NOVA  
 Escola: COLEGIO ESTADUAL DO CAMPO AGNALDO ALMEIDA DISTRITO DE SANTANA DO SOBRADO TEMPO INTEGRAL  
 Cód.  
 Sec: 1179592 Turno da Matriz Curricular: INTEGRAL 7H

#### Relatório de Matriz Curricular

Código:		IFIT7H									
Oferta de Ensino:		ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL									
Ano/Série/Outros:		1ª SÉRIE - ITINERÁRIO FORMATIVO - TRANSDISCIPLINAR									
Tipo Diário:		PADRAO									
Carga Horária Total:		1400									
Ano de Entrada em Vigor:		2023									
Turno:		INTEGRAL 7H									
Matriz Ativa:		NÃO									
Matriz utilizada por Turmas:		NÃO									
Componente Curricular	Categoria	Componente	Área Conhecimento	CH Anual	CH Semanal	Ordem	Eletiva	Permite Adju nto	Diversific a do	Facultat i va	Optati va
ARTE	Base Nacional Curricular Comum - BNCC		Linguagens e suas Tecnologias	40	1	3	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
EDUCAÇÃO FÍSICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC		Linguagens e suas Tecnologias	80	2	4	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER III - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: EMPREENDEDORISMO E INOVACAO COM ENFASE NA TERRITORIALIDADE	Itinerários	Formativos	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	15	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER II - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: CORPOREIDADES	Itinerários	Formativos	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	14	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER I - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: INICIACAO CIENTIFICA E INTERMEDIACAO SOCIAL	Itinerários	Formativos	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	13	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER IV - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: PENSAMENTO COMPUTACIONAL	Itinerários	Formativos	Matemática e suas Tecnologias	80	2	16	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER IX - TECNICO PROFISSIONAL	Itinerários	Formativos	Formação Técnica e Profissional	80	2	21	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER VIII - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: SABERES DA DIASPORA E DIREITOS SOCIAIS E HUMANOS	Itinerários	Formativos	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	20	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER VII - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: IDENTIDADE, PERTENCIMENTO COM ENFASE EM RELACOES ETNICO RACIAIS	Itinerários	Formativos	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	19	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER VI - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: ETICA E MEIO AMBIENTE	Itinerários	Formativos	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	18	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER V - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: ECOSISTEMA E A DINAMICA DA RELACAO	Itinerários	Formativos	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	17	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER X - TECNICO PROFISSIONAL	Itinerários	Formativos	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	22	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
FILOSOFIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC		Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	40	1	11	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
FÍSICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC		Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	8	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
GEOGRAFIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC		Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	40	1	10	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
HISTÓRIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC		Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	9	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO

INGLES	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	40	1	2	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
LINGUA PORTUGUESA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	1	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
MATEMATICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Matemática e suas Tecnologias	80	2	5	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
QUIMICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	40	1	7	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Código:</b>	IFIT7H									
<b>Oferta de Ensino:</b>	ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL									
<b>Ano/Série/Outros:</b>	2ª SÉRIE - ITINERÁRIO FORMATIVO - TRANSDISCIPLINAR									
<b>Tipo Diário:</b>	PADRAO									
<b>Carga Horária Total:</b>	1400									
<b>Ano de Entrada em Vigor:</b>	2023									
<b>Turno:</b>	INTEGRAL 7H									
<b>Matriz Ativa:</b>	SIM									
<b>Matriz utilizada por Turmas:</b>	SIM									
<b>Turmas utilizando a Matriz:</b>	PIINT7T2A; PIINT7T2B; PIINT7T2C									
Componente Curricular	Categoria Componente	Área Conhecimento	CH anual	CH semanal	Ordem	Eletiva	Permitido Adjunto	Diversificado	Facultativa	Optativa
ARTE	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	40	1	3	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
BIOLOGIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	6	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
EDUCACAO FISICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	40	1	4	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER III - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: EMPREENDEDORISMO E INOVACAO COM ENFASE NA TERRITORIALIDADE	Itinerários Formativos	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	15	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER II - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: CORPOREIDADES	Itinerários Formativos	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	14	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER I - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: INICIAÇÃO CIENTÍFICA E INTERMEDIACAO SOCIAL	Itinerários Formativos	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	13	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER IV - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: PENSAMENTO COMPUTACIONAL	Itinerários Formativos	Matemática e suas Tecnologias	80	2	16	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER IX - TECNICO PROFISSIONAL	Itinerários Formativos	Formação Técnica e Profissional	80	2	21	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER VIII - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: SABERES DA DIASPORA E DIREITOS SOCIAIS E HUMANOS	Itinerários Formativos	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	20	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER VII - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: IDENTIDADE, PERTENCIMENTO COMENFASE EMRELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS	Itinerários Formativos	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	19	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER VI - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: ÉTICA E MEIO AMBIENTE	Itinerários Formativos	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	18	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER V - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: ECOSSISTEMA E A DINAMICA DA RELACAO	Itinerários Formativos	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	17	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ESTACAO DO SABER X - TECNICO PROFISSIONAL	Itinerários Formativos	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	22	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
FILOSOFIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	40	1	11	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
FISICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	40	1	8	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
GEOGRAFIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	40	1	10	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
HISTORIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	40	1	9	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
INGLES	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas	40	1	2	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO

		Tecnologias									
LINGUA PORTUGUESA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	1	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
MATEMATICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Matemática e suas Tecnologias	80	2	5	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
QUIMICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	40	1	7	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
SOCIOLOGIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	40	1	12	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
<b>Código:</b>	IFIT7H										
<b>Oferta de Ensino:</b>	ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL										
<b>Ano/Série/Outros:</b>	3ª SÉRIE - ITINERÁRIO FORMATIVO - TRANSDISCIPLINAR										
<b>Tipo Diário:</b>	PADRAO										
<b>Carga Horária Total:</b>	1400										
<b>Ano de Entrada em Vigor:</b>	2023										
<b>Turno:</b>	INTEGRAL 7H										
<b>Matriz Ativa:</b>	SIM										
<b>Matriz utilizada por Turmas:</b>	SIM										
<b>Turmas utilizando a Matriz:</b>	PIINT7T3A; PIINT7T3B										
Componente Curricular	Categoria Componente	Área Conhecimento	CH anual	CH semanal	Ordem	Eletiva	Permite Adjunto	Diversificado	Facultativa	Optativa	
ARTE	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	40	1	3	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
BIOLOGIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	6	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
EDUCAÇÃO FÍSICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	40	1	4	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
	BNCC										
ESTACAO DO SABER III - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: EMPREENDEDORISMO E INOVACAO COM ENFASE NA TERRITORIALIDADE	Itinerários Formativos	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	15	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
ESTACAO DO SABER II - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: CORPOREIDADES	Itinerários Formativos	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	14	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
ESTACAO DO SABER I - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: INICIACAO CIENTIFICA E INTERMEDIACAO SOCIAL	Itinerários Formativos	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	13	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
ESTACAO DO SABER IV - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: PENSAMENTO COMPUTACIONAL	Itinerários Formativos	Matemática e suas Tecnologias	80	2	16	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
ESTACAO DO SABER IX - TECNICO PROFISSIONAL	Itinerários Formativos	Formação Técnica e Profissional	80	2	21	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
ESTACAO DO SABER VIII - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: SABERES DA DIASPORA E DIREITOS SOCIAIS E HUMANOS	Itinerários Formativos	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	20	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
ESTACAO DO SABER VII - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: IDENTIDADE, PERTENCIMENTO COMENFASE EMRELAÇÕES ETNICO RACIAIS	Itinerários Formativos	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	19	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
ESTACAO DO SABER VI - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: ETICA E MEIO AMBIENTE	Itinerários Formativos	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	18	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
ESTACAO DO SABER V - VIVENCIAS E PRATICAS EXPERIMENTAIS TRANSDISCIPLINARES: ECOSISTEMA E A DINAMICA DA RELACAO	Itinerários Formativos	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	17	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
ESTACAO DO SABER X - TECNICO PROFISSIONAL	Itinerários Formativos	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	22	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
GEOGRAFIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	10	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
HISTORIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	40	1	9	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
INGLES	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	40	1	2	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
LINGUA PORTUGUESA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	1	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	

MATEMATICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Matemática e suas Tecnologias	80	2	5	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
QUIMICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	7	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
SOCIOLOGIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	40	1	12	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Código:</b>	IFCT-7H									
<b>Oferta de Ensino:</b>	ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL DO CAMPO									
<b>Ano/Série/Outros:</b>	1ª SÉRIE - ITINERÁRIO FORMATIVO TRANSDISCIPLINAR									
<b>Tipo Diário:</b>	PADRAO									
<b>Carga Horária Total:</b>	1400									
<b>Ano de Entrada em Vigor:</b>	2025									
<b>Turno:</b>	INTEGRAL 7H									
<b>Matriz Ativa:</b>	SIM									
<b>Matriz utilizada por Turmas:</b>	SIM									
<b>Turmas utilizando a Matriz:</b>	EMICINT71CA; EMICINT71CB; EMICINT71CC									
<b>Componente Curricular</b>	<b>Categoria Componente</b>	<b>Área Conhecimento</b>	<b>CH anual</b>	<b>CH semanal</b>	<b>Ordem</b>	<b>Eletiva</b>	<b>Permite Adjunto</b>	<b>Diversificado</b>	<b>Facultativa</b>	<b>Optativa</b>
AGROECOLOGIA, MANEJO DE AGROECOSSISTEMAS E SOBERANIA ALIMENTAR	Itinerários Formativos	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	16	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ARTE	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	1	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
BIOLOGIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	6	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
EDUCAÇÃO FÍSICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	2	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
EDUCAÇÃO SOCIOCIENTÍFICA E TECNOLOGIAS SOCIAIS	Itinerários Formativos	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	40	1	13	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ETNOMATEMÁTICA CONTEXTUALIZADA COMO MODO DE VIDA DO CAMPO	Itinerários Formativos	Matemática e suas Tecnologias	80	2	15	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
FILOSOFIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	9	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
FÍSICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	7	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
GEOGRAFIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	10	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
HISTÓRIA	Base Nacional Curricular Comum -	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	11	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
	BNCC									
HISTÓRIA DA BAHIA E HISTÓRIA E CULTURA CAMPONESA, INDÍGENA, AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA	Itinerários Formativos	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	40	1	17	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
LEITURA E ESCRITA DE MUNDO	Itinerários Formativos	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	14	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
LÍNGUA INGLESA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	80	2	3	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
LÍNGUA PORTUGUESA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Linguagens e suas Tecnologias	160	4	4	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
MATEMÁTICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Matemática e suas Tecnologias	120	3	5	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
QUÍMICA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	80	2	8	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
SOCIOLOGIA	Base Nacional Curricular Comum - BNCC	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	80	2	12	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO

## ANEXO B- QUESTIONÁRIO



### QUESTIONÁRIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa de Mestrado em Filosofia, realizada no Instituto Federal do Sertão Pernambucano. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos. O questionário é anônimo, não precisa se identificar. As respostas são pessoais. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Obrigada pela sua participação. Marque um x, ou responda:

**1- Idade:**

a- 15          b- 16          c- 17          d- 18          e- 19

**2- Sexo:**

M ( )                                  F ( )                                  Não opinar ( )

**3- Quantas pessoas moram junto com você, em sua casa? \_\_\_\_\_**

**4-Renda Familiar aproximada (Somando o total que todos de sua casa recebem):**

a- 1 salário                          b- 1,5 a 2 salários                          c- 2,5 a 3 salários  
d- 3,5 a 4 salários                          e- 5 salários ou mais

**4- Sobre as Estratégias Didáticas, que são um conjunto de ações ou recursos que o professor utiliza, ex: (aula dialogada, debates, vídeos, peça teatral, etc.) responda:**

a- Facilitam a absorção dos conteúdos .  
b- Não interferem no processo de aprendizagem .

c-Dificultam o aprendizado .

**5- Você acha importante que o assunto estudado seja comparado e contextualizado com o tempo presente?**

a- Sim, Concordo plenamente    b- Concordo parcialmente    c- Não concordo

**6- Sobre a Dialogicidade no Ensino:**

**É importante uma aula dialogada? Quando o professor faz perguntas aos alunos, quando está explicando os conteúdos, ou seja, quando o aluno participa da aula? Quando o aluno dá sua opinião.**

a- Sim. Concordo plenamente    b- Concordo parcialmente    c- Não concordo

**7- O que você entende por Filosofia?**

---

---

---

**8- Quando a aula de Filosofia é mais interessante? Assinale:**

- a- Quando o professor explica e pede nossa opinião.
- b- Quando assistimos vídeos.
- c- Quando fazemos uma peça teatral.
- d- Quando o professor utiliza poesias ou outros textos diversificados.
- e- Quando Fazemos um debate.

**9- Você entende os assuntos de Filosofia? Por quê?**

---

---

---

**11- Você aprende mais:**

- a- Só ouvindo    b- Lendo    c- Interagindo na aula    d- Respondendo as tarefas

**Obrigada por sua colaboração!**

ANEXO C- CARTILHA



## CARTILHA: FILOSOFIA NA SALA DE AULA.

Gineide Cavalcante Nunes de Carvalho.  
Sebastião Francisco de Almeida Filho.



**IFSERTÃO-PE**

**PROF-FILO**

**PRODUTO:** Cartilha.

**TURMA:** Mestrado Profissional em Filosofia 2024 / 2026

**INTEGRANTES:**

**DISCENTE:** Gineide Cavalcante Nunes de Carvalho <sup>1</sup>

**ORIENTADOR:** Sebastião Francisco de Almeida Filho. <sup>2</sup>

Produto Educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Filosofia do Instituto Federal do Sertão Pernambucano como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. **Área de concentração:** Ensino de Filosofia.

**Linha de pesquisa:** Práticas de Ensino de Filosofia

1-Licenciada em História (UPE) e Letras (UNINTER). Mestranda do PROF-FILO, IFSERTÃO-PE, professora efetiva da rede estadual da Bahia, e-mail: [gineide.cavalcante@aluno.ifsertao-pe.edu.br](mailto:gineide.cavalcante@aluno.ifsertao-pe.edu.br).

2- Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco, mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina. Doutor em Letras, pela UERN, e-mail: [sebastiao.almeida@ifsertao-pe.edu.br](mailto:sebastiao.almeida@ifsertao-pe.edu.br).

## APRESENTAÇÃO

### **Prezados Docentes:**

Bem-vindos à leitura dessa cartilha. Ao cursar o Mestrado Profissional em Filosofia do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IF Sertão- PE ), vi a exigência de construir um produto educacional, então surgiu a ideia de criar uma cartilha para contribuir com os professores de Filosofia, em especial da educação básica.

Este guia tem por objetivo ofertar aos docentes em Filosofia informações importantes para sua prática pedagógica. Traçando um paralelo das teorias de Sócrates, com seu método dialógico, Paulo Freire na busca da autonomia do aluno e na filosofia como experiência de Walter Kohan, seguido de estratégias didáticas de trabalhos pessoais aplicados no Ensino Médio, como professora de filosofia, tais como: experiências com textos literários e de filósofos, desenhos produzidos pelos alunos e peças teatrais.

Que esses breves recortes sirvam como instrumento para planejamento e melhoria de sua prática educacional. Lembre-se de adequar os assuntos de acordo com a realidade dos alunos. Mergulhe conosco nesse rio do conhecimento. Obrigada.

Boa Leitura!

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>BASES NORMATIVAS</b> .....	<b>6</b>
Objetivos .....	7
Competências e Habilidades .....	7
Objetos de Conhecimento .....	8
<b>PLANO DE AULA</b> .....	<b>9</b>
<b>ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS</b> .....	<b>11</b>
Os pré-socráticos e as origens da busca d o conhecimento. ....	11
Sócrates e a saída da caverna.....	18
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>25</b>

## INTRODUÇÃO

Nessa cartilha, destaca-se como tema central a importância da contextualização no ensino de Filosofia e de estratégias didáticas satisfatórias, serão apresentadas as principais fontes bibliográficas que dissertam sobre a Didática da Filosofia e exemplos do que foi trabalhado na prática em sala de aula, com alunos da primeira série do ensino médio do Colégio Estadual do Campo Agnaldo Almeida. Para servir de auxílio para as práticas de ensino de Filosofia, contribuindo assim, para a melhoria do ensino.

Destina-se principalmente aos professores de Filosofia no ensino médio, trazendo um embasamento teórico sobre a Didática da Filosofia nas perspectivas de: Sócrates, Paulo Freire e Walter Kohan.

Sócrates nos deixou um legado repleto de dialogicidade, ele não trazia respostas prontas, mas levava os interlocutores a produzirem os próprios conhecimentos, através do diálogo gerava-se a Maiêutica- o parto das ideias. Essa prática dialógica deve permanecer nas aulas como um todo e em especial nas aulas de Filosofia.

Paulo Freire ensina-nos a respeitar a cultura do aluno e os seus conhecimentos prévios, promovendo a interação e troca de saberes. Walter Kohan trata sobre a adequação dos textos para a infância e a valorização do papel do aluno na gênese do conhecimento.

Essa cartilha traz também no segundo momento alguns exemplos práticos de como aplicar a Filosofia na sala de aula de uma forma prática e elenca alguns trabalhos elaborados pelos alunos da rede pública baiana, na cidade de Casa Nova-BA.

**CONTEÚDO:** Cartilha ou manual é uma: “Publicação impressa ou digital, textual, podendo conter imagens. Delimitação do tema/ problema, objetivos e referencial teórico, propostas de atividade.” (Pinto e Pereira 2019).

Fundamentada nesse conceito de cartilha foi construída a mesma. Não são oferecidas práticas mirabolantes, mas com certeza possui exemplos para somar nessa jornada da educação filosófica.

## BASES NORMATIVAS

### **DOCUMENTO NORMATIVO: BNCC OU NOVO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO DA SEDUC/BA**

Na BNCC e no Documento Curricular Referencial da Bahia para o Ensino Médio, é regulamentado o papel das Ciências Humanas e entre elas a Filosofia, como uma disciplina onde os jovens têm a oportunidade de conhecer e questionar o mundo ao seu redor e assim localizar-se como um ser social e agente de transformações políticas e sociais.

“Os/as jovens, em seu desenvolvimento, tendem a elaborar questionamentos sobre o mundo e sobre si mesmos, o que viabiliza a compreensão de novas temáticas, olhares e conceitos. É fundamental para a identificação autônoma dos pontos positivos e negativos presentes nas estruturas sociais e nas representações de mundo. Deste modo, nessa etapa de aprendizagem, as temáticas abordadas em disciplinas como Filosofia e Sociologia, tal como a complexificação da leitura em História e Geografia, propõem o objetivo de um olhar mais crítico acerca do mundo, do seu grupo social e a partir da alteridade, formando uma visão reflexiva sobre o lugar a que se pertence.” (DCRB, 2022, p.207).

E uma maneira de se trabalhar a Filosofia é através da diversidade de fontes. Utilizando os textos canônicos dos filósofos e outros textos como os poéticos, literários, jornalísticos, etc. Trabalhar de maneira interdisciplinar e prática, para que haja uma melhor compreensão das temáticas filosóficas.

“Para um currículo de Filosofia, procuramos oferecer interações contemporâneas entre as especificidades da disciplina e outras áreas, entre o popular e o clássico, entre as pautas de emancipação de hoje e de antes. Reflexão, crítica, autonomia e compreensão tornam-se substantivos em busca de um verbo, entendimentos que visam à atividade em aula para que possam ser instrumentos para além dela. A Filosofia, a partir de sua tradição e daquilo que ficou de fora do canônico, com seus conceitos e sua vocação interdisciplinar, suscita considerações sobre o cotidiano e sobre o universal em um só ponto.” (DCRB, 2022, p.209)

Para uma real aprendizagem da Filosofia, deve-se destacar o que e como ensinar. Pois, sabe-se que a Filosofia perpassa a noção do texto escrito e difunde-se no meio político e social. Os educadores têm o papel de propiciar oportunidades de aprendizagem significativas para o alunado sabendo que: Ensinar não é transferir

conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (Freire, 2015, p.24)

Partindo desses pressupostos, foi realizada essa pesquisa com aplicação prática de diferentes estratégias de ensino, aulas diversificadas, também com uma multiplicidade de gêneros textuais para trabalhar a Filosofia no ensino médio. E como resultado deu-se a construção dessa cartilha.

### **OBJETIVO(S):**

**GERAL:** Analisar o papel da Didática da Filosofia na construção de conhecimentos , correlacionando a teoria e prática, culminando com a produção de uma cartilha onde faz-se a síntese de uma experiência da prática pedagógica com alunos do ensino médio, bem como uma mostra de algumas produções relevantes.

### **ESPECÍFICOS:**

- Relacionar a Didática da Filosofia com a produção de conhecimentos, por meio da análise bibliográfica e em segundo momento a aplicação de atividades em sala de aula.
- Discutir temas filosóficos em obras diversas, tais como: textos de filósofos, poesias, reportagens.
- Compreender os principais conceitos da Filosofia, através de leituras de textos diversos.
- Reunir principais produções dos alunos em uma cartilha.

**2.5) COMPETÊNCIA(S)/HABILIDADE(S):** De acordo com a DCRB-BA, (Bahia, 2022, p.20):

C1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

**(EM13CHS101)** Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas

e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

**OBJETOS DE CONHECIMENTO DO COMPONENTE CURRICULAR: DCRB-BA**

- A busca pela sabedoria: as diversas formas de saber. Mitos, contos, ditados.
- A linguagem simbólica do mito e o pensamento conceitual da Grécia Antiga.
- A sabedoria e o autoconhecimento na figura de Sócrates.
- O julgamento de Sócrates e a repressão ao pensamento crítico.
- Conhece-te a ti mesmo: questões de identidade.
- Identidades e sentidos políticos: questões de raça, gênero e sexualidade.
- O indivíduo, o sujeito e o mundo. Penso, logo existo.
- Os valores éticos e as virtudes em Platão, Aristóteles e Epicuro.
- O poder do discurso: argumentação e retórica.
- Os sofistas e o relativismo da verdade.
- Política e retórica na filosofia contemporânea.

**OBSERVAÇÃO:** A SEGUIR ESTÃO UM PLANO DE AULA, AS SÍNTESES DAS ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS E AS IMAGENS OU EXEMPLIFICAÇÕES PRÁTICAS DO QUE FOI APLICADO COM OS ALUNOS EM SALA DE AULA.

## PLANO DE AULA

**(Exemplo de plano de aula de acordo com as teorias de Sócrates e Paulo Freire):**

**Tema:** Sócrates e a importância da Filosofia.

**1. Diálogo Inicial:** Já tendo identificado os aspectos socioeconômicos dos seus alunos, para compreender os aspectos vocabulares dos mesmos. O professor vai fazer o levantamento prévio dos conhecimentos dos alunos sobre Sócrates e sobre a filosofia de uma maneira geral. Vocês já ouviram falar de Sócrates? O que sabem sobre ele? E sobre a filosofia? O que tem a ver o papel de Sócrates com a filosofia?

**2. Problematização:** O tema da aula é sobre Sócrates e a importância da filosofia. Mas lembrando sempre de trabalhar temáticas atuais e que chamem a atenção dos alunos,(ex: moradia, trabalho, saúde, justiça.). Conectando o texto clássico à realidade atual dos alunos (educação contextualizada).

Tratando os temas de forma crítica e não decorativa, a educação bancária. O professor atua como um mediador, fazendo perguntas que levam o aluno a refletir sobre o porquê de sua realidade e como transformá-la.

**3. Diálogo Maiêutico:** Essa é a essência das aulas na qual a maiêutica socrática ("parto das ideias") se alinha à pedagogia de Freire, os conhecimentos são gerados na troca de ideias. O professor atua como um parteiro, conduzindo o processo educativo, facilitando a geração do saber. **Na busca da libertação, e conscientização na prática dialógica.**

Para continuar essa jornada, será feito o estudo compartilhado do texto *Apologia de Sócrates*. Fazendo perguntas investigativas que façam com que os estudantes analisem o contexto de opressão, alienação, no qual Sócrates viveu e debatam sobre justiça e liberdade fazendo a interligação com o contexto social vivenciado pelo aluno. Inter-relacionando com notícias da mídia e fatos atuais correspondentes.

**4. Práxis (Ação-Reflexão-Ação):** O objetivo é que a teoria estudada se desenvolva na prática para mudar a realidade. Após a discussão, deve-se propor atividades que incentivem o aluno a intervir ou atuar sobre o seu cotidiano. Como por exemplo a realização de uma mesa redonda sobre a importância da justiça e do respeito ao outro, da importância da liberdade de expressão.

**5. Avaliação:** A avaliação é um processo contínuo e progressivo. Debater com a turma sobre o que aprenderam e sua compreensão de mundo de acordo com o que foi estudado. E como esse conhecimento pode repercutir na sua vida futura e na sociedade.

## ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS

**Título:** Os Pré-Socráticos e as origens da busca do conhecimento.

**Objetivo:** Analisar as principais ideias dos filósofos pré-socráticos a partir de textos diversos.

**Como aplicar:** Fazer o levantamento prévio dos alunos sobre a temática, como nos orienta o nobre Paulo Freire, leitura no livro didático sobre as ideias dos pré-socráticos, sempre levantando perguntas sobre as temáticas. Após isso, ir introduzindo os textos clássicos, como por exemplo: As duas vias de Parmênides para leitura em grupo e posterior troca de ideias. O professor será o mediador dessa Maiêutica, parto de ideias. Para sistematizar o aprendizado os alunos continuarão em grupos para criarem o seu resumo sobre o assunto.

**Fundamentação teórica:** Em Sócrates a Maiêutica- o parto das ideias, através das perguntas, ou seja, do diálogo para se chegar ao conhecimento (perguntas provocadoras), Kohan (experiência lúdica com a paródia) Freire contextualização social dos termos para a linguagem dos alunos e levantamento dos conhecimentos prévios deles.

**Exemplo prático:** Leitura e troca de ideias sobre o texto e no segundo momento a utilização da paródia para sistematizar um resumo sobre os pré-socráticos. Os alunos farão um resumo do que entenderam sobre o texto e também poderão criar as suas próprias paródias sobre o assunto. Mas devido à timidez eles preferiram criar o resumo do texto. Mas isso não impede de utilizar o recurso paródia em outras aulas, ou de incentivar eles a se engajarem de diferentes formas.

A seguir está a paródia que eu criei de acordo com o assunto. Copiei a letra da paródia no quadro e pedi para eles anotarem em seus cadernos. Coloquei o play back e cantei a paródia. Depois discutimos o seu conteúdo e as temáticas levantadas como: Importância da educação. Principais ideias dos primeiros filósofos. Enlace das ideias platônicas no Mito da Caverna. A constante busca filosófica pelo conhecimento.

E também está o texto trabalhado para que os professores possam se orientar.

**PARÓDIA: PRÉ-SOCRÁTICOS (DESERTO)**

Sei que preciso estudar e não apenas decorar.  
Para poder filosofar.  
Depende de mim.

Tales de Mileto eu vou pesquisar.  
Ele diz que a água tem o poder.  
De fazer tudo surgir assim.

Pitágoras e a numeração.  
Vem minha mente iluminar.  
As formas, substâncias.  
Sei que tudo o mundo vai formar.

E agora, aprendendo estou.  
Anaximandro veio demonstrar.  
O infinito não se destruirá.

Filosofar é o que me ajuda a entender.  
A não viver na caverna.  
Procurar sair das ilusões.  
E ir pras ideias.

Posso não ter uma razão, mas eu tentei.  
E essa busca nunca vai chegar ao fim.  
A Filosofia vive em mim.

## Pré-Socráticos

Os pré-socráticos foram os primeiros pensadores que, nas cidades gregas da Ásia Menor por volta do séc.VI a.C., procuraram desenvolver formas de explicação da realidade natural, do mundo que os cercava, independentemente do apelo a divindades e a forças sobrenaturais. É nesse sentido que dizemos que os filósofos pré-socráticos romperam com a tradição mítica, e é por isso também que denominamos seu pensamento de *naturalista*, por visar explicar a natureza a partir dela própria, entender os fenômenos com base em causas puramente naturais.

Selecionamos alguns textos de dois dos mais importantes filósofos pré-socráticos, Parmênides, fundador da chamada escola eleática, de Eléia, uma colônia grega no sul da Itália; e Heráclito, de Éfeso, uma cidade da Ásia Menor. Parmênides e Heráclito, que foram praticamente contemporâneos, vivendo em torno de 500 a.C., representam já um segundo momento da filosofia pré-socrática, em que o pensamento já é menos naturalista e começa a tender para a abstração conceitual que se desenvolverá em seguida, no período clássico, com Sócrates, Platão e Aristóteles.

Parmênides e Heráclito representam correntes de pensamento rivais na filosofia grega, e o conflito entre essas correntes marcará profundamente a obra de Platão, que procurará superá-lo, de certa forma conciliando as duas posições. Supõe-se que Parmênides desenvolveu seu pensamento, aqui expresso nos fragmentos de um poema, pelo menos em parte, como uma crítica senão diretamente a Heráclito, ao menos à corrente por este representada, os mobilistas, os filósofos que valorizavam o movimento na descrição da realidade.

O pensamento de Parmênides é monista, ou seja baseia-se em uma concepção de unidade (*monos*) ou totalidade do real para além do movimento, por ele considerado uma característica apenas aparente das coisas. Se o homem seguir a via do pensamento e não a da opinião, mutável e variável, encontrará a verdadeira realidade, a unidade subjacente à diversidade das coisas. É nesse sentido que Parmênides é considerado o filósofo do Ser (*to eon*), da realidade única, subjacente à pluralidade dos fenômenos, sendo visto como um precursor da metafísica.

Heráclito parte do movimento como a questão mais básica em nosso entendimento do real; sua concepção filosófica pode ser considerada *dialética* no sentido de que vê no conflito (*polemos*, frag.53) entre os opostos a causa do

movimento (frags.8, 10, 31, 49a, 90, 91). Sua visão de realidade é profundamente dinâmica, encontrando a unidade na multiplicidade. Herclito é também o filósofo do *logos*, cujo sentido em seu pensamento é difícil de precisar, parecendo indicar a racionalidade do real e a possibilidade de explicá-lo.

As obras dos filósofos pré-socráticos se perderam, tendo chegado até nós apenas fragmentos, ou seja, citações de seus pensamentos em obras de filósofos posteriores como Platão, Aristóteles e muitos outros. Sua filosofia é portanto reconstruída a partir dessas citações e paráfrases feitas por outros filósofos, o que torna sua interpretação bastante difícil.

### Parmênides

#### Poema • As duas vias

1. Os cavalos que me conduzem levaram-me tão longe quanto meu coração poderia desejar, pois as deusas guiaram-me, através de todas as cidades, pelo caminho famoso que conduz o homem que sabe. Por este caminho fui levado; pois por ele me conduziam os prudentes cavalos que puxavam meu carro, e as moças indicavam o caminho.

O eixo, incandescendo-se na maça — pois em ambos os lados era movido pelas rodas gigantes —, emita sons estridentes de flauta, quando as filhas do sol, abandonando as moradas da noite, corriam à luz, rejeitando com as mãos os véus que lhes cobriam as cabeças.

Lá estão as portas que abrem sobre os caminhos da noite e do dia, entre a verga, ao alto, e embaixo, uma soleira de pedra. As portas mesmas, as etéreas, são de grandes batentes; a Justiça, deusa dos muitos rigores, detém as chaves de duplo uso. A ela falavam com doces palavras as moças, persuadindo-a habitualmente a abri-lhes os ferrolhos trancados. As portas abriam largamente, girando em sentido oposto os seus batentes guardados de bronze, ajustados em cavilhas e chavetas; e através das portas, sobre o grande caminho, as moças guiavam o carro e os cavalos.

A deusa acolheu-me afável, tomou-me a direita em sua mão e dirigiu-me a palavra nestes termos: Oh! jovem, a ti, acompanhado por auriças imortais, a ti, conduzido por estes cavalos à nossa morada, eu saúdo. Não foi um mau destino que te colocou sobre este caminho (longe das sendas mortais), mas a Justiça e o direito. Pois deves saber tudo, tanto o coração inabalável da verdade bem redonda, como as opiniões dos mortais, em que não há certeza. Contudo, também isto aprenderás: como a diversidade das aparências deve revelar uma presença que merece ser recebida, penetrando tudo totalmente.

2. E agora vou falar; e tu, escuta as minhas palavras e guarda-as bem, pois vou dizer-te dos únicos caminhos de investigação concebíveis. O primeiro [diz] que [o ser] é e que o não-ser não é; este é o caminho da convicção, pois conduz à verdade. O segundo, que não é, é, e que o não-ser é necessário; esta via, digo-te, é impersecutável; pois não podes conhecer aquilo que não é — isto é impossível —, nem expressá-lo em palavra.

3. Pois pensar e ser é o mesmo.

4. Contempla como, pelo espírito, o ausente, com certeza, se torna presente; pois ele não separará o ser de sua conexão ao ser, nem para desmembrar-se em uma dispersão universal e total segundo a sua ordem, nem para reunir-se.

5. Pouco me importa por onde eu comece, pois para lá sempre voltarei novamente.

6. Necessário é dizer e pensar que só o ser é; pois o ser é, e o nada, ao contrário, nada é: afirmação que bem deves considerar. Desta via de investigação, eu te afastou; mas também daquela outra, na qual vagueiam os mortais que nada sabem, cabeças duplas. Pois é a ausência de meios que move, em seu peito, o seu espírito errante. Deixam-se levar, surdos e cegos, mentes obtusas, massa indocil, para a qual o ser e o não-ser é considerado o mesmo e não o mesmo, e para a qual em tudo há uma via contraditória.

7. Jamais se conseguirá provar que o não-ser é; afasta, portanto, o teu pensamento desta via de investigação, e nem te deixes arrastar a ela pela múltipla experiência do hábito, nem governar pelo olho sem visão, pelo ouvido ensurdecedor ou pela língua; mas com a razão decide da muito controversa tese, que te revelou minha palavra.

8. Resta-nos assim um único caminho: o ser é. Neste caminho há grande número de indícios; não sendo gerado, é também impercível; possui, com efeito, uma estrutura inteira, inabalável e sem meta; jamais foi nem será, pois é, no instante presente, todo inteiro, uno, contínuo. Que geração se lhe poderia encontrar? Como, de onde cresceria? Não te permitirei dizer nem pensar o seu crescer do não-ser. Pois não é possível dizer nem pensar que o não-ser é. Se viesse do nada, qual necessidade teria provocado seu surgimento mais cedo ou mais tarde? Assim pois, é necessário ser absolutamente ou não ser. E jamais a força da convicção concederá que do não-ser possa surgir outra coisa. Por isto, a deusa da Justiça não admite, por um afoxamento de suas cadeias, que nasça ou que pereça, mas mantém-no firme. A decisão sobre este ponto recai sobre a seguinte afirmativa: ou é ou não é. Decidida está, portanto, a necessidade de abandonar o primeiro caminho, impensável e inominável (não é o caminho da verdade); o outro, ao contrário, é presença e verdade. Como poderia perecer o que é? Como poderia ser gerado? Pois se gerado, não é, e também não é, se devera existir algum dia. Assim, o gerar se apaga e o percebermo se esquece.

Também não é divisível, pois é completamente idêntico. E não poderia ser acrescido, o que impediria a sua coesão, nem diminuído, muito mais, é pleno de ser; por isto, é todo contínuo, porque o ser é contíguo ao ser.

Por outro lado, imóvel nos limites de seus poderosos flâmes, é sem começo e sem fim; pois geração e destruição foram afastadas para longe, repudiadas pela verdadeira convicção. Permanecendo idêntico e em um mesmo estado, descansa em si próprio, sempre imutavelmente fixo e no mesmo lugar; pois a poderosa necessidade o mantém nos flâmes de seus limites, que o cercam por todos os lados, porque o ser deve ter um limite; com efeito, nada lhe falta; fosse sem limite, faltar-lhe-ia tudo.

O mesmo é pensar e o pensamento de que o ser é, pois jamais encontrará o pensamento sem o ser, no qual é expressado. Nada é e nada poderá ser fora do ser, pois Moira o encadeou de tal modo que seja completo e imóvel. Em consequência, será (apenas) nome tudo o que os mortais designaram, persuadidos de que fosse verdade: geração e morte, ser e não-ser, mudança de lugar e modificação do brilho das cores.

Porque dotado de um último limite, é completo em todos os lados, comparável à massa de uma esfera bem redonda, equilibrada desde seu centro em todas as direções; não poderia ser maior ou menor aqui ou ali. Pois nada poderia impedir-lo de ser homogêneo, nem aquilo que é não é tal que possa ter aqui mais ser do que lá, porque é completamente íntegro; igual a si mesmo em todas as suas partes, encontra-se de maneira idêntica em seus limites.

Com isto ponho fim ao discurso digno de fé que te dirijo e às minhas reflexões sobre a verdade; e a partir deste ponto aprende a conhecer as opiniões dos mortais, escutando a ordem enganadora de minhas palavras. **1**

#### QUESTÕES E TEMAS PARA DISCUSSÃO

1. Em que sentido, a partir do texto, podemos entender o caráter monista da filosofia de Parmênides?
2. Como Parmênides caracteriza o caminho da verdade por oposição ao caminho da opinião?
3. Qual o sentido da distinção entre realidade e aparência em Parmênides?
4. Comente o fragmento 3: "Pois pensar e ser é o mesmo."
5. Compare a afirmação de Parmênides de que "o ser é, o não-ser não é" com a concepção de Heráclito da realidade como mutável.

#### Heráclito de Éfeso

##### Fragmentos • O mobilismo

1. Este *logos*, os homens, antes ou depois de o haverem ouvido, jamais o compreenderem. Ainda que tudo ocorra de acordo com este *logos*, eles parecem não ter experiência, cada vez que experimentam palavras e atos tais como os expõem, analisando cada coisa segundo a sua natureza e interpretando-a como é. Os demais homens ignoram o que fazem quando acordados, assim como esquecem o que fazem durante o sono.
2. Por isso, é preciso seguir-se o comum. Mas, apesar de o *logos* ser comum, a grande multidão vive como se cada um tivesse um entendimento próprio.
4. Se a felicidade consistisse nos prazeres do corpo, deveríamos considerar felizes os bois quando encontram ervilhas para comer.
8. Tudo se faz por contraste, da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia.
10. Correlações: completo e incompleto, concorde e discorde, harmonia e desarmonia, e todas as coisas, um, e de um, todas as coisas.
12. Para os que entram nos mesmos rios, correm outras e novas águas. Mas também almas (*psychei*) são exaladas do úmido.
17. A grande multidão não entende estas coisas, mesmo quando as encontra em seu caminho, e não as entende quando ensinada; mas pensa saber.
18. Quem não espera, não encontrará o inesperado, que é inexplorável e inacessível.
30. Este cosmo, igual para todos, não o fez nenhum dos deuses, nem nenhum dos homens, mas sempre foi, e será um fogo eternamente vivo, acendendo-se e extinguindo-se conforme a medida.
31. As transformações do fogo: primeiro o mar; do mar, uma metade terra, a outra, ar incandescente. A terra dilui-se em mar, e esta recebe a sua medida segundo a mesma lei, tal como era antes de se tornar terra.
32. O Uno, o único sábio, recusa-se e aceita ser chamado pelo nome de Zeus.
35. Homens que amam a sabedoria precisam ter muitos conhecimentos.
36. Para as almas (*psychei*), morrer é transformar-se em água, para a água, morrer é transformar-se em terra. Da terra, contudo, forma-se a água, e da água a alma.
41. Há só uma coisa sábia: conhecer o pensamento que governa tudo através de tudo.

Ao trabalhar sobre os pré-socráticos, surge a figura do primeiro filósofo: Tales de Mileto. Aqui foi o desenho desse filósofo feito por uma aluna. A Filosofia, a Arte, e a História e memória podem ser abordadas com essa figura.



*Pré-Socráticos*

Esse foi um trabalho produzido por uma aluna do primeiro ano, nota-se uma participação ainda tímida em soltar suas ideias, mas com a participação tanta oralmente quanto de forma escrita, as ideias filosóficas vão surgindo. E foi uma oportunidade de ter acesso a textos

## As duas Vias

As duas vias de Parmênides são uma das ideias mais importantes na filosofia antiga, propostas pelo filósofo grego Parmênides. A primeira via, conhecida como a "via do ser", argumenta que existe é eterno, infinito e imutável. A segunda via, conhecida como a "via do não-ser", afirma que o não-ser não existe e que o não-ser é o único que existe. Essas duas vias representam duas maneiras diferentes de entender a natureza da realidade e são consideradas fundamentais para o desenvolvimento da filosofia ocidental.

## ESTRATÉGIA DIDÁTICA

**Título:** Sócrates e a saída da caverna.

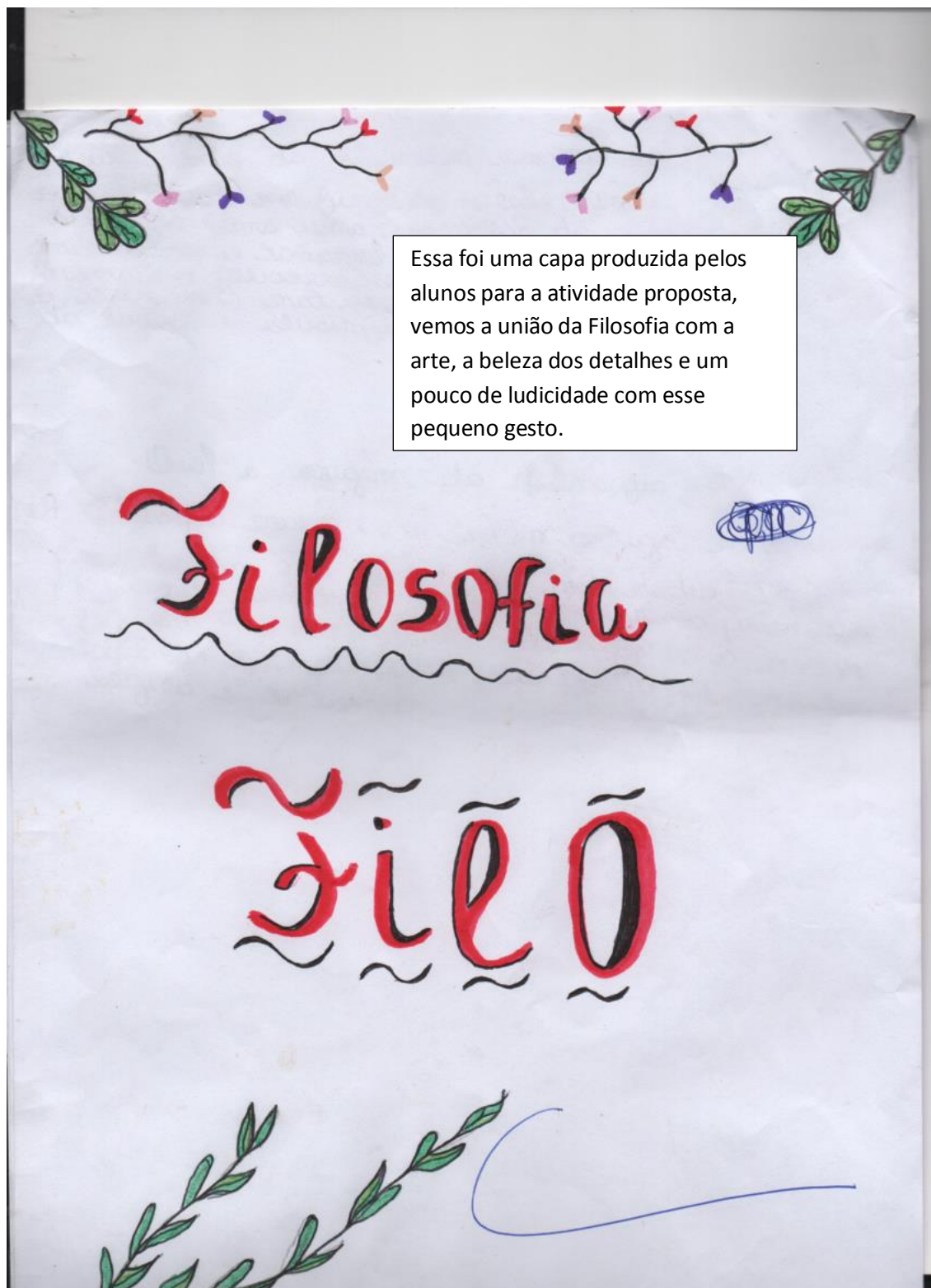
**Objetivo:** Conhecer quem foi Sócrates, as suas principais ideias e em sequência estabelecer uma correlação das ideias socráticas com o Mito da Caverna.

**Como aplicar:** Perguntar se os alunos já ouviram falar de Sócrates e quais as ideias dele, isso é importante, pois, sempre devemos fazer o levantamento prévio dos alunos sobre a temática, de acordo com os ensinamentos freireanos. Pedi para os alunos pesquisarem mais sobre Sócrates e procurar imagens dele e trazer na próxima aula para continuarmos debatendo. Fiz um breve resumo sobre ele, dividi a turma em grupos e dei a eles a xérox da Apologia de Sócrates, dei alguns minutos para eles irem lendo nos seus grupos e depois fomos fazendo a leitura compartilhada do texto, sempre fazendo perguntas a eles para chamar a atenção e promover o diálogo.

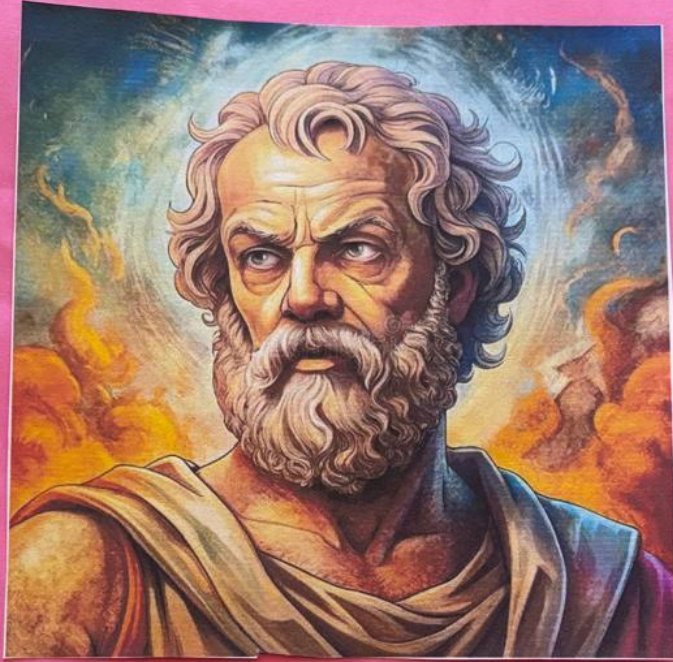
No segundo momento trouxe o texto da Alegoria da caverna, mais uma vez em grupos, com a leitura e aula dialogada, vendo o que eles estavam compreendendo sobre o texto. Após a troca de ideias pedi para eles escreverem os seus entendimentos e depois um componente do grupo ler e continuarmos essa Maiêutica ( parto das ideias). Fazendo por fim um paralelo do Mito da Caverna com as ideias socráticas e desse prisioneiro que saiu da caverna com Sócrates e os filósofos.

**Fundamentação teórica:** O próprio Sócrates é tema dessa estratégia didática, e com ele aprendemos a direcionar a Maiêutica- o parto das ideias, instigando as perguntas, ou seja, do diálogo para se chegar ao conhecimento, Kohan (experiência lúdica com o uso de imagens e as capas que os alunos produziram) Freire com o levantamento dos conhecimentos prévios deles, sempre colocando o aluno como sujeito ativo na aprendizagem.

**Exemplo prático:** Leitura e troca de ideias sobre o texto e no segundo momento a pesquisa sobre Sócrates e confecção de capas dos seus trabalhos. Os alunos farão um resumo do que entenderam sobre o texto da Alegoria da Caverna.



# Sócrates



Sócrates foi um filósofo grego que revolucionou o pensamento ocidental ao contrário da maioria dos filósofos antigos, que, para se dedicarem ao ofício filosófico, deveriam possuir posses para não precisarem trabalhar, Sócrates era filho de um artesão e de uma parteira, tendo exercido o ofício do pai em sua juventude e

# Filosofia

- 1- Sócrates foi acusado de quê? Explique
- 2- Quem eram os acusadores de Sócrates?
- 3- Explique a frase: "Só sei que nada sei."
- 4- Qual foi a sentença dele?

## Desenvolvimento

- 1- Ele não reconhecia os deuses de não acreditar neles como os outros por isso foi acusado por não crê nos deuses deles.
- 2- Amigo e os mais antigos Melito e Lisíaco.
- 3- Ele acreditava que a busca do conhecimento é mais importante do que as respostas prontas.
- 4- Ele foi condenado à morte inenunciada

Essas são algumas perguntas que podem ser feitas sobre Sócrates. No momento das aulas questionamos também: Quais as principais ideias dele? Você já ouviu alguma frase de Sócrates? Qual? O que ela significa?

# FILOSOFIA

## A alegoria da caverna – A república (514-517 a.C.)

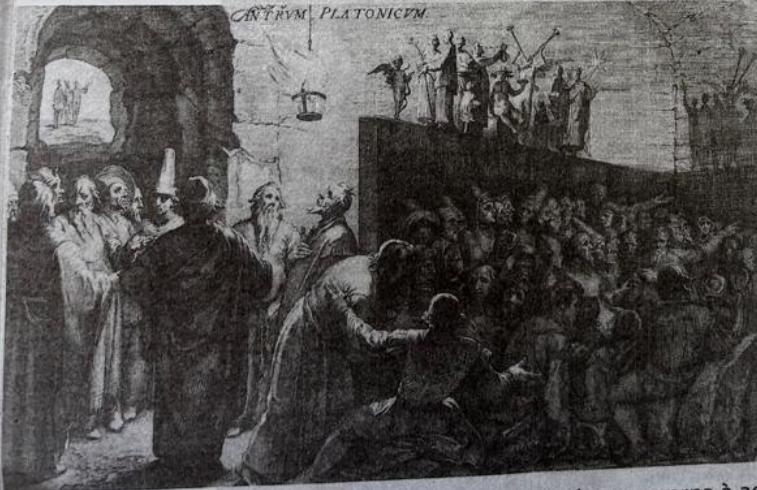
Imagine homens que vivem em uma caverna desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar e só conseguem ver a parede a sua frente. Atrás dos prisioneiros, existe um muro e, entre eles e o muro, existe um caminho que leva para fora da caverna, onde está situada uma fogueira. Acima do muro, exibidores expõem marionetes que projetam sombras na parede que está em frente aos prisioneiros. Também sobre o muro, pessoas caminham carregando os mais diversos artefatos, como estátuas de homens e animais, que igualmente projetam sombras na parede a frente dos prisioneiros, de forma que a única coisa que veem são as sombras projetadas e só ouvem as vozes dos passantes.

Então, a única coisa que os prisioneiros podem conhecer são essas imagens e sons e, se pudessem falar, nomeariam essas sombras como seres reais e acreditariam que as vozes fossem de Zeus.

Imagine agora que um dos prisioneiros se liberta da caverna. Os primeiros movimentos lhe seriam sofridos. Ao sair da caverna, a luz do sol ofuscaria sua visão até se acostumar com a claridade. Essa seria a primeira vez que ele teria conhecimento de outra coisa que não as sombras. Mas será que ele acreditaria que está mais perto da realidade do que antes? Ele não tomaria as sombras como os próprios objetos?

Devagar, acostumando-se a luz do sol, ele poderia ver os objetos, o reflexo deles no rio, e então poderia vislumbrar o céu, os astros, as árvores. Depois, poderia observar o próprio sol e não apenas o seu reflexo.

Nesse momento, se ele se lembrar de sua primeira morada, da ciência que ali se possuía e de seus antigos companheiros, não acha que ficaria feliz com a mudança e teria pena deles?



Suponha agora que ele resolva voltar à caverna, libertar seus colegas e contar-lhes sobre a realidade que ele viu. Ele iria querer dizer que as sombras que até então se via, são apenas espectros da realidade. No entanto, será que os outros prisioneiros acreditariam nele, uma vez que só conhecem as sombras e as trevas?

Então, no diálogo platônico, Sócrates afirma: é preciso aplicar exatamente essa alegoria ao que dissemos anteriormente. Devemos assimilar o mundo que apreendemos pela vista à estada na prisão, a luz do fogo que ilumina a caverna à ação do sol. Quanto à subida e à contemplação do que há no alto, considera que se trata da ascensão da alma até o lugar inteligível, e não te enganarás sobre minha esperança, já que desejas conhecê-la. Deus sabe se há alguma pos-



## A caverna de platão

A caverna de platão é um mito que mostra um ponto de vista de um filósofo chamado platão esse mito tenta explicar a ignorância do ser humano que prefere ser ignorante do que buscar a verdade se prendendo só a o que se vê. Tema isso como verdade não questiona e não busca explicações prefere fechar os olhos do que buscar uma explicação, ficando nas sombras e quanto mais perdidos mais ele se perde e menos busca a luz da verdade e quando a alguém traz a luz até ele, ele o chama de louco. O homem que saiu da caverna é o filósofo.



# Reflexão

25 07 21

O texto nos trás a reflexão de "sair" da **carcerina** ou seja sair da ignorância do mundo, ser mais alerta com as coisas precisamos de um pouco de filosofia em nossas vidas e sair da ignorância sobre mundo que só nos deixa aprisionados em nossa própria ignorância e falta de conhecimento.

No texto trás a imagem de pessoas aprisionadas dentro da carcerina e quando uns dele sai da carcerina e vê o mundo lá fora pela primeira vez, ele ficam impressionados com tudo que veem e tudo que eles tinham perdido por todo aquele tempo e quando ele volta e fala como é maravilhoso não ser mais daquela carcerina e está aprisionado, os que estavam ali querem matar eles. O seja ninguém quer da verdade e ninguém quer sair do mundo de escuridão e ignorância.

Se todos tivesse um pouco de filosofia o mundo seria melhor. A filosofia é mais do que só saber, vai mais além de tudo



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAHIA. Documento Curricular Referencial da Bahia para o Ensino Médio (v. 2) /Secretaria da Educação do Estado da Bahia. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.

BERUTTI, Flávio (org.) **Projeto Recomeçar: Educação de Jovens e Adultos. EJA:** Ensino Médio- Ciências Humanas e suas Tecnologias. Curitiba: Divulgação Cultural, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

Imagem de Sócrates que está na capa da cartilha. Disponível no site: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/socrates-biografia.htm>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2025.

MARCONDES, Danilo. Textos básicos de Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

PLATÃO. Apologia de Sócrates e Banquete. São Paulo: Martin Claret, 2005.

PLATÃO. A República. Tradução de Pitro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2006.

Pinto, Felipe Gonçalves; Pereira, Taís Silva. Produtos educacionais de filosofia: a produção do mestrado profissional e seu contexto. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v.28, n.44, p.108-132, jan.-jun 2019.